

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA POLÍTICA
INTERNACIONAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AS GRANDES POTÊNCIAS EM DIREÇÃO AOS RECURSOS
NATURAIS SUBSAARIANOS: PARTICIPAÇÃO NOS
CONFLITOS LOCAIS

LETICIA WITTLIN MACHADO

ORIENTADOR: PROF. DR. MAURÍCIO METRI

Rio de Janeiro, RJ. Brasil

Junho, 2012

AS GRANDES POTÊNCIAS EM DIREÇÃO AOS RECURSOS NATURAIS SUBSAARIANOS: PARTICIPAÇÃO NOS CONFLITOS LOCAIS

Letícia Wittlin Machado

Dissertação submetida ao programa de pós-graduação em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a conclusão do curso de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Metri

UFRJ

Rio de Janeiro, RJ. Brasil
2012

Leticia Wittlin Machado

As Grandes Potências em Direção aos Recursos Naturais Subsaarianos: Participação nos Conflitos Locais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do título de Mestre em Economia Política Internacional.

Prof. Dr. Maurício Médici Metri (orientador)
Instituto de Economia/UFRJ

Prof. Dr. José Luis Fiori
Instituto de Economia/UFRJ

Prof. Dr. Raphael Padula
PEPI /UFRJ

Prof. Dr. Darc Costa

Prof. Dr. Clarice Vieira
UFRRJ

Junho, 2012

M149

Machado, Letícia Wittlin

As grandes potencias em direção aos recursos naturais subsaarianos : participação nos conflitos locais. / Letícia Wittlin Machado – Rio de Janeiro, 2012.

167 f.

Orientador: Professor Doutor Maurício Metri

Bibliografia: f. 135-157

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, 2012.

1. África, Sub-Saara - Geopolítica. 2. Recursos naturais – África, Sub-Saara. 3. Conflitos regionais – África, Sub-Saara. 4. China. 5. Estados Unidos. I. Metri, Maurício. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. III. Título.

CDD. 333.7

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai, Paulo Pernambuco Machado, que luta comigo em todas as minhas batalhas e sem o qual eu não sobreviveria;

Agradeço à minha mãe, Ana Lúcia Cintra Wittlin, avós Zilmar Cintra Wittlin, Wilson Lopes Machado e Maria Luiza Pernambuco Machado, e novamente ao meu pai, pela grandeza de vocês e pelo caráter que me ensinaram;

Agradeço imensamente ao meu orientador, Maurício Metri, que aceitou participar comigo desta jornada e por tantas vezes me trouxe de volta à estrada;

Agradeço ao Prof. Eduardo Crespo, desde o início disponível, amável e com muito a acrescentar;

Agradeço à banca examinadora, formada pelos professores José Luis Fiori, Darc Costa, Raphael Padula e Clarice Vieira;

Agradeço aos meus amigos do PEPI, Caio Simas, Carla Curty, Marina Gouveia, Tiago Sales e Rodrigo Suprani, pela amizade e apoio; e ao PEPI, pela grande oportunidade a mim oferecida.

Por fim, agradeço ao meu companheiro, Guilherme Nascimento, mesmo quando não compartilha as mesmas angústias ou por vezes não as compreende, mas que me oferece afago e apoio incondicionais.

RESUMO

O crescimento da economia mundial liderado pela China tem provocado um acirramento da competição interestatal pelo acesso aos recursos naturais estratégicos. Baseado nesta premissa, os interesses das grandes potências têm-se voltado para a África subsaariana e influenciado as questões domésticas, especialmente os conflitos na região. Esta pesquisa pretende oferecer um mapeamento dos países da África Subsaariana nos quais a combinação de conflitos ativos, entre as décadas de 1990 e 2010, e a existência de reservas de recursos naturais estratégicos esteve associada à interferência das grandes potências, em especial Estados Unidos e China, e tem como finalidade discutir o seu papel na dinâmica destes conflitos. Com base no levantamento histórico desses conflitos, espera-se expor uma correlação entre esses três pontos. Pretende-se demonstrar que as grandes potências do Sistema Internacional, especialmente China e Estados Unidos, exercem um papel crítico no desenvolvimento dos conflitos internos da África subsaariana que possuem recursos naturais, definindo sua duração e formato e, por conseguinte, seu resultado final.

Palavras-chave: África subsaariana; recursos naturais, conflitos, China, Estados Unidos, geopolítica.

ABSTRACT

The world's economic growth driven by China's fastest growing economy has increased interstate competition for access to strategic natural resources. Based on that premise, the great powers interests have been directed to the Sub-Saharan Africa and have influenced domestic matters, especially the local conflicts. This research intends to map Sub-Saharan countries in which the combination of active conflicts between 1990 and 2010 and natural resources have been associated to the great powers' interference, specially United States and China, and to discuss their role in the conflict's dynamics. Based on historic data about these conflicts, we expect to present the correlation between the three of them. We intend to point out that the great power of the International System, especially China and the United States, play a critical role in the development of domestic conflicts in the Sub-Saharan Africa which are enriched with natural resources, defining their duration and format, and therefore their final result.

Key words: Sub-Saharan Africa, natural resources, conflicts, China, United States, geopolitics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - A Inserção Histórica da África no Sistema Internacional e os Debates Teóricos sobre Conflitos-Recursos Naturais	5
1.1 A África Subsaariana no Tabuleiro das Grandes Potências: uma Revisão Histórica.....	7
1.1.1 Os três estágios temporais da relação conflitos- grandes potências.....	9
1.2 - Recursos Naturais e Conflitos na África Subsaariana: Debates Teóricos.....	20
CAPÍTULO 2 - Os Recursos Naturais na África Subsaariana	25
2.1 Petróleo.....	30
2.1.1 Reserva.....	35
2.1.2 Produção.....	39
2.1.3 Consumo	44
2.3 Ouro.....	47
2.3.1 Reserva.....	51
2.3.2 Produção.....	54
2.3.3 Empresas	63
2.3.4 Consumo	65
2.4 Considerações.....	66
CAPÍTULO 3 - A Geopolítica das Grandes Potências em Direção aos Recursos Naturais	70
3.1 Interesses Geopolíticos	70
3.1.1 China	71
3.1.2 Investimentos diretos (IDE) e investimentos em carteira	85
3.1.3 Estados Unidos	95
3.3 Considerações.....	99
CAPÍTULO 4 - A África em Guerra	100

4.1 As Guerras	100
4.2 Características Gerais dos Conflitos.....	102
4.3 A Guerra Civil de Angola 1975-2002	105
4.4 Sudão	112
4.5 Serra Leoa- 1997-2001	116
4.6 Recursos x Conflitos x Interesses Geopolíticos	119
4.7 Considerações.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130

BIBLIOGRAFIA	134
---------------------------	------------

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01- Principais Recursos Naturais na África Subsaariana.....	29
Tabela 02- Produção Africana- % Mundial.....	87
Tabela 03- Reservas Provadas de Petróleo- 1990 - 2010, África Subsaariana.....	37
Tabela 04- Maiores Produtores Mundiais de Petróleo – 2010.....	40
Tabela 05 Produção de Petróleo na África entre 2000 e 2010.....	41
Tabela 06- Maiores Consumidores Mundiais de Petróleo, 2010.....	45
Tabela 07- Maiores Detentores de Ouro, 2011.....	51
Tabela 08- África Subsaariana- Projeção e Histórico da Produção de Ouro Subsaariano, 1995-2015.....	62
Tabela 09- Setores de Maior Consumo de Ouro- 2010/2011.....	65
Tabela 10- Maiores Fontes de Petróleo para a China na África.....	81
Tabela 11- Maiores Doadores e Receptores de ADO.....	90
Tabela 12- Comércio EUA- África em Milhões de Dólares 1997- Jun/2011.....	97
Tabela 13- Conflitos na África Subsaariana.....	101
Tabela 14- Estados Dependentes de Recursos Naturais.....	104
Tabela 15- Movimentos Separatistas e Recursos Minerais.....	110

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01- Mapa Político da África.....	6
Figura 02- Taxas de Pobreza e Crescimento do PIB- 1999- 2008.....	17
Figura 03- Taxas de Crescimento Populacional 1971- 2007.....	18
Figura 04- Mapa dos Recursos Naturais.....	36
Figura 05- Reservas Mundiais Provadas de Petróleo por Região Geográfica, 2010.....	36
Figura 06- Reservas Provadas de Petróleo por País (%Mundial), 2010.....	36
Figura 07- O Petróleo na Nigéria.....	43
Figura 08- Império Mali.....	48
Figura 09- Distribuição Percentual das Principais Reservas Mundiais de Ouro por país- 1995- 2007.....	53
Figura 10- Reservas Mundiais de Ouro, 2011.....	54
Figura 11- Campos Auríferos na África do Sul.....	55
Figura 12- Produção Mundial de Ouro em 2009.....	56
Figura 13- Demanda Mundial por Ouro- 2010.....	66
Figura 14- A Infraestrutura na África.....	66
Figura 15- Demanda por Petróleo- China, Japão e Coréia.....	72
Figura 16- Aumento das Exportações Africanas para os Estados Unidos e China: 1998-2006.....	74
Figura 17- Comércio China- África 1995-2005.....	84
Figura 18- IDE e ADO para a África 2000-2011.....	86
Figura 19- Entrada de IDE na África, % por país, 2001 - 2010.....	87
Figura 20- Investimento Externo Direto da China na África- 2005.....	89
Figura 21- ADO França e reino Unido.....	93
Figura 22- Evolução da ADO Francesa e Inglesa à África: 1960- 2008.....	94
Figura 23- Oleoduto e Campos de Petróleo no Sudão.....	114
Figura 24- Mapa dos Recursos Naturais e Conflitos entre 2002- 2005.....	121
Figura 25- Rotas de escoamento dos Recursos Naturais para EUA e Europa.....	122
Figura 26- Zonas Militares no Golfo da Guiné.....	123
Figura 27- Conflitos e Número de Mortes da Década de 1990.....	129

INTRODUÇÃO

A África subsaariana é limitada pelos contornos do deserto do Saara, um acidente geográfico que separou as culturas e costumes nortistas daquelas existentes no sul e definiram política e economicamente a história de ambas as regiões. A região, recorrentemente chamada de África negra, esteve inserida na economia mundial a partir do tráfico negreiro no século XV. Conforme o aumento da demanda por recursos naturais impostos pela crescente urbanização e alto custo das guerras europeias, as reservas metálicas e energéticas africanas tornaram-se cada vez mais estratégicas. Em 1884-5 o continente foi repartido pelas potências europeias na conferência de Berlim, quando a África consolidou seu papel de fornecedora de matéria prima e mercado para os produtos industrializados europeus. Movimentos mundiais em prol da autodeterminação dos povos somados à revoltas internas nos países africanos trouxeram a independência política das nações subsaarianas na segunda metade do século XX, e iniciou-se uma nova fase de conflitos nacionais que serão a base para os conflitos posteriores das décadas de 1990-2010.

Durante a década de 1990, a implantação da agenda neoliberal e da expansão da economia capitalista desenhou o Sistema Internacional, uma consequência da vitória americana sob a União Soviética. O fim da guerra fria transformou as políticas e ajuda financeira gerada pelas disputas do sistema bipolar na África negra e tornou-se imprescindível às partes envolvidas nos conflitos locais encontrar alternativas à lacuna deixada pelo fim do embate entre as superpotências.

Logo após, durante a década de 2000, o rápido crescimento da economia chinesa e consequentemente da economia mundial trouxe de volta a centralidade dos países africanos devido aos recursos naturais existentes no continente, gerando uma nova corrida imperialista para a África. Neste cenário, a África tem sido palco de grandes investimentos e disputas por posições estratégicas, respondendo em parte às necessidades geradas pelo patrocínio dissipado da Guerra Fria.

O enfoque desta pesquisa privilegia entender de que modo a intervenção política, econômica e militar das grandes potências, especialmente Estados Unidos e China, influencia o desenvolvimento das disputas internas relacionadas aos recursos naturais dos países

africanos. O trabalho tem como finalidade analisar os movimentos geopolíticos dos atores citados e responder qual é a sua influência nos conflitos.

A hipótese adotada propõe que parte dos conflitos políticos comuns à África Subsaariana na última década deve-se fundamentalmente ao acirramento da competição e disputa entre os *big players*, movidos pelo rápido crescimento da economia mundial liderado pela China, pelo controle e domínio dos recursos naturais na região, através de interferências militares e políticas. Sugere que atores externos tendem a incentivar e se beneficiar dos conflitos internos em determinados países e que, por este motivo, as guerras internas que ocorreram na última década apresentam um caráter global.¹ Sustenta, ainda, que a inserção da África Subsaariana na Economia Internacional e a atuação das grandes potências desde a colonização direta no século XIX, através da formação de fronteiras artificiais, desmantelamento do modo de produção africano e da organização política local, foram determinantes para os conflitos ocorridos a partir de 1990 na região.

A metodologia de investigação será de análise histórico-político das fontes consultadas e baseia-se em três passos principais: mapeamento dos principais recursos estratégicos na África subsaariana, onde serão analisados de forma mais extensa dois recursos naturais: um estratégico, o petróleo, e outro específico, o ouro, ambos fortemente associados às guerras africanas; análise da intervenção das grandes potências e seus interesses na região e conseqüentemente nos conflitos locais e, por último, levantamento histórico dos principais conflitos relacionados aos recursos naturais e ocorridos nos últimos vinte anos.

Serão utilizados como fonte de dados atlas geográficos construídos com base em um sistema de informação georeferenciada, como o *Atlas Geopolitique* do Lacoste e mapas encontrados em periódicos e institutos de pesquisa. Será feita uma representação espacial geográfica dos três levantamentos de modo a tornar mais clara esta correlação. As interpretações de Phillippe Le Billon, Macartan Humphreys, Paul Collier e Anke Hoeffler sobre a relação entre recursos naturais e os conflitos na África subsaariana serão de grande utilidade para a nossa análise. Utilizaremos referências bibliográficas, assim como os

¹ DASHWOOD, H., *Zimbabwe, The Political Economy of Transformation*, University of Toronto Press. 2000; e WILLUM, B. *Foreign Aid to Rwanda: Purely Beneficial or Contributing to War?* Dissertation. 2001

levantamentos citados acima, como fonte de pesquisa para verificar a veracidade da nossa hipótese.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo faremos uma breve explanação sobre a inserção histórica da África Subsaariana no Sistema Internacional; em seguida, mostraremos os três estágios embrionários dos conflitos subsaarianos, os quais estiveram relacionados com as movimentações das grandes potências; por último, apresentaremos um mapeamento das principais teorias que relacionam conflitos e recursos naturais estratégicos na África Subsaariana.

O capítulo dois está dividido em duas partes: primeiramente será apresentado um mapeamento dos principais recursos estratégicos, e objeto de disputa das grandes potências, encontrados na África subsaariana; em seguida, discursaremos sobre o petróleo e o ouro, inserindo-os no contexto internacional e discursando brevemente sobre sua história na África. Dentre a variedade de recursos naturais encontrados na África, estes foram selecionados pelo seu papel na economia política internacional e, juntamente com os diamantes, por estarem mais associados aos conflitos na África subsaariana. Utilizaremos gráficos para expressar a relevância das reservas, demanda e produção na África subsaariana. Também será apontada a utilidade de tais produtos, de modo a esclarecer sua relevância.

O terceiro capítulo tem como foco a importância, a influência e os interesses geopolíticos da China e dos Estados Unidos principalmente, a partir da década de 1990, demonstrados através do crescimento do comércio, investimentos e ajuda internacional na região. Aponta para as diferentes abordagens adotadas por eles e demonstra como a China, que iniciou sua política mais agressiva recentemente, tem alcançado seus adversários devido à alta velocidade de sua expansão.

No quarto capítulo, o leitor encontrará um levantamento dos conflitos na África subsaariana, nas décadas de 1990 e 2000. Partindo do pressuposto que a região possui diversas similaridades históricas, políticas e econômicas, discursaremos primeiramente sobre características gerais e comuns aos conflitos; em seguida empregaremos os casos de Angola, Serra Leoa e Sudão reiterar nosso argumento. Será apresentada uma análise do papel das

grandes potências, especialmente China e Estados Unidos, na relação entre conflitos e recursos naturais.

Ao final da pesquisa pretendemos demonstrar que existe uma correlação entre os interesses dos grandes atores estatais e corporativos do Sistema Internacional e as disputas internas dos países da África subsaarianos dotados de reservas naturais e que o acirramento da disputa pelos recursos está relacionado com o crescimento da economia mundial, liderado pela China.

CAPÍTULO 1- A INSERÇÃO HISTÓRICA DA ÁFRICA NO SISTEMA INTERNACIONAL E OS DEBATES TEÓRICOS SOBRE CONFLITOS-RECURSOS NATURAIS

*A África é a única região no mundo onde o número de pessoas vivendo sob extrema pobreza, com menos de US\$ 1 ao dia, quase que dobrou entre o início dos anos 80 e 2004.*²

A África subsaariana é composta por 48 países independentes categorizados em cinco macrorregiões, quais sejam: África Ocidental, África Central, África Oriental, África Austral e a região indo-oceânico, como mostra o mapa da Figura 1.³ Sua superfície é de cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados e possuía em 2006 o maior índice de crescimento demográfico do mundo.⁴ Apesar dos recursos naturais encontrados em determinadas regiões, contribui apenas com 1,3% das exportações mundiais e possui mais da metade da população abaixo da linha da pobreza.⁵

² *Folha Online*. 2005. Disponibilidade e Acesso em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90202.shtml> Mar. 2011

³ As macrorregiões não são consensuais e por isso adotamos a versão do Prof. José Pereira em *África, um novo olhar*, 2006. Cadernos CEAP. Pg. 65:79. A África Ocidental é formada por Benin, Burkina-Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo. África Central: Burundi, Camarões, República Centro-Africana, Chade, Congo (Brazaville), República Democrática do Congo, Gabão, Guiné-Equatorial, Ruanda e São Tomé e Príncipe (Burundi e Ruanda são, muitas vezes, considerados como África Oriental. Na presente definição os aspectos decisivos foram geopolíticos e de integração regional). África Oriental: existem duas sub-regiões, o Chifre da África e a centro-oriental. Na primeira estão incluídos a Etiópia, Eritreia, Djibuti, Somália e Sudão (este sendo por vezes caracterizado como África do Norte. O que o define como parte da África Oriental é a forte comunidade negra. No entanto, a independência do Sudão do Sul, onde eles estão localizados, pode alterar essa divisão e transformar a parte norte em África do Norte. A África centro oriental é formada por Uganda, Quênia e Tanzânia (a qual também é considerada África Austral). África Austral: África do Sul, Angola, Botsuana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Suazilândia, Zâmbia e Zimbábue. Por último, a África indo-oceânica, ou do oceano Índico, é frequentemente agregada à África Oriental. Ela é composta por Madagascar, Maurício, Reunião, Comores e Seichelles.

⁴ PEREIRA, J.M.N. *África, um novo olhar*. 2006. Cadernos CEAP. pg.20

⁵ BARI, M. L. *Reflexões Acerca do Desenvolvimento na África Subsaariana: ideias e debates*. Salvador, 2006. Disponibilidade e Acesso no Site da ASSOCIAÇÃO GBCONTRIBUTO-CIDADANIA - Organização voltada para a promoção da Cidadania, dos Direitos Humanos e do Desenvolvimento Social na Guiné-Bissau: http://www.didinho.org/AFRICAEDSENVOLVIMENTO.htm#_ftn2 nov.2011

FIGURA 01- MAPA POLÍTICO DA ÁFRICA ⁶



- | | |
|---|--|
| África Ocidental | África Central |
| África Oriental | África Austral |
| Região Indo-Oceânico | África do Norte |

A África, em especial a África Subsaariana, esteve inserida no tabuleiro político internacional de acordo com os interesses das grandes potências, representado na divisão internacional do trabalho. Esteve, por conseguinte, sob a influência direta dos *big players* do Sistema Internacional durante diversas etapas históricas. Discorreremos, neste capítulo, por três períodos representativos da relação conflitos- recursos naturais, através de uma perspectiva político- histórica: a exploração no período colonial do século XIX, o período após as independências africanas a partir da segunda metade do século XX e a década de 1990 em diante.

⁶ História da África. Instituto de Relações Internacionais, PUC- Rio. Disponibilidade e acesso em: <http://africanas.wordpress.com/> Maio. 2012

Na segunda parte, exporemos o debate acadêmico acerca da relação entre conflitos e recursos naturais na região subsaariana, onde se encontram as principais ideias de Paul Collier e Anke Hoeffler encontradas em *Greed and grievance in civil wars*, de Phillippe Le Billon em *The Political Ecology of War: Natural Resources and Armed Conflicts*. e Macartan Humphreys. Ressonante com este trabalho, destacamos o argumento de Humphreys em *Natural Resources, Conflict and Conflict Resolution*, de que os recursos naturais funcionam como um incentivo para Estados e corporações se engajarem em disputas na África subsaariana, e a tese de Le Billon, onde as fontes têm o duplo papel de motivadoras e financiadoras dos conflitos.

1.1 A ÁFRICA SUBSAARIANA NO TABULEIRO DAS GRANDES POTÊNCIAS: UMA REVISÃO HISTÓRICA

Sobre as intervenções europeias, o especialista em estudos africanos José Pereira declara, citando o cientista político queniano, Ali Mazrui:

*Nenhum outro continente sofreu em tão pouco tempo, menos de um século, tantas mudanças impostas ou vindas do exterior quanto à velha e rural África. Mudanças políticas, como a do colonialismo, novas religiões, novas línguas; uma economia que não era majoritariamente monetizada passa de repente a ser globalizada ou ao risco da marginalização.*⁷

O processo histórico da intervenção política e econômica na África se insere no contexto da acumulação capitalista, sob a égide do capital mercantil e das articulações mundiais das grandes potências. A partir do século XV, o continente africano tornou-se uma região de interesse econômico europeu e a população nativa transformou-se em mercadoria comercializada no tráfico negreiro. Devido ao avanço do capitalismo e às necessidades apresentadas pela revolução industrial no século XVIII, as potências europeias adaptaram sua estratégia para a África contribuindo para os movimentos abolicionistas que visavam substituir o modelo escravista pelo assalariado. “*As the British moved into clear hegemony in*

⁷ PEREIRA, J.M.N. *África, um novo olhar*. cadernos CEAP. pg.21

the world economy, their priorities shifted...production of slaves is less profitable than cash-crop production.”⁸

As grandes potências reuniram-se na Conferência de Berlim ⁹, no final do século XIX, para acordar a extensão de seus domínios no continente africano e reafirmaram o papel africano na Divisão Internacional do Trabalho, tal como fornecedora de matéria prima e como mercado para seus produtos industrializados, em uma relação monopolista de trocas desiguais.

O neocolonialismo europeu na África serviu ao propósito de amenizar as tensões dentro da Europa, ao exportar desentendimentos entre fronteiras para outras regiões, evitando conflitos bélicos e mantendo o equilíbrio de poder no continente, conquistado desde 1815, com as políticas do Congresso de Viena. Impedia, ainda, pretensões das recentes nações naquele território. Politicamente, novas aquisições expandiam suas áreas de influência e, desta forma, representavam uma vantagem estratégica. Do ponto de vista religioso, ou mesmo a partir do debate de raças e da crença de superioridade ariana, a colonização era uma resposta funcional para o sentimento de incumbência de civilizar outras regiões, a qual justificava o processo de colonização e exploração imperialista.¹⁰

A expansão europeia trouxe à África capitais e investimentos estrangeiros, direcionados, na grande maioria, para o escoamento da produção de commodities. Como aconteceu na África Austral em fins do século XIX após a descoberta de metais e de fontes minerais no *hinterland* ¹¹, estradas e ferrovias foram construídas pelos britânicos interessados em transportar aos principais portos no Atlântico e Índico recursos naturais e produtos agrícolas. ¹² Ambas as ferrovias e o transporte marítimos delimitaram a geografia econômica do continente e iniciaram, de acordo com os interesses estratégicos das nações colonizadoras, um processo de integração econômica.

⁸ WALLERSTEIN, I. *Africa and the Modern World*. 1986. Africa World Press. Pg.106

⁹ A Conferência de Berlim ocorreu entre o final de 1884 e início de 1885 em Berlim, Alemanha, com o intuito de estipular regras e normas para a ocupação da África pelas potências européias.

¹⁰ LESSA, *História das Relações Internacionais*, p.142.; PRUNIER, *The Rwanda Crisis: History of a Genocide*, p. 7-9 passim.

¹¹ A expressão Hinterland foi utilizada neste trabalho para caracterizar regiões associadas economicamente com o centro de comércio primário ou áreas ao redor das colônias

¹² PEREIRA, J.M.N. *África, um novo olhar*. Rio de Janeiro, cadernos CEAP, 2006. P. 76

As grandes transformações ocorridas no século XX, entre elas a autodeterminação dos povos, o início e fim da Segunda Guerra Mundial e da subsequente Guerra Fria, mais as crises internacionais alteraram a relação entre África e países centrais. Nesta dinâmica, denominada imperialista, houve distintas fases e acompanhando-as esteve o interesse dos principais atores do Sistema Internacional, tema que será tratado mais adiante.

1.1.1 Os três estágios temporais da relação conflitos- grandes potências

A constituição dos conflitos subsaarianos atuais remonta às negociações realizadas durante a conferência de Berlin em 1884/5, permeia o período colonial e as questões apresentadas a partir das independências africanas na década de 1950 e, por fim, revela-se fruto das medidas adotadas sob a influência da economia neoliberal e acentuada globalização financeira que ocorreu dos anos 1990 em diante. Esses três estágios têm como referência os interesses geopolíticos das economias centrais, as quais determinam o rumo da economia internacional e das economias domésticas dos Estados que compõem o Sistema Internacional.

Na relação de causalidade encontrada nessas três etapas estão as consequências geográficas, políticas e econômicas geradas a partir dos primeiros contatos europeus no continente africano, pelas quais se explicam os conflitos subsaarianos da década de 1990 em diante:

i) 1º estágio- 1884- 1950

Da formação de fronteiras artificiais, medidas e determinadas pelos interesses dos detentores do poder, resultou a proximidade de ex- colônias e metrópoles, a qual favoreceu determinadas nações nas relações comerciais bélicas e treinamento militar durante as guerras. Foi também fator gerador de instabilidade política, resultado do ajuntamento de reinados e sociedades distintas sob um só poder, eleitas e administradas pelos europeus. Para conquistar e controlar seus novos territórios, as nações colonizadoras se valeram de políticas que preteriam grupos sobre outros, através da eleição de cargos públicos e de alto escalão, ou restringindo o acesso à educação. Suas medidas estimularam as diferenças sociais e incitaram sentimentos negativos entre etnias e raças, as quais não raramente conviviam em harmonia

antes da interferência europeia.¹³ A técnica conhecida como “dividir para conquistar” foi mais um elemento que favoreceu a instabilidade política na região, a qual por sua vez foi responsável por inúmeros golpes de Estado e produziu diversos governos ditatoriais desde então.

Na esfera econômica, o desmantelamento do modo de produção africano- qual seja o cultivo coletivo das terras e o artesanato urbano- foi substituído pelo modo de produção colonial representado no capital mercantil, relacionado ao “exclusivo metropolitano” e a “vocação produtiva”, onde as trocas eram justamente escolhidas pela e para as potências colonizadoras.¹⁴ A economia da monocultura, baseada no modelo agroexportador, esteve subordinada aos respectivos modelos de exploração implantados por cada metrópole na sua colônia e inserida na divisão internacional do trabalho. Durante a prática, as terras coletivas foram expropriadas e privatizadas em favor dos europeus, das elites dominantes e das grandes companhias comerciais europeias exportadoras. Esta relação assimétrica infligida pela metrópole resultou na dependência dos países africanos de suas exportações de commodities primárias, característica que permanece até hoje como o epicentro das economias africanas. A partir desse entendimento, torna-se mais claro o caminho que nos conduz ao segundo estágio, deflagrado no momento em que as distintas sociedades e reinados agrupados no mesmo território político deixaram de compartilhar um objetivo comum: sua independência perante a metrópole.

ii) O 2º estágio- 1950-1990

A política para a África após 1945 foi pautada no contexto da guerra fria. A África tornou-se uma extensão do conflito EUA-URSS, guiada pela relação de forças entre estas duas potências, e seus espaços políticos e econômicos foram utilizados como zonas de influência de cada uma delas. Enquanto buscavam adaptar os países africanos aos seus modelos econômicos e alinhamentos políticos correspondentes, Estados Unidos e União Soviética ofereciam assistência ou impunham restrições e embargos. Nesse contexto, os

¹³ PRUNIER, G. *The Rwanda crisis: history of a genocide*. New York: Columbia University Press, 1995, 378 p.

¹⁴ BARI, M. L. *Reflexões Acerca do Desenvolvimento na África Subsaariana: ideias e debates*. Salvador, 2006. Disponibilidade e Acesso no Site da ASSOCIAÇÃO GBCONTRIBUTO-CIDADANIA - Organização voltada para a promoção da Cidadania, dos Direitos Humanos e do Desenvolvimento Social na Guiné-Bissau: http://www.didinho.org/AFRICA/DESENVOLVIMENTO.htm#_ftn2 Mar.2011

países da África subsaariana dividiram-se entre os não alinhados, simpatizantes do modelo socialista, e os países alinhados aos seus antigos colonizadores. No contexto do contencioso sino-soviético pós Stalin, em meados da década de 1950, a China, por sua vez, valeu-se de sua política de solidariedade ideológica nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento para permitir a construção do comunismo chinês em diversos países africanos. Apesar de não ter havido confrontos militares entre as grandes potências em solo africano, o envolvimento internacional nos guerras internas do continente o delimitou como território de disputa internacional.

Governos e grupos militantes encontraram apoio e financiamento no contexto internacional da Guerra Fria. Posições estratégicas, dominação cultural, apoio nos organismos internacionais, recursos naturais e, principalmente, a expansão de seu poder, que representava o encolhimento do outro, eram objetivos propulsores de financiamento, apoio militar e político à África subsaariana entre 1950 e 1990. Laidi afirma que, “*the Soviet- American benediction in Southern Africa confirms the crucial role the superpowers have taken on in the exacerbation and the denouement of African crises since 1975.*”¹⁵

Um exemplo da disputa europeia na África, a União Soviética tratou de transformar as ex- colônias de Angola e Moçambique, logo após suas independências, em estados de orientação marxistas, providos com equipamento soviético e treinamento de exércitos. A atitude foi um movimento estratégico contra a África do Sul, um grande produtor mineral diretamente influenciado pela Inglaterra e, a partir de 1960, pelos Estados Unidos e Israel.

Em 1973, no auge do embargo do petróleo, o Premier soviético Leonid Brezhnev declarou ao então presidente somaliano Siad Barre que a estratégia soviética para os recursos naturais era conseguir o controle de energia do Golfo Pérsico e dos recursos minerais da África Central e Sudeste, ambas as regiões essenciais para o ocidente¹⁶.

Na esfera econômica, não houve ruptura do modo de produção colonial após as independências. De acordo com Samir Amin, em *O Capitalismo e a renda fundiária*¹⁷, o

¹⁵ Laidi, Zaki. *The Superpowers and Africa: The Constraints of a Rivalry:1960-1990*. Chicago: Univ. Of Chicago, 1990. Pg xvii

¹⁶ Nixon, M. 1980. *The Real War*. New York: Warner Books. P.23.

¹⁷ AMIN, S. *O Capitalismo e a renda fundiária*. In: *A Questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 179p.

movimento foi, na verdade, contrário; aprofundou-se e ampliou-se a economia de troca, onde os países africanos permaneceram como fornecedores de produtos agrícolas de baixo valor monetário, permitindo a redução do valor da força de trabalho nos setores capitalistas. Contudo, a partir das independências, o tipo de bem produzido passou a ser determinado pelo mercado¹⁸.

O fim da Segunda Guerra Mundial havia provocado novos debates econômicos e políticos que enalteciam o princípio da autodeterminação dos povos. Entre 1960 e 1973, o período que se seguiu a maior parte das independências africanas, o crescimento econômico na região subsaariana era notável e as expectativas de contínuo desenvolvimento e crescimento econômico eram elevadas.¹⁹ As duas décadas seguintes, no entanto, não corresponderam ao esperado, quando a maioria dos países vivenciou um período de estagnação ou declínio. Diversos modelos de desenvolvimento elaborados estrangeiros foram aplicados pelos recém-formados governos africanos, sendo os três principais às teorias da modernização- aplicadas durante as décadas de 1950 e 1960, da dependência- década de 1970, e a liberal- década de 1990. Tais modelos tiveram significativa importância no processo político-econômico que se seguiu às independências, apesar de não terem alcançado o sucesso esperado, porém não nos cabe discutir aqui suas causas, desenvolvimento e consequências.

Durante a década de 1970, diversos fatores contribuíram para o declínio das economias centrais, que se relacionavam entre si de forma interdependente e atrelada aos EUA. Com as medidas adotadas pelo governo americano, como o fim da paridade fixa dólar - ouro, somadas as sucessivas crises, como os choques do petróleo, houve uma recessão generalizada, que afetou de forma mais acentuada os países agrícolas exportadores. Em decorrência da crise capitalista que se instaurou, o mercado internacional contraiu-se provocando um declínio das exportações dos países africanos. Devido à dependência econômica de suas exportações, os Estados africanos tiveram altos déficits de balanço de pagamentos.

¹⁸ BARI, M. L. *Reflexões Acerca do Desenvolvimento na África Subsaariana: ideias e debates*. Salvador, 2006. Disponibilidade e Acesso no Site da ASSOCIAÇÃO GBCONTRIBUTO-CIDADANIA - Organização voltada para a promoção da Cidadania, dos Direitos Humanos e do Desenvolvimento Social na Guiné-Bissau. Disponibilidade e Acesso em: http://www.didinho.org/AFRICAEDSENVOLVIMENTO.htm#_ftn2 Mar.2011

¹⁹ LANGTON, D. “U.S. Trade and Investment Relationship with Sub-Saharan Africa: The African Growth and Opportunity Act and Beyond”. 2008. Congressional Research Service. Disponibilidade e Acesso em: <http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL31772.pdf>

Economicamente, a condução das políticas nacionais, influenciada pela bipolaridade da Guerra Fria, não obteve bons resultados em geral, agravando um espaço conflituoso e embrenhado por resquícios coloniais. Os produtores tradicionais podiam ou subordinar-se a política econômica legal oferecida pelo governo, a qual respeitava a “vocação” da produção nacional, ou entregar-se aos intermediários, reais estabelecadores dos preços agrícolas. A monocultura e as práticas sem supervisão de manejo do solo levaram ao desgaste da terra e mantiveram baixos índices de produtividade agrícola. No mais, houve um vácuo de mão de obra qualificada, constituída praticamente por europeus, após as independências, quando estes regressaram ao seu continente de origem.

Devido a problemas estruturais relacionados às fronteiras artificiais, à união de povos distintos sob o mesmo território, ao incitamento do ódio entre os grupos e desmantelamento do modo de produção africano- o qual não pôde ser substituído com sucesso, apesar dos debates desenvolvimentistas, constatou-se que após as independências tornava-se praticamente impossível a construção de Estados-nação capazes de aplicar políticas de estado em prol do desenvolvimento.

A dependência de exportações de commodities primárias, iniciada no século XIX e que não pôde ser substituída de forma bem sucedida, resultou em baixo desenvolvimento econômico com taxas de crescimento baixas ou negativas e ausência de instituições públicas sólidas. Ambas aumentaram as propensões à instabilidade política e ao surgimento de governos ditatoriais, muitos apoiados por outros Estados. Neste cenário, o ressentimento e descontentamento da população local tornaram-se constantes, alimentando os grupos partidários e segmentos radicais que lutavam por mudanças políticas.

Os efeitos do colonialismo, como o desmantelamento do modo de produção africano e a consequente dependência de exportação de commodities primárias, foram responsáveis ainda pelo enfraquecimento ou paralisação de segmentos da economia. Um caso clássico na África, o Gabão teve sua indústria têxtil enfraquecida pelo rápido desenvolvimento da indústria petrolífera e sua crescente importância na economia do país.²⁰ “*Os altos ganhos*

²⁰ SÖDERLING, L. “*Escaping the Curse of Oil? The Case of Gabon*”. 1993. IMF Working Paper. P.3

tornam a corrupção mais disseminada, grandes fluxos de moeda estrangeira podem elevar as taxas de câmbio e tornar os demais produtos de exportação menos competitivos”²¹.

Por mais que houvesse, durante os debates desenvolvimentistas, uma tentativa de tornar-se menos dependente das exportações, a falta de reformas e a má gestão das políticas públicas relacionadas aos investimentos, taxa de juros, crédito e inflação- agravados ainda pela corrupção existente nesses departamentos- mantiveram as exportações agrícolas, minerais e energéticas setores de maior rentabilidade. Tanto neste estágio quanto no período posterior à queda do muro de Berlim, faltou um plano de desenvolvimento integrado, onde as políticas estivessem desvinculadas dos processos delineados no âmbito do modo de produção colonial²².

iii) A década de 1990

A partir dos anos 1990, passou a compor o Sistema Internacional uma superpotência- os Estados Unidos- ditadora da ordem neoliberal, dotada de “estratégia imperial” e com uma política externa mais belicista.²³ No debate do desenvolvimento, a teoria neoliberal ganhou espaço após uma década de crise do capitalismo, onde a existência do próprio sistema havia sido amplamente questionada. A partir da década de 1980, houve o desmantelamento e a substituição do *state-led approach* pelos modelos neoliberais, inseridos no paradigma do mercado. Novas políticas econômicas em “prol do desenvolvimento” foram adotadas, conduzidas pelas medidas propostas pelo Consenso de Washington. Tais políticas apostavam na liberalização dos mercados como solução econômica para as dificuldades financeiras dos países africanos e do resto do mundo. Sugeriam o corte de gastos do Estado e o fim das restrições às instituições financeiras internacionais em relação às nacionais, propunha a redução de taxas de importação e estímulos à exportação, eliminação de restrições ao capital externo e privatização. Todavia, os países credores não adotaram a postura proposta e a abertura de mercado favoreceu apenas a estes, uma vez que as dívidas externas e as taxas de inflação dos países da África subsaariana foram agravadas. Nas palavras de Fiori,

²¹ WEINTRAUB, S.; HESTER, A.; PRADO, V. Org. Cooperação energética nas Américas: entraves e benefícios. Ed. Elsevier. Pg.12. 553p.

²² BARI, M. L. Reflexões Acerca do Desenvolvimento na África Subsaariana: idéias e debates. Palestra Salvador, 2006. Disponibilidade e Acesso em: http://www.didinho.org/AFRICAEDSENVOLVIMENTO.htm#_ftn2

²³ FIORI, J, Estratégia Imperial dos EUA segue em expansão. Folha de SP, 01.12.2007. Acesso em jan.2012.

Depois da Guerra Fria e do fracasso da intervenção dos EUA na Somália, em 1993, os EUA redefiniram sua estratégia para o continente negro propondo, como objetivo central, o crescimento econômico, através dos mercados, da globalização e da democracia²⁴.

A teoria neoclássica e o programa de ajuste estrutural que acompanharam as propostas do Consenso de Washington afirmavam que a influência do Estado sobre o mercado deveria ser limitada e sugeriam livre fluxo de capital. Poupança e crescimento eram considerados os principais determinantes do crescimento econômico, onde a poupança do setor tradicional criaria o investimento no setor moderno.²⁵ Analisando os fatos, o historiador britânico Anthony G. Hopkins ²⁶ sugere que o sistema de mercado falhou inicialmente na África subsaariana porque as fontes domésticas não eram suficientes para estimular o crescimento da demanda efetiva, com alta densidade populacional e custo de transporte.²⁷ Para David Moore, a globalização neoliberal propunha a formação do Estado-nação, a acumulação primitiva de capital e a democratização, porém impunha obstáculos que tornavam estas metas inalcançáveis.

Neoliberal globalization simultaneously encourages these trends yet makes them difficult to resolve, given its anti-statism, its exclusionary version of democracy, and the violence inherent in the emergence of private property rights out of pré-capitalist modes of production that have been mediated by colonial and postcolonial institutions and the dynamics of the cold war.²⁸

Em meio a esta e outras transformações, três foram os meios institucionais de atuação e dominação externa na região subsaariana, notadamente através de organizações e organismos internacionais como Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (BM). São eles o comércio internacional, os investimentos diretos externos e a ajuda internacional. Ainda, outra jogada recorrente usada pelas potências dominantes é o perdão da dívida externa.

O programa de ajuste estrutural criado pelo FMI disseminou programas de estabilização e políticas aprovadas e financiadas por eles para reduzir a inflação doméstica,

²⁴ FIORI, J. “Guerra na África é a nova corrida imperialista”, *Folha de São Paulo*. 04.04.11

²⁵ NEGRÃO, J. Como induzir o desenvolvimento em África? O caso de Moçambique, p.5. Em: http://www.iid.org.mz/Como_induzir_o_desenvolvimento_em_Africa.pdf

²⁶ Hopkins é professor da Universidade do Texas e é conhecido pelo seu trabalho África e imperialismo.

²⁷ AKYEAMPONG, E.K. Themes in West Africa’s History. p.230.

²⁸ MOORE, D. Neoliberal Globalization and the triple crisis of “modernization” in África: Zimbabwe, the Democratic Republic of Congo and South Africa, p.909.

como ajustes na taxa de câmbio, redução nos gastos do governo e controle de crédito. Os programas de estabilização restringiam, contudo, a demanda interna por importações e não funcionaram para restaurar os investimentos e o crescimento.²⁹

Sob o lema “*get the prices right* e os mercados serão conquistados”, os países periféricos, abatidos economicamente e imersos em enormes déficits e problemas de balança de pagamentos, recorreram às instituições internacionais, como o FMI e o BM, para alavancar capital, endividando-se ainda mais.

As medidas resultaram em taxas de inflação crescentes e aumento das dívidas externas dos países subsaarianos. Após a queda do muro de Berlim, o modelo neoliberal americano direcionou a política externa dos alinhados para a implementação da agenda neoliberal no leste europeu e na América Latina, reduzindo o interesse pela África. Não obstante, as medidas neoliberais continuaram sendo adotadas na África negra, sobretudo, por meio do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

O novo ciclo econômico mundial e a ascensão da China na primeira década do século XXI trouxeram mais uma vez centralidade à África como fornecedora estratégica de matéria prima para os países desenvolvidos e em desenvolvimento acelerado, e a competição pelo controle dos recursos naturais tornou-se o foco das políticas nacionais para a África e das próprias políticas africanas. Desde a década de 1990 que as relações com o gigante chinês haviam se transformado em *trade, investment and energy-led*, devido à preocupação com a segurança energética.

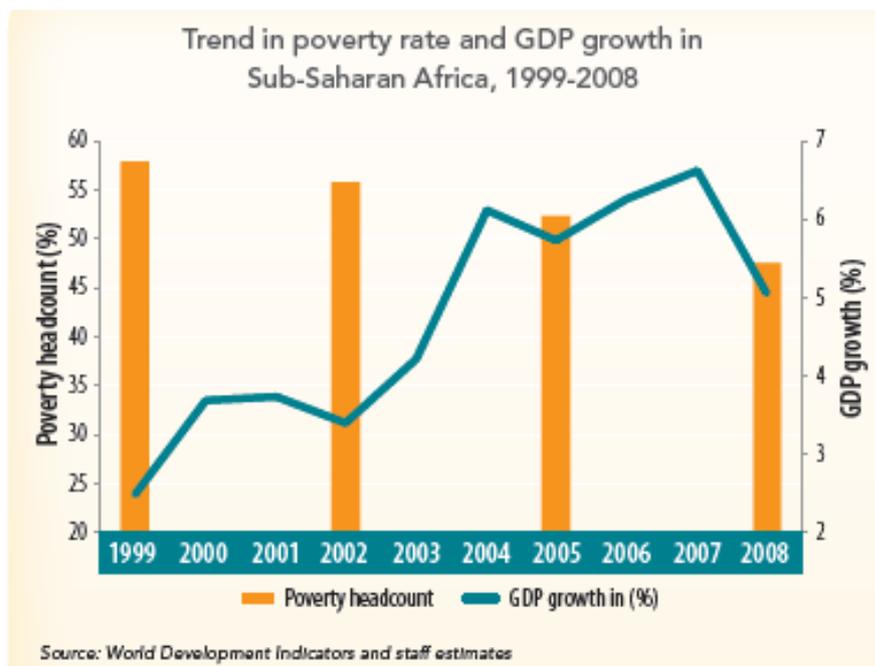
Por meio de um processo de crescente globalização, novos investimentos no continente aumentaram o PIB africano e seu índice de crescimento. Contudo, não foram capazes de por fim às guerras civis, a instabilidade política e a extrema pobreza.

Em geral, o crescimento do PIB ocorreu de forma concentrada, numa pequena parcela da população. Segundo o Diretor do laboratório de estudos Populacionais da Universidade

²⁹ Lancaster, p.26

Rockefeller, o crescimento econômico e do PIB não reflete a qualidade de vida e nível de pobreza da população, a qual piorou substancialmente nos últimos anos.³⁰

FIGURA 02 - TAXAS DE POBREZA E CRESCIMENTO DO PIB- 1999-2008³¹



As taxas de pobreza estão fortemente associadas à taxa de crescimento populacional. Embora haja alguma melhoria nas economias africanas, as taxas de natalidades são bastante elevadas, compensando negativamente o crescimento econômico. Em 2010, as taxas de crescimento populacional giravam em torno de 2.5% na África subsaariana, de acordo com o relatório do Banco Mundial lançado em 2011.³² Comparado com meados da década de 1970, os africanos encontram-se 22% mais pobres, após um intervalo de 40 anos com crescimento populacional de 3% a.a. nesse período. Mesmo com um desempenho econômico positivo, as taxas de crescimento do PIB na África subsaariana estão abaixo dos 6-8 % necessários num período de 10 anos para atingir as Metas de Desenvolvimento do Milênio³³.

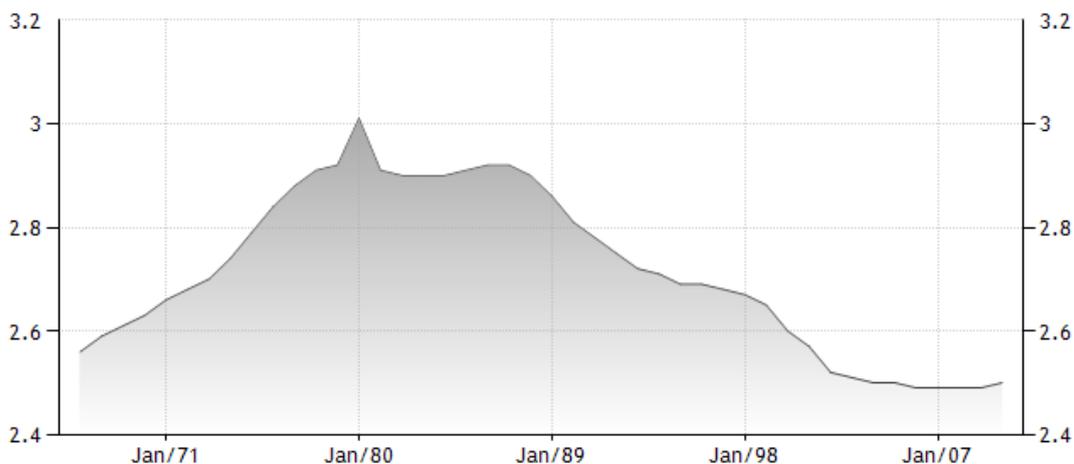
³⁰ *Vinte Anos após a Eco 92, especialistas avaliam mudanças e expectativas para a Rio +20. Episódio 30/04/2012. Sem Fronteiras. In Globo News. <http://g1.globo.com/globo-news/sem-fronteiras/videos/t/todos-os-videos/v/vinte-anos-apos-a-eco-92-especialistas-avaliam-mudancas-e-expectativas-para-a-rio20/1922117/>*

³¹ *Africa's Pulse. Abril, 2012. Vol. 5. Banco Mundial. Disponibilidade e acesso em: http://siteresources.worldbank.org/INTAFRICA/Resources/Africas-Pulse-brochure_Vol5.pdf Abril, 2012.*

³² *Population Growth (annual%) in Sub Saharan Africa.2012. In Trading Economics. Disponibilidade e acesso em: <http://www.tradingeconomics.com/sub-saharan-africa/population-growth-annual-percent-wb-data.html> Abril.2012*

³³ *Sub-Saharan Africa. UNITED NATIONS POPULATION FUND. Disponibilidade e acesso em: <http://www.unfpa.org/worldwide/africa.html> Abril. 2012*

FIGURA 03- TAXAS DE CRESCIMENTO POPULACIONAL 1971- 2007 ³⁴



Apesar de insuficientes, houve progressos importantes na redução da pobreza nos últimos tempos. De acordo com o Banco Mundial, 58% da população viviam, em 1999, com menos de 1,25 dólares por dia, quantidade reduzida para 47,5% em 2008, sendo a maior taxa de declínio entre 2005 e 2008. Os maiores declínios ocorreram no Camarões, Chade, Etiópia, Mali, Níger e Serra Leoa. Em compensação, sete países tinham taxas mais altas em 2008 do que em 1999. ³⁵

O setor agrícola é essencial nesse debate, uma vez que é o maior empregador na região africana e tem o maior potencial para reduzir as taxas de pobreza. Estimativas do banco Mundial indicam que aproximadamente 60% das terras mundiais aráveis e não cultivadas estão no continente africano.

Em termos globais, a quantidade de alimentos produzidos cresceu mais rapidamente do que o número de pessoas, porém, devido à distribuição é desigual, o número de pessoas hoje com fome crônica é maior do que 20 anos atrás³⁶.

³⁴ Population Growth (annual%) in Sub Saharan Africa.2012. In Trading Economics. Disponibilidade e acesso em: <http://www.tradingeconomics.com/sub-saharan-africa/population-growth-annual-percent-wb-data.html> Abril.2012

³⁵ Africa's Pulse. Abril, 2012. Vol. 5. Banco Mundial. Disponibilidade e acesso em: http://siteresources.worldbank.org/INTAFRICA/Resources/Africas-Pulse-brochure_Vol5.pdf p.9. Abril, 2012.

³⁶ Vinte Anos após a Eco 92, especialistas avaliam mudanças e expectativas para a Rio +20. Episódio 30/04/2012.Sem Fronteiras. In Globo News. <http://g1.globo.com/globo-news/sem-fronteiras/videos/t/todos-os-videos/v/vinte-anos-apos-a-eco-92-especialistas-avaliam-mudancas-e-expectativas-para-a-rio20/1922117/>

Um dos grandes enclaves é a baixa produtividade agrícola. A produtividade das terras africanas é estimada em 42 e 50% do que se encontra na Ásia e América Latina, respectivamente, e sua produção agrícola é hoje 10% menor do que era em 1960. Entre os fatores responsáveis pela fraca produção incluem o fato de apenas 4% da safra africana ser irrigada (valor irrisório quando comparado ao sul da Ásia, com 39%) e a utilização de 10% menos de fertilizante do que a média mundial. A mecanização agrária também contém taxas abaixo da média, cerca de 13 tratores por 100 Km², quando a média mundial é de 200. A falta de investimentos no setor é, em parte, resultado de fracas políticas de apoio ao meio ambiente.

Não obstante, houve alguns casos de progresso no setor agrícola, como Malawi, que se converteu de importador de alimentos e dependente de ajuda alimentícia internacional, para autossuficiente e exportador líquido nos últimos 5 anos (2006-2011), em razão do programa governamental de apoio aos fazendeiros, segundo o Banco Mundial.³⁷

Outros países que trilham caminhos semelhantes são Gana, Zâmbia, Nigéria, Ruanda e Tanzânia. Entretanto, ainda é cedo para avaliar o sucesso de seus programas, os quais dependem em grande parte do gerenciamento dos mesmos.³⁸

Os programas governamentais são fortemente ditados pelas tendências da economia internacional. Como exposto anteriormente, o crescimento econômico mundial e sua demanda por energia tem direcionado as políticas domésticas subsaarianas para este setor, amplamente disputadas internacionalmente. Pela terceira vez, agora no século XXI, o continente torna a ser o espaço de uma grande competição imperialista, de disputas de riquezas e posições militares³⁹.

³⁷ Global Economic Prospects June 2011: Regional Annex. 2011. World Bank. Disponibilidade e acessos em: <http://siteresources.worldbank.org/INTGEP/Resources/335315-1307471336123/7983902-1307479336019/AFR-Annex.pdf> Abr. 2012

³⁸ Global Economic Prospects June 2011: Regional Annex. 2011. World Bank. Disponibilidade e acessos em: <http://siteresources.worldbank.org/INTGEP/Resources/335315-1307471336123/7983902-1307479336019/AFR-Annex.pdf> Abr. 2012

³⁹ FIORI, J. Provavelmente Deus não é Brasileiro. Disponibilidade e Acesso: <http://diplo.dreamhosters.com/+Geopolitica-da-Africa+.html>

1.2- RECURSOS NATURAIS E CONFLITOS NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DEBATES TEÓRICOS

What if it (natural resources) fuels corruption rather than development, and creates the same combustible mix of great wealth, relative poverty, grievance and instability?⁴⁰

É consenso na literatura considerar que a geopolítica dos recursos minerais estratégicos, recursos considerados pelos Estados nacionais e pela indústria como essenciais para seu desenvolvimento, está diretamente ligada a cinco fatores principais: ao valor das commodities no mercado internacional, às taxas de crescimento dos países que compõem o Sistema Internacional, a escassez da mercadoria, sua utilidade e à inelasticidade do bem. A oscilação de preços provocada pelas crises na economia internacional e o rápido crescimento econômico de nações periféricas e de grandes centros provocaram alterações na configuração das agendas nacionais e resultaram em intervenções nos conflitos locais na África subsaariana. Para tratar o tema, torna-se necessário expor brevemente as principais teorias elaboradas em torno do binômio conflitos-recursos estratégicos.

Neste sentido, Paul Collier e Anke Hoeffler, ambos do Banco Mundial, advertem que países com grande dependência da exportação de commodities primárias estão altamente suscetíveis aos conflitos civis.⁴¹ Devido à alta volatilidade dos preços internacionais de commodities, os Estados são confrontados com grandes choques internos, os quais requerem estratégias de gerenciamento adequadas que nem sempre são aplicadas. No mais, evidências sugerem que grandes produtores de recursos estratégicos são gerenciados por ditaduras políticas. Somando os elementos políticos e econômicos, têm-se uma combinação propícia para insurgências. Ao investigarem as causas econômicas das guerras civis, estes autores apontam como epicentro da sucessão de conflitos a ganância de grupos rebeldes, frequentemente marginalizados politicamente, pelo controle das fontes.

The model is based on utility theory, rebels will conduct a civil war if the perceived benefits outweigh the costs of rebellion. ... Four variables, initial income, ethno-linguistic fractionalization, the amount of natural resources, and initial population size are

⁴⁰ <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1626751-2,00.html> Abril. 2012

⁴¹ BILLON, P. Le. *The Political Ecology of War: Natural Resources and Armed Conflicts*.

*significant and strong determinants of the duration and the probability of civil wars. One important finding is that the relationship between civil wars and ethnic diversity is non-monotonic; highly fractionalized societies have no greater risk of experiencing a civil war than homogenous ones.*⁴²

Nesta mesma linha, Phillippe Le Billon acrescenta que diversos grupos armados durante a década de 1990 fizeram uso das receitas provenientes dos recursos naturais para substituir o patrocínio dissipado com o fim da Guerra Fria. Em sua opinião, os recursos naturais funcionam como financiadores e motivadores dos confrontos armados. O controle das fontes permite a compra de material bélico, manutenção das milícias ou exército e propagação de ideologias. Possibilita negociar com atores internacionais no mercado negro de armas, de drogas e de minerais ao mesmo tempo em que permite obter apoio político por transformações internas. Pelas mesmas razões, eles funcionam como estimuladores dos conflitos. A teoria se aplica às motivações internas e externas. De acordo com Le Billon, comumente, as milícias detentoras do controle ilegal de minas e estradas trabalham secretamente com atores externos.⁴³

Nesta vertente, o mercado é entendido como um ator determinante, pois a inclusão no mercado de commodities primária internacional teria um caráter criminal e responderia a uma forma excludente de globalização.⁴⁴ Le Billon, assim como Collier e Hoeffler, encontra evidências de que a dependência econômica dos recursos gerada pelos altos preços das commodities gera vulnerabilidade e aumenta os riscos da escalada da violência.

O prolongamento dos conflitos nos Estados também tem sido associado à possibilidade dos grupos rebeldes se auto-financiarem, como foi o caso de Serra Leoa e Angola (nos quais os rebeldes controlavam minas de diamantes). Dentre os agravantes, o caráter ditatorial dos governos e a falta de democracia aparecem em praticamente todos os casos.

Contrapondo os autores acima, Macartan Humphreys conclui em “*Natural Resources, Conflict and Conflict Resolution*” que os recursos naturais estão associados a guerras de curta duração, as quais estão mais suscetíveis a terminar através de uma vitória militar de uma das

⁴² COLLIER, P., HOEFFLER, A. *On economic causes of civil War*. 1998. Pg.563

⁴³ BILLON, P. Le. *The Political Ecology of War: Natural Resources and Armed Conflicts*. 2001..

⁴⁴ Ibidem, p.562

partes. Consistente com esta conclusão, ele encontra evidências de que atores externos têm incentivos e interesse em finalizar tais guerras ou conflitos, uma vez que o suprimento de recursos estratégicos está ameaçado. Estados e corporações influenciam na duração e formato das guerras/conflitos, mas em geral não são responsáveis pelo seu começo. Para Humphreys, não há evidências de que conflitos desta natureza teriam mais dificuldades em chegar a um fim, contrária a hipótese “rebel-greed”, onde os rebeldes buscariam prolongar as guerras.⁴⁵

Não obstante, o autor demonstra as principais variáveis que motivam os conflitos e influenciam sua duração, mas que não são necessariamente ou de forma independente, determinantes para os mesmos.

A hipótese do “rebel-greed” é um dos seis mecanismos que o autor identifica para explicar esta correlação e aponta três categorias nesta hipótese. A primeira, enfatizada por Collier e Hoeffler, mostra que grupos domésticos se envolvem em atividades criminais para se beneficiar dos recursos naturais de forma independente do Estado. Este tipo de reação costuma levar a expulsão do Estado em si. A segunda destaca os recursos naturais como capazes de aumentar o valor da captura do Estado, visando seu controle ao invés da expulsão, como apontado por Fearon, Laitin, Engelbert e Ron⁴⁶. Nesta categoria estiveram os conflitos em Serra Leoa, Chade e República do Congo. A última categoria se refere ao grupo que visa à autonomia da região mais próspera do país. Porém, ainda é possível encontrar grupos que não controlam nem tem em vista dominar o suprimento das fontes; eles se contentam em receber parte do arrendamento.

O segundo mecanismo está relacionado também ao problema já citado por Hoeffler e Collier, sobre o ressentimento e descontentamento causados pela desigualdade social, econômica e política experimentada em determinados países devido à instabilidade e insatisfação causadas pela dependência de recursos naturais e suas consequências. Nesta situação também pode ocorrer migração forçada para onde o processo de extração é mais intenso.

⁴⁵ HUMPHREYS, M. *Natural Resources, Conflict and Conflict Resolution: Uncovering the Mechanisms*. Columbia University. 03.2004

⁴⁶ FEARON, J., DAVID, Laitin. *Ethnicity, insurgency, and civil war*. 2003. *American Political Science Review* 97 (1): 75-91. ENGLEBERT, P., JAMES R. 2004. *Primary commodities and war: Congo-Brazzaville's ambivalent resource curse*. *Comparative Politics* 37 (1): 61-81.

A possibilidade de financiamento das rebeliões através da renda gerada pelos recursos é outra variável destacada por Humphreys e enfatizada por Le Billon. Aqui, as insurgências podem ter origem em outras causas que não o dinheiro, como aquelas citadas no mecanismo acima. Como exposto por Le Billon, os recursos naturais funcionam com o duplo papel de financiadores e motivadores dos confrontos armados.

Em quarto lugar está a fraca relação que um estado dependente de recursos naturais constrói com a sociedade, sem incentivos para a criação de instituições burocráticas fortes. A economia doméstica está atrelada integralmente a renda proveniente das fontes energéticas e minerais e se torna distante da sociedade, que não é capaz de acompanhar as atividades governamentais e dispõe de poucos recursos de coerção política, tornando o ambiente propício a governos uni partidários e ditaduras.

O quinto argumento estruturado por Humphreys diz respeito ao enfraquecimento dos setores da economia quando um país concentra seu rendimento na receita gerada pelos recursos naturais. Neste cenário ocorrem baixos níveis de comércio interno, de produtividade industrial- quando existente- e do setor manufatureiro. Estes setores estão associados a altos níveis de coesão social e interdependência regional, os quais são inexistentes quando não há investimento em infraestrutura que não seja relacionada ao escoamento dos recursos naturais. A fragmentação da economia e baixo índice de diversificação setorial podem levar a enclaves na produção que aumentariam os riscos de conflitos internos.

Ao desenvolver o último mecanismo, Humphreys constata que os recursos minerais e energéticos funcionam como um incentivo para os atores indiretos, Estados e corporações, se engajarem ou estimularem disputas na África subsaariana. Em tal cenário, os conflitos também funcionam como uma distração para a extração internacional dos recursos naturais. Este último mecanismo apontado por Humphreys faz parte da nossa hipótese, na qual os interesses geopolíticos das grandes potências têm sido responsável pela interferência política, militar e econômica das mesmas na África subsaariana e influenciado suas guerras locais.

Como será visto, o interesse político e militar estadunidense pela África subsaariana aumentou significativamente desde o fim do século XX. Tal constatação pôde ser verificada a partir da agenda de Washington, a qual envolveu significantes viagens presidenciais à África,

investimentos e participação direta ou indireta nos conflitos locais. A presença chinesa na região também é bastante expressiva. O aumento do fluxo do comércio, a construção de empreendimentos chineses e o apoio político em assuntos domésticos evidenciam a percepção do continente, especificamente dos países dotados de recursos naturais estratégicos, como espaço vital para o crescimento acelerado que a China vem apresentando nos últimos anos.

Os recursos naturais parecem ter estado no epicentro dos conflitos da década de 1990 em diante, seja pela sua abundância ou escassez. No primeiro caso, a existência de reservas de recursos estratégicos em solo subsaariano tem motivado guerras civis e movimentos separatistas, provocando a formação de milícias que buscam o controle das fontes para se financiar e enriquecimento/poder, através da venda do material no mercado negro, conforme destaca Le Billon. Nesta relação, aparece uma externalidade fundamental, capaz de definir a extensão e o formato dos conflitos que se apresenta, qual seja, a atuação das grandes potências e seus interesses nacionais.

Em suma, a explosão de guerras civis e conflitos internos no continente negro marcaram a segunda metade do século XX e início do século XXI. A natureza dos conflitos é complexa e diversificada e contém raízes históricas baseadas na exploração colonial.

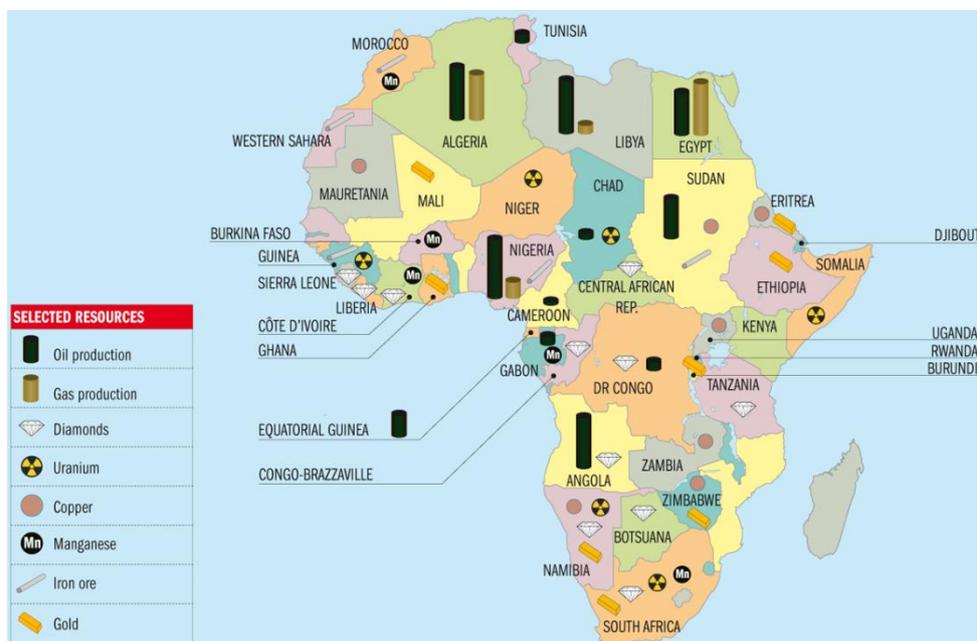
Nas diversas teorias envolvendo conflitos e recursos naturais na África subsaariana, a participação das grandes potências é um fator decisivo, o qual pode ser explicado desde a década de 1990 pela crescente dependência de recursos naturais para sustentar o crescimento de suas economias nacionais e com isso perpetuar seus poderes, expansivos por natureza. Está relacionado também ao processo de inserção africano na economia internacional, o qual resultou em características decisivas para o desenvolvimento político, social e econômico atual.

CAPÍTULO 2- OS RECURSOS NATURAIS NA ÁFRICA SUBSAARIANA

*Para a compreensão do mundo negro: a geografia prevalece sobre a história. Os contextos geográficos, embora não sejam os únicos a contar, são os mais significativos. Fernand Braudel.*⁴⁷

Neste capítulo trataremos da distribuição dos recursos naturais na região subsaariana. Descreveremos de forma mais extensa duas commodities importantes à Economia Política Internacional, ressaltando seus depósitos, produção, consumo, comercialização e relevância em termos regionais e mundiais. O ouro, por seu alto valor no mercado, seu papel de reserva de valor, porto seguro no sistema econômico e relevância regional: o recurso tem grande importância nas questões internas, o que fez com que os projetos de exploração de ouro representassem 33% dos projetos de exploração na África em 2008;⁴⁸ e o petróleo, a principal matriz energética mundial, essencial às máquinas e ao transporte, estratégico nos dois níveis: na geopolítica das grandes potências e nas questões internas africanas. Ambos estão intimamente associados aos conflitos na África subsaariana.

FIGURA 04- MAPA DOS RECURSOS NATURAIS⁴⁹



⁴⁷ Braudel, *Gramática das civilizações*, p. 129. Martins Editora, 2004. 406p.

⁴⁸ Lugo, O, Mobbs, P, Newman, H, Taib, M, Wallace, G, Wilburn, D, Yager, T. *The Mineral Industries of Africa*. In: 2008 Mineral Yearbook- Africa. 2010. United States Geological Survey. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-sum-2008-africa.pdf> Jan. 2012

⁴⁹ ISN. Colliding Geopolitics and African Resources International Relations and Security Network. dez.2011. Disponibilidade e Acesso em: <http://www.isn.ethz.ch/isn/Current-Affairs/Security-Watch-Archive/Detail/?lng=en&id=134743> Dez.2011

A geografia da África

A África possui três grandes cratons, compostos de rochas pré-cambrianas as quais são responsáveis por cerca de 80% dos minerais e metais industriais. Dentre eles, o Kalahari se situa em grande parte ao sul da África, onde se amontoam reservas substanciais de minérios, em especial platina, cromita, vanádio, cobre, zinco, ferro, asbesto, talco esteatita, mercúrio, pedras preciosas, titânio e minério de estanho. Duas regiões formadas por rochas pré-cambrianas nas quais se encontram ricos sítios auríferos são Witwatersrand, na África do Sul, e Tarkwaian, em Gana, enquanto no sul da Etiópia e noroeste da República Democrática do Congo existem depósitos de ouro basicamente de origem aluvial.

Existem ainda depósitos de diamantes na Namíbia, de cobre no Zâmbia e na República Democrática do Congo, onde está o *Copperbelt*, bauxita e laterite na Guiné, fosfato ao norte da África, rutilo e outros minerais pesados em Madagascar, Moçambique e Serra Leoa.

O craton encontrado no Congo ocupa grande parte do centro sul africano, onde estão granito e os *greenstone belts*, compostos de ouro. Ao noroeste, existem cratons do Golfo da Guiné às montanhas do Marrocos, toda a África Ocidental. Algumas rochas graníticas desta região contém substanciais mineralizações, como em Gana.

Mas a característica geológica mais importante da África é o *Great African Rift Valley*, o qual abrange de Moçambique à Turquia, percorrendo o equivalente a 6.500 km e 45-80 km de largura, a maior fenda mundial na superfície. Alguns vulcões nas cercanias do *Rift Valley* localizados na África Oriental dispõem de kimberlites (fonte de diamantes) e carbonatites (terras raras- usadas em nanotecnologia, fosfato, cobre, ouro e níquel). Muitos depósitos conhecidos e ainda não desenvolvidos de minerais não metálicos, como caulim, bentonita e fluorita foram encontrados na zona da fenda. Existe também lagos salgados que detém sal, carbonato de sódio e carbonato de potássio⁵⁰.

A riqueza natural da África não é uma descoberta recente. Através do oceano Índico, a África subsaariana manteve, desde tempos remotos, relações com a Pérsia, Índia e China, que

⁵⁰ SHARAKY, A. Mineral Resources and Exploration in Africa. 2011. Department of Natural Resources, Cairo University. Disponibilidade e acesso em: http://african.cu.edu.eg/Dr_Abbas/Papers/Minerals_2011.pdf P.4. Abr.2012

vinham à região austral em busca de ouro e outros metais. Entre os séculos X e XV, os impérios do Sudão ocidental e a Europa Medieval comercializavam ouro por intermédio das caravanas árabes. No lado do oceano Atlântico, a partir do século XVI, iniciou-se o tráfico de escravos para as Américas e Benin tornou-se a região mais favorecida da região, a partir do século XVII, devido ao comércio escravo com Mali e seus recursos naturais na faixa de Agacher.⁵¹ Não obstante, somente após a colonização do século XIX/XX que grandes montantes de recursos naturais foram descobertos e passaram a abastecer o mercado europeu e norte americano em grande escala.

A história moderna dos minerais na África começou com a corrida pelos diamantes no sul da África na virada do século XX, onde se concentrou a atividade mineira até 1930, com exceção do ouro de Gana e dos diamantes de Serra Leoa, recursos principais de extração da época. Este cenário começou a mudar a partir da bem sucedida extração de cobre na República Democrática do Congo nos anos 1950, seguida pelo aumento da produção de ferro na Libéria, bauxita na Guiné e urânio na Namíbia e no Níger. Mais tarde, aumentaram as demandas por metais básicos como ouro, diamante, cobre, alumínio e ferro e por metais industriais, considerados metais raros, como platina, cromo, titânio e tântalo, usados para computadores, eletrônicos, carros, comunicações e energia nuclear.⁵²

Com o tempo, diversas economias tornaram-se dependentes das suas exportações minerais. Alguns casos são Mauritânia (54,1% de suas exportações totais), Zâmbia (50%), Guiné (45,4%), Níger (32,5%) e República Democrática do Congo (25%).

A região mais rica do continente está localizada na África Austral, que engloba a África do Sul, Angola, Botsuana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue. Esta área é também considerada geopoliticamente estratégica devido à rota do Cabo, uma importante via marítima que conecta o oriente ao ocidente. A maior concentração mundial de minerais nobres, muitos de valor estratégico, vai de Angola-Congo/Zaire até a África do Sul. Opostamente está a região centro-oriental (Uganda, Quênia e Tanzânia), a qual não possui recursos naturais expressivos. De forma geral, a África abarca

⁵¹ PEREIRA, J.M.N. *África, um novo olhar*. Rio de Janeiro, cadernos CEAP, 2006. P.13:14.

⁵² SHARAKY, A. Mineral Resources and Exploration in Africa. 2011. Department of Natural Resources, Cairo University. Disponibilidade e acesso em: http://african.cu.edu.eg/Dr_Abbas/Papers/Minerals_2011.pdf P.5. Abr.2012

cerca de 30% dos recursos naturais do planeta e 58% de suas exportações são compostas por combustíveis e minerais⁵³.

A região do Golfo da Guiné é considerada, atualmente, “*a mina de ouro (preto)*” da indústria petrolífera mundial. O potencial de crescimento de energia da região é superior ao da Rússia, do mar Cáspio e da América Latina. De acordo com a EIA (*US Energy Information Administration*), a região produzirá nove milhões de barris por dia até 2030⁵⁴.

Em 2004, a República Democrática do Congo e o Zâmbia possuíam juntos 50% das reservas mundiais de cobalto; o Zimbábue e a África do Sul detinham 98% das reservas mundiais de cromo e a África do Sul sozinha possuía 90% das reservas de metais do grupo platina (platina, paládio, ródio, rutênio, irídio e ósmio)⁵⁵.

Como em grande parte da periferia do Sistema Mundial, a maioria da população dedica-se ao trabalho agrícola. A agricultura na região subsaariana determina as condições de vida de 60 a 80% da população e é ineficaz para suprir suas demandas. A produção é orientada para o processo limitado de commodities e outros produtos de baixo valor agregado e o setor de serviços se assemelha a um setor informal de subsistência que não resulta em aumento da produtividade e da renda suficientes para a redução da pobreza. Devido a estratégias ineficientes baseadas no modelo monocultor voltado para o mercado externo, e ao alto índice de crescimento demográfico, a produção alimentar per capita tem declinado desde as independências, elevando a dependência por produtos importados e suscitando problemas de balança de pagamentos e de comércio internacional. Tais características são agravadas pela vulnerabilidade a choques externos decorrentes das variações nos preços dos produtos agrícolas, cuja característica é justamente sua elevada volatilidade.⁵⁶

⁵³ SHARAKY, A. Mineral Resources and Exploration in Africa. 2011. Department of Natural Resources, Cairo University. Disponibilidade e acesso em: http://african.cu.edu.eg/Dr_Abbas/Papers/Minerals_2011.pdf Abr. 2012

⁵⁴ The Financial Express. *Team 9 opens a New Innings In India- West Africa Relations*. 2004. Disponibilidade e acesso em: <http://www.financialexpress.com/news/team-9-opens-a-new-innings-in-indiawest-africa-relations/87180/0> Abr. 2012

⁵⁵ ABRAMOVICI, P. *Sob Nova Ocupação*. 2004. Disponibilidade e acesso em: <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1120&PHPSESSID=e982d772e136b75d3fac6b3715d1e5c5> Mar. 2011

⁵⁶ MONGA, C. in AKYEAMPONG, E.K. *Themes in West Africa's History*. P.227.

A África tem se beneficiado do boom nos preços das commodities. Graças à ascensão dos preços mundiais de minerais estratégicos, a África voltou a apresentar taxas de crescimento econômico positivas na década de 2000, diferentemente da década anterior. Neste novo século, Estados não africanos e empresas estrangeiras lutam para assegurar seu acesso às riquezas minerais do continente.

Devido à sua importância para o desenvolvimento industrial, os recursos naturais mais cobiçados e estratégicos atualmente são: petróleo, carvão, minério de ferro, ouro, diamante, cobre, zinco, chumbo, alumínio, níquel e gás natural, cobalto, manganês, urânio, fosfato, titânio, cromo e platina. O valor estratégico de cada recurso natural varia de acordo com a quantidade de reserva conhecida, desenvolvimento tecnológico, preço de mercado, inelasticidade do bem, utilidade, valor da commodity no mercado internacional e taxa de crescimento do PIB mundial.

A relação abaixo expõe praticamente todos os recursos naturais, mesmo que em pequenas quantidades, existentes na África subsaariana, assim como sua localização, de acordo com o centro de estudos africanos da Universidade de Michigan.⁵⁷

De acordo com a Tabela 1, o petróleo, o ouro e o diamante são os elementos distribuídos pelo maior número de países subsaarianos. No entanto, a concentração dos recursos não ocorre de forma homogênea, o que confere maior destaque a determinadas regiões. O ouro e o diamante encontram-se em maior quantidade no sul da África e na costa da África Ocidental; o petróleo no golfo da Guiné e ao norte da África.

⁵⁷ Bacias de água e recursos ilícitos não foram incluídos.

TABELA 1- PRINCIPAIS RECURSOS NATURAIS NA ÁFRICA SUBSSARIANA ⁵⁸

DIAMONDS	PETROLEUM	IRON ORE	GOLD	COPPER
Angola	Angola	Nigéria	Burundi Congo (Kinshasa)	Eritrea
Botswana	Benin	Guinea		Mauritania
Central African Republic	Cameroon	Liberia	Eritrea	Namibia
Congo (Brazzaville)	Congo (Brazzaville)	Mauritania	Ethiopia	Sudan
Congo (Kinshasa)	Cote D'Ivoire	Niger	Ghana	Congo (Kinshasa)
Cote D'Ivoire	Equatorial Guinea	Senegal	Mali	Uganda
Liberia	Gabon	Sierra Leone	Namibia	Zambia
Namibia	Nigeria	Sudan	Rwanda	
Sierra Leone	Sudan	Tanzania	South Africa	
Tanzania	Uganda		Tanzania	
South Africa	Chad		Zambia	
			Burkina Faso	
PHOSPHATES	COAL	BAUXITE	MANGANESE	LEAD
Guinea-Bissau	Niger	Ghana	Burkina Faso	Zambia
Mali	Madagascar	Guinea	Cote D'Ivoire	SODA ASH
Senegal	Mozambique	Madagascar	Gabon	Kenya
Togo	Swaziland	Sierra Leone	Ghana	GRAPHITE
Tanzania	Zimbabwe	Guinea-Bissau		Madagascar
LIMESTONE	TIN	COBALT	ALUMINUM	CHROMITE
Burkina Faso	Nigeria	Congo (Kinshasa)	Cameroon	Madagascar
Kenya	Tanzania	Uganda	COLUMBITE	CHROMIUM
Malawi	Tin Ore	Zambia	Nigeria	South Africa
Togo	Rwanda	TITANIUM	ZINC	CHROMIUM ORE
URANIUM	GYP SUM	Mozambique	Eritrea	Zimbabwe
Guinea	Mauritania		Congo (Kinshasa)	

A África apresenta porcentagens relevantes dos recursos naturais em termos mundiais, conforme indicado na Tabela 2. Segundo dados da *United States Geological Survey*, em 2008, a produção aurífera africana representava 22% da produção mundial; no mesmo período, o continente produzia 55% dos diamantes mundiais, 9% da bauxita e 19% do urânio. Em 2009, produzia 38% da cromita, 51% do cobalto, 28% do manganês, 27% do fosfato e 12% do

⁵⁸ Dados retirados e manipulados da Universidade de Michigan. Disponibilidade e Acesso em: http://exploringafrica.matrix.msu.edu/students/curriculum/m6/activity4.php_jan.2012. Tradução livre: Soda Ash= carbonato de soda; Gypsum= sulfato mineral; columbite= columbita; limestone= calcário, contém em especial carbonato de cálcio; Tin= estanho, Lead= chumbo.

petróleo. Esses valores esclarecem, em grande parte, as alianças formadas pelas grandes potências com os governos e grupos políticos africanos e justifica sua participação direta e indireta nas guerras locais, tema que será desenvolvido nos capítulos seguintes.

TABELA 2- PRODUÇÃO AFRICANA - % MUNDIAL ⁵⁹

	2000	2008	2009
bauxita	11%	9%	8%
alumínio	5%	4%	X
cromita	52%	X	38%
cobre	4%	6%	X
cobalto	43%	X	51%
ouro	24%	22%	X
aço	1%	1%	
chumbo	6%	X	X
manganês	38%	X	28%
níquel	6%	X	X
zinco	3%	2%	X
<u>minerais industriais</u>			
cimento	4%	X	X
diamante	50%	55%	49%
grafite	4%	X	X
fosfato	29%	X	27%
<u>Combustíveis minerais</u>			
carvão	5%	5%	X
gás natural	6%	X	X
petróleo	10%	X	12%
urânio	17%	19%	18%

2.1 PETRÓLEO

Histórico do produto

A partir do final do século XIX, a substituição na iluminação doméstica do óleo de baleia pelo querosene, um dos produtos resultantes do processamento industrial do petróleo, conferiu posição de destaque ao petróleo na cesta de bens de consumo de massas e passou a ser comercializado. Não obstante, a grande revolução do petróleo ocorreu com a produção de automóveis em larga escala, consagrada na primeira guerra mundial, dada sua relevância militar.

⁵⁹ Dados adaptados da USGS, 2008, 2009, 2010, 2012.

O petróleo é a fonte de energia primária mais utilizada no mundo e é relativamente escasso, uma vez que sua formação pode levar milhares de anos. Por ser praticamente a única fonte de energia do sistema de transportes, é considerado um recurso energético de grande valor. Com base nos gráficos, tabelas e mapas expostos nesse trabalho, percebe-se a distribuição e concentração desiguais de petróleo, o que torna-se um fator de disputa global.

A possibilidade de superação tecnológica do petróleo como combustível básico do sistema de transportes ainda é remota nas próximas décadas. Por isso, é um fator decisivo em situações de conflito e sua importância militar o conduz ao centro da geopolítica internacional. Segundo Torres Filho “o controle das fontes de suprimento de petróleo permanece como instrumento de importância estratégico-militar para os EUA, não só para atender às próprias necessidades, mas como instrumento para deter seus potenciais rivais”.⁶⁰ No entanto, pesados investimentos são necessários à exploração, transporte e refino do produto.

Contexto internacional

Petróleo- segurança nacional americana

*“Five years ago the U.S. State Department declared West African oil a ‘strategic national interest’.” Time Magazine, 2007.*⁶¹

A indústria do petróleo como a conhecemos nasceu nos EUA, os grandes petroleiros do século XIX. A abundância do petróleo americano abriu caminho para a rápida vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial e o acesso a amplas fontes durante o pós-guerra foi um fator determinante nos conflitos e no sucesso norte-americano. O amplo desenvolvimento da indústria petrolífera proporcionou o surgimento de grandes companhias, responsáveis por financiar e investir grandes somas financeiras. Em retorno, o Estado, através de guerras, garantia o monopólio das grandes petroleiras americanas.

O petróleo, elemento presente em quase todas as grandes crises internacionais do pós-guerra, se tornou uma política de segurança nacional/ energética estadunidense e após 1945,

⁶⁰ TORRES, E. *O papel do petróleo na geopolítica americana*, in: FIORI, J.L. (Org.) *O poder americano*.

⁶¹ PERRY, A *Africa’s Oil dream*, 2007. Time Magazine. Disponibilidade e Acesso em: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1626751-2,00.html>

esteve orientada para assegurar o controle das fontes do produto, uma preparação para “eventuais” ocasiões de guerra. A estratégia de segurança energética era baseada em intervenções militares múltiplas.

Preocupados com a segurança do abastecimento, a política americana de descolonização teve como objetivo eliminar a Inglaterra do centro político do mundo do petróleo.

O canal de Suez, principal escoadouro de petróleo dos países árabes para a Europa, sofreu uma intervenção em represália à nacionalização e posterior fechamento do canal em 1956. Devido aos desdobramentos da Guerra Fria, a Inglaterra, França e Israel, entraram em guerra com o Egito e assumiram o controle do canal. A manobra repercutiu mal e no mesmo ano o Conselho de Segurança da ONU, com apoio americano e soviético, exigiu a retirada militar da França, Grã-Bretanha e Israel, além de determinar o envio de uma Força Internacional de Paz ao local. Nessa circunstância, o petróleo do Oriente Médio teve que percorrer os oceanos Índico e Atlântico pela rota do cabo, na África do Sul, para alcançar aos países ocidentais.⁶²

Entre 1948 e 1972, os EUA ampliaram em cerca de 70% sua produção (de 5,5 para 9,5 milhões de barris por dia -bpd). Porém, devido ao crescimento do mercado norte-americano e mundial, a participação dos EUA na produção mundial caiu de 64% para 22% nesse período. Em 1960 os EUA já importavam 20% do petróleo que consumiam, e em torno de 50 % em meados da década de 70, enquanto que a demanda internacional por óleo passou de 7,1 milhões de bpd em 1945 para 55,9 milhões de bpd, em 1974. Esta evolução demonstra o crescimento e aumento do uso do petróleo, impulsionados pelo crescente desenvolvimento industrial. Para os Estados Unidos, esta realidade ampliou a necessidade de manter sob seu controle as principais reservas mundiais do produto.⁶³

O petróleo africano, apesar de representar apenas 9,5% das reservas mundiais em 2010⁶⁴, é substancialmente estratégico, dada a instabilidade dos países dotados de maiores reservas, no

⁶² SILVA, A. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) Faculdade Getúlio Vargas. Disponibilidade e acesso em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/PoliticaExterna/CanalSuez>

⁶³ Torres Filho 2005, 345

⁶⁴ British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Disponibilidade e acesso em:

Oriente Médio.⁶⁵ No mais, as recentes descobertas na costa ocidental têm atentado para o potencial da região, em especial do litoral ocidental, devido ao seu caráter geológico similar ao brasileiro, onde foi descoberto o pré-sal.

Na economia internacional

Durante a década de 1970, duas crises abalaram os preços internacionais do petróleo: a primeira, devido à precificação unilateral da OPEP, que dominava o mercado de petróleo, e ao boicote ao fornecimento de óleo aos EUA e outros países que auxiliavam Israel. A segunda crise esteve relacionada à renúncia dos EUA à condição de “ofertante de última instância”, que terminou por reforçar a posição da OPEP. Sucessivas desvalorizações do dólar e fatores de natureza política – a derrota dos EUA na guerra do Vietnam, os conflitos árabe-israelenses e a Revolução Xiita no Irã em 1979 – contribuíram para manter a elevação e a instabilidade do preço do petróleo.

Nos primeiros meses de 2004, o mercado assistiu novamente a uma crise de instabilidade dos preços por um aumento exagerado da demanda global, do risco de oferta diante das ameaças a instalações de petróleo na Arábia Saudita e contestação da ocupação militar americana do Iraque. Três anos mais tarde, em meados de 2007, uma nova crise financeira global provocou novas alterações nos preços do óleo.

Conforme as mudanças no contexto político-econômico internacional ocorriam, mudavam também as regras e percepções do mercado do petróleo. Para classificar suas fases, Torres Filho dividiu os sistemas de ordenamento do mercado mundial a partir de oito parâmetros e diferenciou três padrões de ordenamento do mercado de petróleo, tendo ainda observado uma correspondência entre esses padrões e as mutações verificadas no padrão do dólar norte-americano no mesmo período: de 1945 a 1973, período dos “anos dourados” de crescimento da economia internacional e do dólar lastreado ao ouro; de 1973 a 1985, ocasião de instabilidade no padrão do dólar, não mais lastreado em ouro, quando a hegemonia dos

http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf Jan.2012

⁶⁵ BUTTS, K.e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf mar. 2011. Pg.5

EUA – política, econômica e militar – deu sinais de que entraria em fase de degeneração, embora tenha ocorrido na realidade a sua “retomada”, através de iniciativas norte-americanas de caráter econômico e estratégico-militar; e de 1985 em diante, em que o dólar assumiu um padrão flexível, ou seja, seu valor passou a oscilar com a taxa de juros norte-americana, controlada pelo Federal Reserve – FED.⁶⁶

As crises financeiras, o aumento dos preços de energia e eventos geopolíticos evidenciam a relevância dos recursos energéticos como estratégicos nas políticas nacionais dos Estados. O crescimento da demanda gerado pelo rápido desenvolvimento industrial tornou imprescindível uma estratégia geopolítica de abastecimento estável, que sobreviva a volatilidade do mercado. Atualmente, atribui-se aos países em desenvolvimento⁶⁷, cujas economias e populações têm crescido rapidamente, 74% do aumento do uso da energia primária, dos quais 45% provenientes da China e da Índia.

2.1.1 - Reservas

Reservas Mundiais

Apesar da maioria expressiva de petróleo mundial situar-se no Oriente Médio, como é possível verificar na Figura 05, o crescimento da economia mundial e a relativa escassez do recurso alertaram os estrategistas para a importância de outras regiões que também dispõem do produto. Segundo dados do *British Petroleum Statistical Review of World Energy*, em 2010 a África representava 9,5% das reservas mundiais.

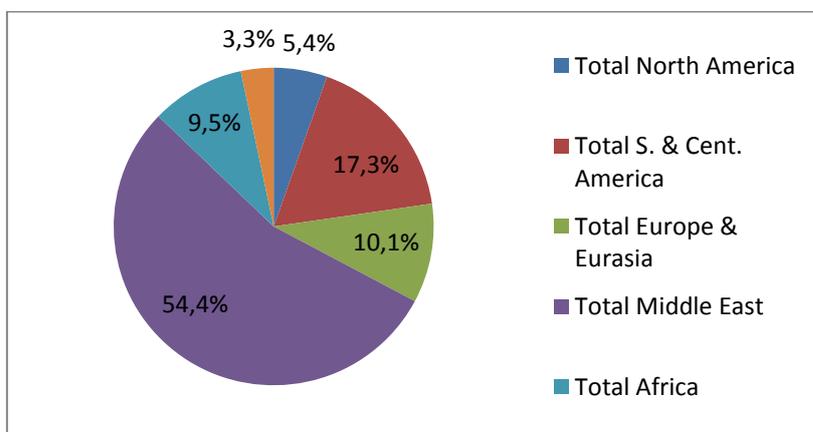
Em 2010, os países membros da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), quais sejam, Argélia, Angola, Equador, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Qatar, Arábia Saudita, Emirados Árabes e Venezuela detinham 81,33% das reservas mundiais, sendo 65% do total da OPEP localizadas no Oriente Médio.⁶⁸

⁶⁶ TAVARES, M. da Conceição & MELIN, Luis E. (1997) “Pós-escrito 1997: a reafirmação da hegemonia norte-americana”, in TAVARES, M. C. & FIORI, J. L. (Orgs.) *Poder e dinheiro*. Uma economia política da globalização. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, p. 55-86.

⁶⁷ Agência Internacional de Energia (IEA) considerou as seguintes regiões em desenvolvimento: China, Índia, outros países asiáticos, Oriente Médio, África e América Latina.

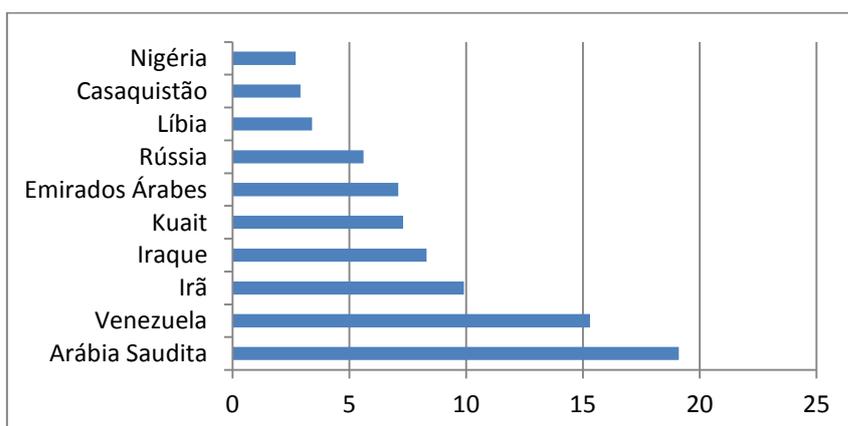
⁶⁸ Organization of the Petroleum Exporting Countries. *Share of World Crude Oil reserves2010*. Disponibilidade e acesso em: http://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/330.htm Mai. 2012

FIGURA 05- RESERVAS MUNDIAIS PROVADAS DE PETRÓLEO, POR REGIÃO GEOGRÁFICA, 2010 ⁶⁹



Na África Negra, apenas a Nigéria tem participação mundial expressiva, como é possível verificar na Figura 06. Entretanto, as reservas petrolíferas angolanas são bastante significativas para a região subsaariana, destacando-se como a segunda maior da região. Juntos, Nigéria e Angola são responsáveis por aproximadamente 80% do petróleo produzido na África negra. Não obstante, há oito principais *exportadores* subsaarianos de petróleo. São eles (em ordem decrescente): Nigéria, Angola, Congo-Brazzaville, Gabão, Guiné Equatorial, Camarões, Chade, República Democrática do Congo e Sudão.

FIGURA 06- RESERVAS PROVADAS DE PETRÓLEO POR PAÍS (% MUNDIAL), 2010 ⁷⁰



⁶⁹ British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf Jan.2012

⁷⁰ Ibidem, p.6.

Maiores reservas na África Subsaariana

A maior parte do petróleo subsaariano é encontrada na região do Golfo da Guiné (litoral atlântico que concebe parte da África Ocidental, Central e Austral) e os grandes depósitos conhecidos de petróleo cru estão localizados ao norte, no Chade, e ao sul, na Nigéria e em Angola. De acordo com o *Think Tank* norteamericano, *The National Intelligence Council*, o Golfo da Guiné deverá suprir entre 20 e 25% das importações totais de petróleo dos Estados Unidos até 2020.⁷¹

Conforme a Tabela 03, a partir de 2000, descobriu-se novas reservas em regiões como o Chade e a Guiné Equatorial. Porém, as maiores descobertas petrolíferas subsaarianas entre 1990 e 2010 ocorreram em Angola, no Sudão e na Nigéria. Proporcionalmente, o Sudão teve o maior crescimento regional neste período, aproximadamente 22 vezes suas reservas iniciais, comparado com aumento de 8.4 em Angola e 2.1 na Nigéria. Apesar das novas descobertas, a Nigéria vem sendo, em absoluto, a principal reserva de petróleo da África Subsaariana desde a década de 1990.

TABELA 03- RESERVAS PROVADAS DE PETRÓLEO 1990 – 2010, ÁFRICA SUBSAARIANA⁷²

Thousand million barrels	1990	2000	2009	2010	Share of total
Angola	1,6	6,0	13,5	13,5	1,0%
Chad	–	0,9	1,5	1,5	0,1%
Republic of Congo (Brazzaville)	0,8	1,7	1,9	1,9	0,1%
Equatorial Guinea	–	0,8	1,7	1,7	0,1%
Gabon	0,9	2,4	3,7	3,7	0,3%
Nigeria	17,1	29,0	37,2	37,2	2,7%
Sudan	0,3	0,6	6,7	6,7	0,5%
Total Subsaaharan Africa	20,7	41,4	66,2	66,2	4,8%
Total Africa	58,7	93,4	130,3	132,1	9,5%

⁷¹ PERRY, A Africa's Oil dream, 2007. Time Magazine. Disponibilidade e Acesso em: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1626751-2,00.html> Abr. 2012

⁷² British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Loc. Cit.

Em 2010, as reservas petrolíferas nigerianas representavam 56,19% das reservas totais subsaarianas; as angolanas 20,39%, as sudanesas 10,12%, do Gabão 5,59%, da República do Congo (Brazzaville) 2,80%, da Guiné equatorial 2,56% e do Chade 2,26%.⁷³

A maior reserva angolana está localizada em Cabinda, principal região de exploração norte-americana no início na década de 1970. A companhia americana *Gulf Oil* começou seu trabalho no local em 1968, com 1.4 milhões de toneladas, segundo Laidi⁷⁴. Atualmente, outras companhias americanas estão presentes em Angola, entre as principais Chevron, Texaco e Exxon.

Tais dados têm sido observados com atenção no cenário internacional. Destes países, Angola é o maior fornecedor de petróleo para a China, a qual detém também aproximadamente 60% do petróleo sudanês. O Gabão, por sua vez, é um fornecedor chave para a França, enquanto que Guiné Equatorial, Camarões, Chade e República Democrática do Congo têm despertado o interesse da Rússia, do Japão e da Índia.⁷⁵

A Nigéria detém a maior reserva provada da África subsaariana e a indústria petrolífera representa o setor mais importante da economia nigeriana. A região oeste, incluindo a capital Lagos, tornou-se o centro econômico do país após a descoberta de petróleo na década de 1960.⁷⁶ De acordo com a Pesquisa de energia da British Petroleum, as reservas comprovadas na Nigéria chegam a 37, 5 bilhões de barris, cerca de 2.7% das reservas mundiais. Angola, segunda maior reserva da região, possuía, em janeiro de 2011, 13,5 bilhões de barris de reservas provadas de petróleo, posicionando-a em 15º na lista das maiores reservas mundiais.⁷⁷

⁷³ Adaptação dos dados de British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Loc. Cit.

⁷⁴ LAIDI, ZAKI. *The Superpowers and Africa: The Constraints of a Rivalry:1960-1990*. Chicago: Univ. Of Chicago, 1990. Pg. 52

⁷⁵ PERRY, A. *Loc. Cit.*

⁷⁶ BARKAN, J. GBOYEGA, A. STEVENS, M. *State and Local Governance in Nigeria*. 2001. World Bank..Disponibilidade e acesso em:

http://info.worldbank.org/etools/docs/library/5783/State_and_Governance_Nigeria.htm Mar.2012

⁷⁷ BP STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY. June, 2010. Disponibilidade em: http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2008/STAGING/local_assets/2010_downloads/statistical_review_of_world_energy_full_report_2010.pdf

2.1.2 Produção

Produção Mundial

A produção mundial de petróleo em 2010 foi de aproximadamente 29,96 bilhões de barris, uma variação de 2,2% em relação ao ano anterior. Os países da OPEP foram responsáveis pela produção de 41,4% dessa quantia.⁷⁸

Os principais países produtores mundiais de petróleo não correspondem necessariamente àqueles dotados de maiores reservas. Em 2010, a Arábia Saudita liderava ambos os rankings, concentrando 19,1% do total das reservas mundiais, ou 264,5 bilhões de barris,⁷⁹ e produzindo o equivalente a 10.521 milhões de barris/dia, de acordo com a Tabela 04. Contudo, a segunda maior produtora, a Rússia, produzia cerca de 10.146 milhões de b/d, e continha apenas 5.6% das reservas mundiais, atrás da Venezuela, Irã, Iraque e Kuwait. Em terceiro e quarto lugar na produção, respectivamente, estão os Estados Unidos e a China, com 9.688 milhões b/d e 4,274 milhões b/d. Dos países subsaarianos, apenas a Nigéria aparece em destaque, em 10º lugar, com produção de 2,458 milhões de b/d.

⁷⁸ British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf P.6. Jan.2012

⁷⁹ British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Ibidem.P.8.

TABELA 04- MAIORES PRODUTORES MUNDIAIS DE PETRÓLEO- 2010 ⁸⁰

Top World Oil Producers, 2010	<i>(Thousand Barrels per Day)</i>
Saudi Arabia	10,521
Russia	10,146
United States	9,688
China	4,273
Iran	4,252
Canada	3,483
Mexico	2,983
United Arab Emirates	2,813
Brazil	2,719
Nigeria	2,458
Kuwait	2,450
Iraq	2,408
Venezuela	2,375
Norway	2,134
Algeria	2,078

Produção africana

De acordo com a Tabela 05, em 2010, a produção no continente africano era liderada pela Nigéria, seguida por Angola, Argélia e Líbia. Suas participações em termos mundiais eram de 2,9%, 2,4%, 2% e 2% respectivamente. Esta é uma configuração recente, que se transformou ao longo da década de 2000. Neste ano, a produção argelina era praticamente o dobro da produção angolana, a qual produzia 746 mil b/d. A proporção entre as duas permaneceu desta forma até 2004 e Angola esteve, até 2007, abaixo das suas duas concorrentes mais próximas, Argélia e Líbia. A produção angolana, diferentemente da nigeriana, a qual desde o início da década esteve à frente dos outros países, foi crescendo lentamente, dando seus maiores saltos de 2003 para 2004 e 2004 para 2005, ultrapassando a Líbia apenas em 2008 e a Argélia em 2010.

A produção nigeriana não sofreu grandes alterações no período entre 2000 e 2010. No início da década, ela consistia em 2.155 milhões de barris por dia, variando em torno de 5% ao longo da década, até atingir o saldo de 2.402 milhões de b/d em 2010. Ressalta-se que as duas maiores produtoras subsaarianas, Nigéria e Angola, são também as maiores produtoras do continente.

⁸⁰ U.S. Energy Information Administration. Disponibilidade e acesso em: <http://www.eia.gov/countries/> fev.2012

TABELA 05- PRODUÇÃO DE PETRÓLEO NA ÁFRICA ENTRE 2000 E 2010 ⁸¹

Thousand barrels daily	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
											2010	share of total
Algeria	1578	1562	1680	1852	1946	2015	2003	2016	1993	1818	1809	2,0%
Angola	746	742	905	870	1103	1405	1421	1684	1875	1784	1851	2,3%
Chad	–	–	–	24	168	173	153	144	127	118	122	0,2%
Republic of Congo (Brazzaville)	254	234	238	217	223	245	278	228	241	270	292	0,4%
Egypt	781	758	751	749	721	696	697	710	722	742	736	0,9%
Equatorial Guinea	91	177	230	266	351	358	342	350	347	307	274	0,3%
Gabon	327	301	295	240	235	234	235	230	235	230	245	0,3%
Libya	1475	1427	1375	1485	1623	1745	1815	1820	1820	1652	1659	2,0%
Nigeria	2155	2274	2103	2238	2431	2499	2420	2305	2113	2061	2402	2,9%
Sudan	174	217	241	265	301	305	331	468	480	479	486	0,6%
Tunisia	78	71	74	68	71	73	70	97	89	83	80	0,1%
Other Africa	144	134	135	138	164	154	153	166	162	155	143	0,2%
Total Africa	7804	7897	8028	8411	9336	9902	9918	10218	10204	9698	10098	12,2%

Includes crude oil, shale oil, oil sands and NGLs (the liquid content of natural gas where this is recovered separately). Excludes liquid fuels from other sources such as biomass and coal derivatives.

Notes: Annual changes and shares of total are calculated using million tonnes per annum figures.

⁸¹ British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf P.8.Jan.2012

Nigéria

A Nigéria é a oitava maior produtora de petróleo do mundo e maior produtora africana, com sólidos 2.2 milhões de barris por dia.⁸² Tal situação lhe conferiu a posição de quinta maior fornecedora de petróleo para os Estados Unidos.⁸³ Sua produção petrolífera equivale a 95% dos ganhos no comércio exterior do país e 80% do seu orçamento, o que a torna bastante dependente da receita petrolífera.⁸⁴ A maior parte da produção é proveniente da rica região do Niger Delta e a maior empresa investidora é a holandesa Shell.⁸⁵

Em 2005, a Nigéria era responsável por um quarto da produção do continente africano (9.8 milhões de barris por dia), resultado de investimentos e acordos com a OPEC-Organização dos Países Exportadores de Petróleo.⁸⁶

Ao mesmo tempo em que impulsionou o crescimento das economias africanas, a recente valorização dos recursos naturais no mercado internacional não foi aproveitada em sua totalidade, uma vez que a exploração é feita, em sua maioria, por companhias internacionais. Na Nigéria, as três maiores companhias petrolíferas são a holandesa Shell e as norte-americanas, a ExxonMobil e a Chevron.

Até a independência, o papel do Estado no setor petrolífero era regular e administrar as políticas fiscais. As mudanças ocorreram quando o país uniu-se a OPEP em 1971 e criou a Companhia Nacional Petrolífera Nigeriana (NNOC), mais tarde NNPC. Esta companhia controla todos os setores da indústria petrolífera atualmente, um setor verticalmente integrado que inclui prospecção, produção e refino de petróleo.

⁸² United Press International. 7.jul.2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.upi.com/Business_News/Energy-Resources/2011/07/07/Northern-Nigerias-huge-oil-reserves/UPI-91561310069770/ nov.2011

⁸³ BALA-GBOGBO, E. *Exxon Mobil Says It Will 'Vigorously' Protect Nigeria Oil Producing Leases*. 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://www.bloomberg.com/news/2011-05-16/exxon-mobil-says-it-will-vigorously-protect-nigeria-oil-leases.html> Mar. 2012

⁸⁴ United Press International. 7.jul.2011. Loc. Cit.

⁸⁵ Business Company. Cape Town, South Africa. Disponibilidade e acesso em: <http://www.mbendi.com/indy/oilg/af/ng/p0005.htm> fev.2012

⁸⁶ Africa's Non-renewable Natural Resources. In: Africa Development Bank Report. 2007. Disponibilidade e acesso em: <http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/%28D%29%20AfricanBank%202007%20Ch3.pdf> pg.58 Jan. 2012

FIGURA 07- O PETRÓLEO NA NIGÉRIA



Mesmo com suas vastas reservas e capacidade produtiva, o país enfrenta problemas como corrupção, mau gerenciamento e sabotagem que permitem utilizar apenas 40% da capacidade total das refinarias. O problema tem gerado escassez do produto e necessidade de importação para suprir a demanda nacional, que engloba uma indústria petroquímica pujante focada em três centros principais: Kaduna, Warri e Eleme.

O país mais populoso da África vive em guerra civil desde 1999. O petróleo é um dos elementos centrais do conflito. Entretanto, a instabilidade política da região não foi capaz de ofuscar a riqueza natural do país, atraindo diversos parceiros comerciais, em destaque a China, como será visto com maiores detalhes mais a frente.⁸⁷

Angola

Antes da independência de Angola, em 1975, a produção petrolífera era controlada e administrada por Portugal. Após esta data, o país ingressou numa guerra civil que se prolongou por 27 anos, e o controle do recurso energético tornou-se estratégico para a vitória de uma das partes no conflito. O Movimento Popular da Libertação de Angola (MPLA),

⁸⁷ African Economic Outlook. *Nigeria*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/countries/west-africa/nigeria/> Jan.2012

valendo-se do seu domínio, utilizou-o para comercializar com potências estrangeiras e financiar a compra de material bélico.⁸⁸

Segundo o departamento de estado americano, em 1997, Angola produzia cerca de 700 mil barris por dia, valor estimado em 4 bilhões de dólares ao ano, e era o terceiro maior parceiro norte-americano na África subsaariana, atrás da África do Sul e da Nigéria.⁸⁹ Suas exportações de petróleo representavam 7% da importação petrolífera americana e o segundo maior destino de investimentos americanos na região subsaariana.⁹⁰

Em 2010, sua produção era de 1,8 milhões de barris por dia, enquanto a produção nigeriana era de cerca de 2,4 milhões de barris por dia no mesmo período.

2.1.3 Consumo

A listagem dos 15 maiores consumidores mundiais de petróleo não inclui nenhum país africano, conforme Tabela 06. Devido ao baixo desenvolvimento industrial e padrões de consumo, a utilização nos países subsaarianos de metais, minerais e petróleo é bastante modesta, quando comparado em escala mundial. Em 2003, o consumo africano representava 3,2 % do consumo mundial, o equivalente a 2.611 milhões de barris por dia, segundo o Banco Africano para o Desenvolvimento.⁹¹ Em 2010, seu consumo era de 3.291 milhões, ou 3,9 % do total mundial.

Observando apenas os valores absolutos, o continente africano é o que menos consome petróleo no mundo (Ásia- 31,5%, América do Norte- 25,8%, Europa e Eurásia- 22,9%, Oriente Médio- 8,9%, América do Sul e Central- 7%). Todavia, de 2000 para 2010, a demanda aumentou cerca de 30%, atrás apenas do crescimento da demanda no Oriente Médio.⁹²

⁸⁸ **Lloyd R. Lewis. 1997. Trade and Environment Batabase. American University.** Disponibilidade e acesso em: <http://www1.american.edu/iced/ice/angola.htm> out.2011

⁸⁹ United States. Department of State. Background Paper. "Republic of Angola." Washington: GPO, 1997. Pg.5

⁹⁰ **Lloyd R. Lewis. 1997. Trade and Environment Batabase. American University.** Disponibilidade e acesso em: <http://www1.american.edu/iced/ice/angola.htm> out.2011

⁹¹ Africa Development Bank Report. Disponibilidade e acesso em: <http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/%28D%29%20AfricanBank%202007%20Ch3.pdf> pg.59.

⁹² British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Disponibilidade e acesso em:

TABELA 06- MAIORES CONSUMIDORES MUNDIAIS DE PETRÓLEO, 2010 ⁹³

Top World Oil Consumers, 2010	<i>(Thousand Barrels per Day)</i>
United States	19,148
China	9,392
Japan	4,423
India	3,116
Russia	3,038
Saudi Arabia	2,650
Brazil	2,560
Germany	2,489
Korea, South	2,249
Canada	2,237
Mexico	2,141
France	1,814
Iran	1,800
United Kingdom	1,626
Italy	1,503

Em 2005, a África exportou 37% do seu petróleo para a Europa, 36% para os Estados Unidos, 9% para a China, 2% para o Japão e o restante para outros países. A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS- Economic Community of West Africa States) enviou 56% de suas exportações somente para os Estados Unidos e 20% para a Europa, enquanto que exportações inter-regionais não ultrapassaram 2%. ⁹⁴

Prevê-se que entre 2005 e 2030 os combustíveis fósseis respondam por 84% do incremento da demanda mundial e que o petróleo permaneça como o principal recurso energético.⁹⁵ Segundo a Agência Internacional de Energia (IEA – *International Energy Agency – World Energy Outlook 2007*), a demanda energética mundial subirá 55% entre 2005

http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf P.9.

Jan.2012

⁹³ U.S. Energy Information Administration. Disponibilidade e acesso em: <http://www.eia.gov/countries/index.cfm?topL=con> Jan.2012

⁹⁴ Africa Development Bank Report. Disponibilidade e acesso em:

<http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/%28D%29%20AfricanBank%202007%20Ch3.pdf>

⁹⁵ Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponibilidade e Acesso em:

https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3969 pg.48. jan.2012

e 2030, passando de 11,4 bilhões de toneladas equivalente de petróleo (tep)⁹⁶ em 2005 para 17,7 bilhões tep em 2030.

Na região subsaariana, a maior demanda por petróleo reside na África do Sul, o que corresponde a 0,6% da demanda mundial, ou 531 mil barris diários. A Nigéria consome apenas 280 mil b/d,⁹⁷ posicionando-se como quadragésimo quarto maior consumidor mundial. Esta é uma soma irrisória se comparada com a produção nacional e com o consumo americano- 19.148 milhões barris diários.

As baixas taxas de consumo podem ser explicadas pelo paradoxo da abundância. Apesar da grande reserva e produção na Nigéria, e dos petrodólares representarem 83% da renda governamental, ou 40% do PIB, mais de 70% da população sobrevive com menos de um dólar por dia, 43% não tem acesso a saneamento básico nem a água limpa e a mortalidade infantil está entre as mais altas no mundo.⁹⁸ A porcentagem de pessoas que vivem na pobreza aumentou, de 28% em 1980 para 66% em 1996, de acordo com o Gabinete Federal de Estatística da Nigéria. Os rendimentos “*per capita*” caíram, de \$800 em 1980 para \$300 nos dias de hoje.⁹⁹ A pobreza e o baixo desenvolvimento econômico explicam a ausência de atividades industriais e o conseqüente baixo consumo de petróleo.

Angola é o segundo maior produtor de petróleo da África subsaariana, atrás da Nigéria. Em 2010, Angola produzia 1.988.000 barris de petróleo por dia, colocando-se em 17º lugar no ranking dos produtores mundiais.¹⁰⁰ No entanto, em janeiro de 2011 o consumo nacional não ultrapassava 70 mil barris diários, o 89º lugar dos consumidores mundiais. Essa discrepância pode ser comparada com o problema enfrentado pela Nigéria. A dualidade da riqueza e miséria, ou paradoxo da abundância, se multiplica pelo continente enquanto denuncia problemas estruturais como corrupção, má governança e controvérsias do comércio internacional. Ao mesmo tempo em que Angola aparece como a 15ª maior reserva mundial de

⁹⁶ *World Energy Outlook 2007*. Elaborado por: DNPM/DIDEM. TEP= tonelada equivalente de petróleo. Os percentuais utilizados são relativos ao cenário de referência.

⁹⁷ BP STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY. Junho, 2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf Jan.2012

⁹⁸ Corporação Financeira Internacional, “*Building the Private Sector in Africa to Reduce Poverty and Improve People’s Lives*”. Disponibilidade e Acesso em: http://crs.org/publications/showpdf.cfm?pdf_id=185

⁹⁹ Benn Eifert, et al, “Managing Oil Wealth”, *Finance and Development*, Março de 2003, Vol. 40, N. 1. Citado em http://crs.org/publications/showpdf.cfm?pdf_id=185

¹⁰⁰ <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2173rank.html>

petróleo, é também o 15º país menos desenvolvido e segundo pior em mortalidade infantil até os 5 anos de idade.¹⁰¹

2.3 OURO

*... a inserção da África na economia mundial tornou-se mais substantiva com o comércio de ouro entre os impérios do Sudão ocidental e a Europa Medieval intermediado, entre os séculos X e XV, pelos árabes que cruzavam em caravanas o deserto do Saara.*¹⁰²

Enquanto moeda, o ouro foi utilizado na China em 1091 a.c. e em 560 a.c na Ásia Menor. Em 1377 d.c., a Grã-Bretanha adotou um sistema monetário baseado no ouro e na prata e em 1816 associou a libra esterlina ao metal dourado.¹⁰³ A partir disso, a seguinte cronologia de regimes monetários internacionais foi associada ao ouro: de 1819 a 1914: padrão ouro-libra; entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o pós Crise de 1929: tentativa de retorno ao padrão ouro-libra; e padrão ouro-dólar entre 1945 e 1971.

A produção de ouro e o sua comercialização foram atividades importantes que mobilizaram centenas de milhares de africanos. A partir do século V, surgiram na África as caravanas de troca que cruzavam o Saara e veiculavam, sobretudo, ouro das regiões central e oeste do Sudão, estimulados pela oferta e demanda de cunhagem de moeda. O império de Gana esteve associado ao início das transações trans-saarianas e do sétimo ao décimo primeiro século, este comércio conectava as economias mediterrâneas, fornecedoras de sal, às economias subsaarianas, onde o ouro era abundante. A relação comercial era uma jogada estratégica, para a promoção das trocas entre as regiões, pois os países comerciantes subsaarianos eram auto-suficientes em sal. A crescente demanda por ouro nos países islâmicos do norte e as frequentes transações comerciais favoreceram, entre os séculos VIII e IX, a conversão dos povos berberes do reino de Gana ao islã, estabelecido no norte da África.¹⁰⁴

¹⁰¹ Le Billon <http://www.geog.ubc.ca/~lebillon/angola.pdf>

¹⁰² PEREIRA, J.M.N. *África, um novo olhar*. cadernos CEAP. Pg. 13

¹⁰³ National Mining Association. The History of Gold. Sem data específica. Disponibilidade e acesso em: http://www.nma.org/pdf/gold/gold_history.pdf Dez.2011

¹⁰⁴ The Metropolitan Museum of Art. The Trans-Saharan Gold Trade (7th- 14th century). Disponibilidade e acesso em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/gold/hd_gold.htm Jan.2012

O império Mali

Gana, chamada antigamente de *Gold Coast*¹⁰⁵, representava um império forte e organizado, com suas relações de troca estabelecidas. Entretanto, perdeu seu domínio do comércio aurífero da região oeste sudanesa no final do século XI, quando as rotas comerciais começaram a contornar a cidade islâmica berbere de Audaghosh, em sua posse, em direção ao novo campo aurífero de Bure. O império de Gana foi incorporado ao império Mali, cujas crenças místicas na produção do ouro não existiam no islã, desfazendo a ligação entre a religião e os produtores de ouro.¹⁰⁶ As trocas comerciais entre Gana e a Europa começaram com os portugueses no século XV e a região tornou-se fornecedora de mais de um décimo do ouro comercializado no século XVI.

FIGURA 08- IMPÉRIO MALI¹⁰⁷



A parte sombreada indica o império de Mali no século XIV. A linha pontilhada representa as principais rotas trans-saarianas do período.

Utilidade

O ouro é um mineral metálico, “o mais maleável e dúctil dentre todos os metais podendo um grama ser laminado em uma extensão de, aproximadamente, um metro quadrado.”¹⁰⁸

¹⁰⁵ *Trade and Environment Database*. American University.1996. Disponibilidade e acesso em: <http://www1.american.edu/TED/ghanagold.htm> out.2011

¹⁰⁶ PEREIRA, j. África, um novo olhar. Cadernos CEAP. P.29.

¹⁰⁷ Centro de Pesquisa da Antiguidade do Rio de Janeiro. Disponibilidade e acesso em: <http://cpantiguidade.wordpress.com/2010/02/23/expansao-do-império-mali/> Nov. 2011

O ouro tem várias utilidades devido a sua característica de excelente condutor de eletricidade resistente à corrosão. É aproveitado principalmente na indústria eletrônica, em produtos como celulares, computadores, iPods e iPhones, em telecomunicações e automóveis; pela sua capacidade de funcionar como um refletor de radiações infravermelhas, é também utilizado em satélites artificiais, nos visores dos trajes espaciais e janelas de grandes edifícios comerciais. É empregado também no tratamento de câncer e outras doenças, além do ramo odontológico. Serve ainda para decoração, moedas e na economia, o ouro funciona como fonte de reservas financeiras. Devido a sua escassez relativa, o ouro possui elevado valor de mercado e funciona como porto seguro econômico, como alternativa de investimento, sobretudo nos cenários de crise econômica.

Contexto internacional

Na esfera doméstica, o ouro apresenta tamanho destaque devido ao papel que vem exercendo nas questões políticas, econômicas e sociais africanas, especialmente relacionado aos conflitos. Ele funciona como motivador e financiador dos conflitos que se multiplicaram desde as independências africanas, e que têm apresentado características distintas desde a década de 1990. Esse tema será analisado nos capítulos seguintes.

Segundo Abbas Sharaky do departamento de recursos naturais da Universidade do Cairo, o ouro seguiu sendo a commodity explorada e desenvolvida mais importante globalmente em 2010. Por isso, atraiu mais de 51% do orçamento para exploração mineral na África, seguida pelo grupo do cobre, níquel e zinco, com 33%; diamantes, com 3%, e pelo grupo platina, com 2%.¹⁰⁹

De acordo com Sharaky, durante a década de 1980, a exploração mineral na África foi extremamente baixa, quando comparada com outras regiões, e bastante insatisfatória, na década seguinte.

¹⁰⁸ Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponibilidade e Acesso em:

https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3988 pg.304. jan.2012

¹⁰⁹ SHARAKY, A. Mineral Resources and Exploration in Africa. 2011. Department of Natural Resources, Cairo University. Disponibilidade e acesso em: http://african.cu.edu.eg/Dr_Abbas/Papers/Minerals_2011.pdf P.6 Abr.2012

No decorrer da década de 90, os bancos centrais europeus contribuíram para a supressão do preço do ouro através de grandes empréstimos e vendas, justificando ser um ativo com baixa rentabilidade financeira, embora seja uma excelente reserva de valor. Apesar da demanda anual exceder a oferta, e com as reservas dos bancos centrais tornando-se progressivamente debilitadas, seu poder sobre o preço do ouro passou a ser cada vez menor.

As cotações do ouro nos mercados internacionais sofreram um significativo declínio entre 1997 e 1999. Essas baixas de preço pressionaram a indústria mineral aurífera mundial e como consequência diversas minas foram fechadas, inviabilizadas economicamente por seus custos de produção. Houve ainda diversos processos de fusões, incorporações e aquisições para contornar a situação.

Porém, foi em meados de 2007, nas primeiras suspeitas a respeito da bolha no mercado imobiliário dos Estados Unidos, que o ouro fortaleceu-se no mercado como investimento seguro para países e organizações, revelando sua função estratégica enquanto reserva de valor e porto seguro para investimentos. A subsequente crise europeia movida pelos crescentes déficits nacionais e agravada pelo rebaixamento por parte das agências de classificação de risco das notas dos títulos soberanos da Grécia, Espanha e Portugal, ampliou a desconfiança na economia internacional e no mercado de títulos e estimulou investidores a se resguardarem por meios mais conservadores, como o ouro.¹¹⁰ Estima-se que os maiores acionistas, bancos centrais, entidades internacionais e governos, possuam juntos cerca de 16.5% do ouro mundial, o equivalente a 30.700 toneladas.

De acordo com a Tabela 07, os maiores detentores de ouro que possuem suas reservas acima de 100 bilhões de dólares são, respectivamente, os Estados Unidos, Alemanha, o Fundo Monetário Internacional, Itália e França. Percebe-se a disparidade entre o valor das reservas estadunidenses- 522,16 bilhões de dólares- em relação às demais. A Alemanha, logo em seguida, possui menos da metade de suas reservas, com soma estimada em 218 bilhões de dólares. A China aparece em 7º lugar, com aproximadamente 1/8 das reservas norte-americanas.

¹¹⁰ Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha - que formam o chamado grupo dos PIIGS - são os que se encontram em posição mais delicada dentro da zona do euro. Disponibilidade e acesso em: <http://veja.abril.com.br/perguntas-respostas/crise-europa.shtml>

É de se notar que o mercado de ouro é predominantemente norte-americano e europeu, liderado pelos Estados Unidos. Dentre os 15 maiores detentores mundiais de ouro, apenas quatro países fogem a este padrão, todos asiáticos.

TABELA 07- MAIORES DETENTORES DE OURO- AGOSTO, 2011 ¹¹¹

Rank	Gold Holders	Value of reserves (in billions)	Holdings total (in tons)
1	United States	\$522.16	8965.6
2	Germany	\$218.28	3747.9
3	The International Monetary Fund	\$180.6	3101
4	Italy	\$157.36	2701.9
5	France	\$156.31	2683.8
6	SPDR Gold ETF (GLD)	\$70.7	1213.9
7	China	\$67.65	1161.6
8	Switzerland	\$66.75	1146.2
9	Russia	\$54	926.9
10	Japan	\$49.11	843.3
11	The Netherlands	\$39.3	674.9
12	India	\$35.79	614.6
13	The European Central Bank	\$32.23	553.3
14	Taiwan	\$27.2	466.8
15	Portugal	\$24.6	421.5

As novas tendências de mercado, caracterizadas por diversas fusões, incorporações e *joint ventures*, configuram a atual estruturação da indústria extrativa aurífera mundial. Desta forma, existe atualmente uma maior concentração de reservas, capacidade e volumes de produção dentre os principais *players* internacionais do setor.

2.3.1 Reservas

“Reserves will be developed to the point of business needs and geologic limitations of economic ore grade and tonnage.” ¹¹²

¹¹¹ Commodity online. *Who Holds the World's |Biggest Gold Reserves?* jan.2012. Disponibilidade e acesso em: <http://www.commodityonline.com/news/who-holds-the-worlds-biggest-gold-reserves-44851-3-1.html> fev.2012.// 6- SPDR- grupo de acionistas, ETF- *exchange traded fund* . Disponibilidade e acesos em: <http://www.spdrgoldshares.com/#home> Fev. 2012

¹¹² Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponibilidade e Acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2011/mcs2011.pdf>

Maiores reservas mundiais

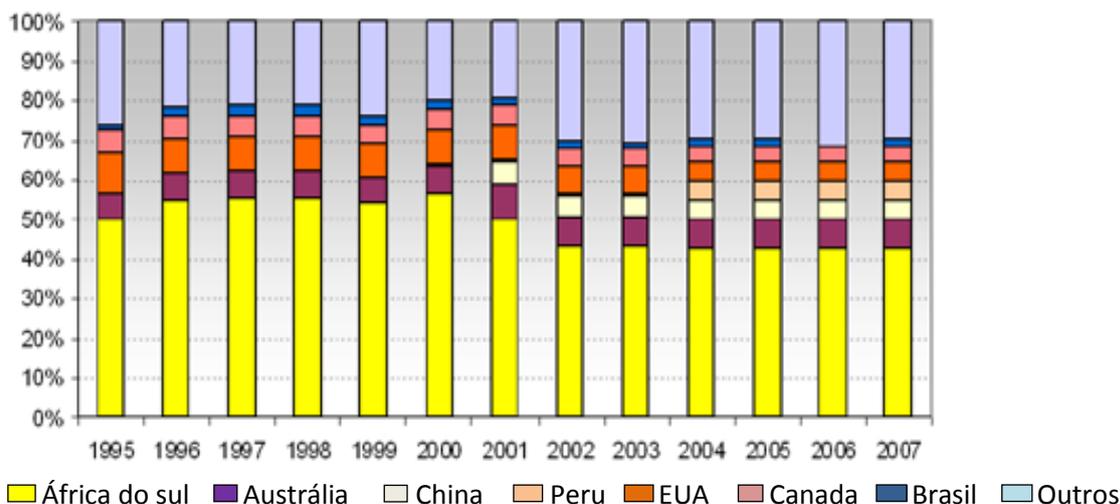
As reservas e perspectivas de novos sítios auríferos fazem parte das preocupações geopolíticas dos Estados, onde o potencial de ampliação de cada região determina a condução do Estado em relação às suas políticas econômicas e de desenvolvimento e, acentuado pela globalização, tem repercussões internacionais, modificando os preços de mercado através de expectativas e projeções futuras.

A partir de 2002, novos países passaram a integrar a lista de expressivas reservas globais como consequência de novas descobertas de campos auríferos, dentre eles, China, Indonésia, Peru, Gana, Chile, Mali, Tanzânia e Filipinas. Até 2004, o crescimento mundial médio de reservas descobertas por ano era de 4,0%, quando se alcançaram 90 mil toneladas de reservas auríferas internacionais oficialmente comprovadas.¹¹³

A África do Sul foi, durante um longo período, a maior reserva mundial de ouro em termos relativos e absolutos. Entre 1995 e 2007, suas reservas auríferas diminuíram cerca de um quinto, porém não afetaram sua posição de líder absoluta no ranking das maiores reservas mundiais neste período. Os países seguintes, no entanto, têm alternado suas posições devido a descobertas recentes em determinados países, e fim da vida útil de algumas minas em outros. Conforme o gráfico da Figura 11, as descobertas chinesas a introduziram na lista das maiores reservas mundiais a partir de 2001, ocupando desde então a terceira posição. As reservas substanciais encontradas no Peru, o posicionaram como quarta maior reserva no período entre 2004-2007, substituindo a posição ocupada pelos Estados Unidos. Verifica-se através de uma análise da Figura 09 e Tabela 08, que apesar das reservas estadunidenses terem decaído consideravelmente entre 1995 e 2007, finalizando com praticamente metade das reservas iniciais, o país permanece como proprietário líder absoluto da maior quantidade de ouro mundial.

¹¹³ Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponibilidade e Acesso em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3988 pg.306. jan.2012

FIGURA 09- Distribuição percentual das principais reservas mundiais de ouro por país – 1995-2007 ¹¹⁴



As reservas de um país são dados dinâmicos, os quais podem ser reduzidos quando os minérios são extraídos ou sua viabilidade diminuída, e podem aumentar quando depósitos são desenvolvidos, novas tecnologias maximizam o processo de exploração atual ou do potencial de reservas não desenvolvidas, ou ainda nos casos de variáveis econômicas melhorarem sua viabilidade.

A partir de 2008, as taxas de reservas mudaram drasticamente. As reservas da África do Sul passaram a representar 13% das reservas mundiais neste ano ¹¹⁵ e no ano seguinte ¹¹⁶, e 11,76% em 2011, ¹¹⁷ devido à estagnação na taxa de reposição dos recursos e reservas auríferas no país, causadas pela progressiva exaustão de suas minas. Outro fator relevante foi o desmantelamento da União Soviética, o que alterou a posição dos países no ranking mundial. A crescente economia mundial e demandas chinesas e indianas a partir da década de 2000 também impactaram na oferta, em termos de precificação e produção. ¹¹⁸

¹¹⁴ Departamento Nacional de Produção Mineral. Ibidem pg.307.

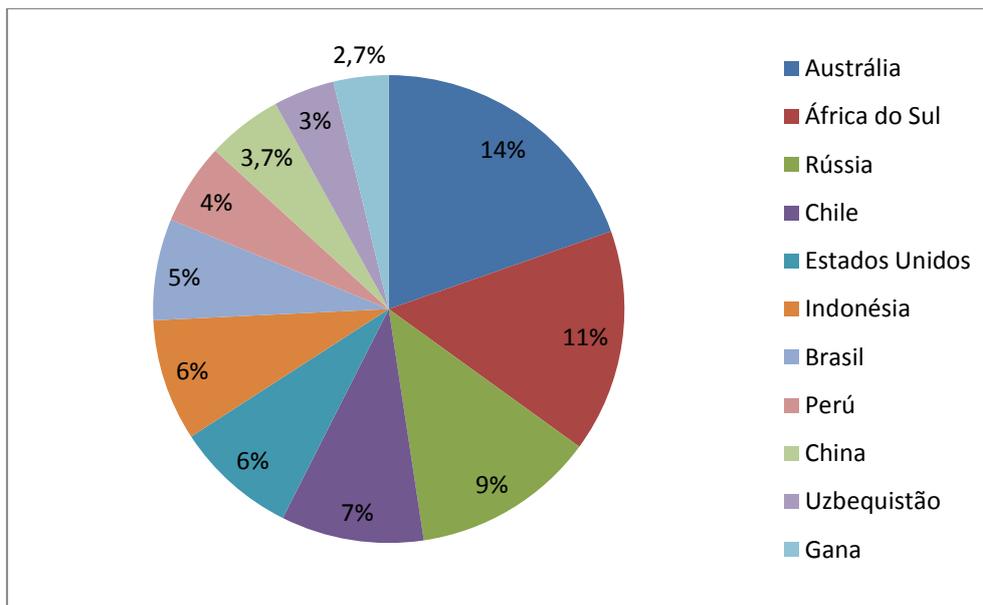
¹¹⁵ YAGER, T. *The Mineral Industry of South Africa*. In: 2008 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2010. Disponibilidade e acesso em <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-2008-sf.pdf>

¹¹⁶ YAGER, T. *The Mineral Industry of South Africa*. In: 2010 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2009/myb3-2009-sf.pdf> Mar. 2012

¹¹⁷ Mineral Commodity Summaries 2012. US Geological Survey. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2012/mcs2012.pdf>

¹¹⁸ Gold Sheet Mining Directory. Disponibilidade e Acesso em: <http://www.goldsheetlinks.com/production.htm> Jan. 2012

FIGURA 10- RESERVAS MUNDIAIS DE OURO, 2011



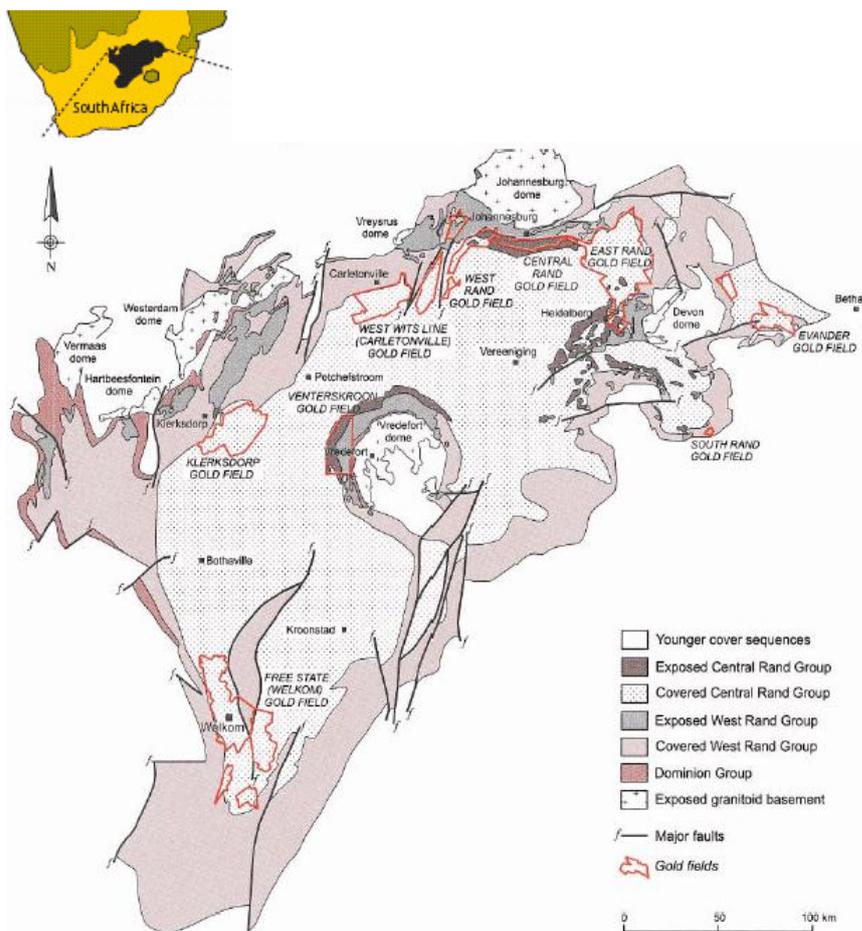
Maiores reservas na África

O ouro proveniente da principal reserva mundial, a África do Sul, foi descoberto por George Harrison em 1868 e a emergência do setor sustentou o desenvolvimento e industrialização do país, contribuindo para que a África do Sul se tornasse o país mais industrializado da região subsaariana.

O setor aurífero é o setor de mineração que mais contribui para a economia do país: fornece 27,4% das receitas minerais e emprega 56% da força de trabalho mineiro. Além disso, a África do Sul exporta 99% da sua produção.

Os principais campos auríferos sul-africanos se encontram Archaean Witwatersrand Basin, região que vem sendo minada a mais de 100 anos e já produziu mais de 41 mil toneladas de ouro. A área está localizada ao nordeste do país, como pode ser observado na Figura 11. Atualmente, existem sete áreas em Witwatersrand sendo exploradas.

FIGURA 11- CAMPOS AURÍFEROS NA ÁFRICA DO SUL ¹¹⁹



Entre 1995 e 1999 houve um crescimento de 37,9% nas reservas encontradas no país, o equivalente a cerca de 52% das reservas globais em 1999-2000. A partir de 2001, suas taxas de reservas recuaram 10%, estabilizando-se em torno de 36 mil t até 2007, período em que a África do Sul alcançou uma marca estável no contexto global de aproximadamente 40% das reservas conhecidas.¹²⁰

Em 2008¹²¹ e 2009¹²², as reservas sul-africanas passaram a representar 13% das reservas mundiais, e 11,76% em 2011,¹²³ como dito anteriormente, devido à exaustão de suas

¹¹⁹ Gold Info Mine: Gold Mining Intelligence and Technology. Disponibilidade e Acesso em: <http://gold.infomine.com/countries/> jan.2012

¹²⁰ Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponibilidade e Acesso em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3988 pg.307. jan.2012

¹²¹ Lugo, O, Mobbs, P, Newman, H, Taib, M, Wallace, G, Wilburn, D, Yager, T. *The Mineral Industries of Africa*. In: 2008 Mineral Yearbook- Africa. 2010. United States Geological Survey. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-sum-2008-africa.pdf> Jan. 2012

¹²² <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2009/myb3-2009-sf.pdf>

¹²³ <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2012/mcs2012.pdf>

minas, por conta de novas descobertas de sítios auríferos e mudanças tecnológicas nas operações mineiras.

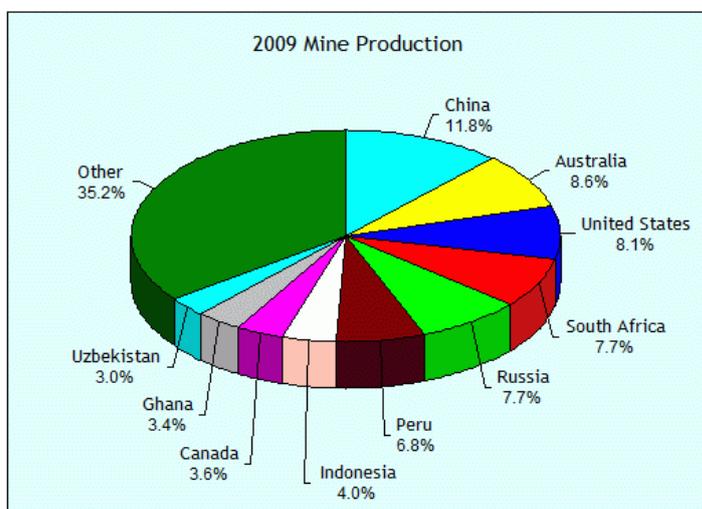
A exploração de novas minas desde 2008 vem sendo extensa e focada principalmente na África do Sul, Zâmbia, Namíbia, Tanzânia, Congo (Kinshasa), Gana, Burkina Faso e Mali e os projetos de exploração de ouro representam 33% dos projetos de exploração em geral na África.¹²⁴

2.3.2 Produção

Mundial

De acordo com a Figura 12, eram considerados os maiores produtores mundiais de ouro em 2009 a China, Austrália, Estados Unidos da América, África do Sul e Rússia, respectivamente.¹²⁵

FIGURA 12- PRODUÇÃO MUNDIAL DE OURO EM 2009¹²⁶



Em 1995, a produção mundial da indústria extrativa mineral foi da ordem de 2.250 toneladas de ouro. A África do Sul foi responsável pela produção equivalente a 23,3% do total, seguida pelos Estados Unidos com 14,2% (320 ton) e Austrália com 11,3% (254 ton).

¹²⁴ Lugo, O, Mobbs, P, Newman, H, Taib, M, Wallace, G, Wilburn, D, Yager, T. Loc. Cit.

¹²⁵ Gold Info Mine: Gold Mining Intelligence and Technology. Disponibilidade e Acesso em: <http://gold.infomine.com/countries/> jan.2011

¹²⁶ Gold Sheet Mining Directory. Disponibilidade e Acesso em: <http://www.goldsheetlinks.com/production.htm> jan.2012

A oferta de ouro no mercado mundial manteve-se praticamente estável no período 1995-2007, apresentando uma taxa média de crescimento anual da ordem de 0,88% ao ano. A produção de ouro sul-africana registrou crescimento médio anual negativo de -5,4% a.a. no período de 1995-2007, enquanto alguns países obtiveram acréscimos expressivos em suas taxas de crescimento médio anual, China (4,9% a.a.), e Rússia (1,6% a.a.).

Em 2007, a produção mundial totalizou 2.500 ton perfazendo um acréscimo de 11,1% ao longo de 13 anos. No entanto, no decorrer deste período, fusões e incorporações transformaram a composição da indústria mineral, reorganizando a participação dos principais países produtores mundiais. Este tema será desenvolvido adiante.¹²⁷

Após mais de um século como maior nação produtora mineral de ouro – desde 1905, segundo a *Gold Fields Mineral Services – GFMS* –, a África do Sul perdeu sua hegemonia, em 2007, quando registrou 10,1% de produção mundial, para a produção aurífera chinesa, a qual apresentou um crescimento de 78,5% no decorrer dos últimos 13 anos¹²⁸ e registrou 10,9% de produção mundial em 2007. A evolução no cenário dos grandes produtores auríferos mundiais desde 1970 é marcante: nesta época, a África do Sul dominava o mercado com 67,7% da produção mundial, seguida pela antiga União Soviética com 13,7%, Canadá 5,1%, Estados Unidos 3,7% e Austrália 1,3%. Duas décadas depois, a produção sul-africana havia diminuído substancialmente, marcando 26,4%, URSS 13,2%, EUA 12,8% e Austrália 10,6%.

No início de 2008, quando os preços de commodities estavam em alta, devido em grande parte ao consumo da própria China e da Índia,¹²⁹ a China anunciou planos de investimento no setor mineral de diversas regiões, como Botsuana, Congo, África do Sul, Zimbábue e Zâmbia. Atrasos e replanejamento dos investimentos e projeções devido a crise

¹²⁷ Departamento Nacional de Produção Mineral- Mariano de Oliveira. *Ouro*. 2009. Disponibilidade e Acesso em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3988 Set. 2011 p. 306

¹²⁸ Commodity Online. *Gold Production: South Africa slips to third rank*. 2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.commodityonline.com/news/gold-production-south-africa-slips-to-third-rank-24755-3-24756.html> Nov. 2011

¹²⁹ http://african.cu.edu.eg/Dr_Abbas/Papers/Minerals_2011.pdf P.2

financeira global afetaram o setor aurífero e a exploração de novas minas, atingindo severamente a economia países de economias dependentes de minerais.¹³⁰

A produção mundial de ouro continua a crescer devido aos aumentos na produção da Austrália, Canadá, Chile, China, México e Rússia, as quais compensam as baixas da Indonésia e Peru.¹³¹ E desde 2011, a África do Sul conseguiu superar sua queda de produção que durava mais de uma década. Atualmente, conforme verificado na Figura 12, os maiores produtores mundiais são a Austrália, Estados Unidos, Rússia e África do Sul, respectivamente.

Na África

A África é um grande produtor de ouro, contribuindo com cerca de 30% da produção mundial. Na região subsaariana, o maior produtor aurífero é a África do Sul, seguido por Gana, Zimbábue, Tanzânia e Mali. As operações mineiras são centralizadas nas regiões de Gana, Tanzânia, Burkina Faso, Costa do Marfim e Zimbawe.¹³²

No início de 2008, quando os preços de commodities estavam em alta, a China anunciou planos de investimento no setor mineral de diversas regiões, como Botsuana, Congo, África do Sul, Zimbábue e Zâmbia. Atrasos e replanejamento dos investimentos e projeções devido à crise financeira global afetaram o setor aurífero e a exploração de novas minas, atingindo severamente a economia países de economias dependentes de minerais.¹³³

A África do Sul, além de ter uma das maiores reservas mundiais de ouro, era em 2010 o quarto maior produtor de ouro mundial. Sua produção tem declinado recentemente devido aos altos custos de produção em relação a outros países, uma curva descendente de mais de 50% desde 1995, mas com expectativas de leve crescimento em 2013. O longo declínio na produção de ouro está relacionado às dificuldades em realizar minerações em profundidades,

¹³⁰ Lugo, O., Mobbs, P., Newman, H., Taib, M., Wallace, G., Wilburn, D., Yager, T. *The Mineral Industries of Africa*. In: 2008 Mineral Yearbook- Africa. 2010. United States Geological Survey. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-sum-2008-africa.pdf> P.1.2 Jan.2012

¹³¹ <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2012/mcs2012.pdf> P. 66

¹³² Business Company. Cape Town, South Africa. Disponibilidade e acesso em: <http://www.mbendi.com/indy/ming/gold/af/p0005.htm> fev.2012

¹³³ Lugo, O., Mobbs, P., Newman, H., Taib, M., Wallace, G., Wilburn, D., Yager, T. *The Mineral Industries of Africa*. In: 2008 Mineral Yearbook- Africa. 2010. United States Geological Survey. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-sum-2008-africa.pdf> P.1.2 Jan.2012

cerca de 95% do ouro sul-africano está, atualmente, em áreas profundas¹³⁴, às taxas baixas de concentração de minérios, às restrições de abastecimento de energia e às greves relacionadas à segurança.

O país que durante um século ocupou a primeira posição global de produção aurífera enfrenta problemas trabalhistas e o fim da vida útil de algumas minas. Segundo o ex ministro de minas sul-africano, Roger Baxter:

*The main reasons behind the continued fall in South African production included higher costs and the fact that older shafts had run out of reserves and were uneconomical to mine. China and Australia operated much shallower mines, which were significantly cheaper.*¹³⁵

Peter Major, analista da empresa de mineração Cadiz, afirma que “*higher labour costs, deeper shafts, low-grade ore, rising input costs such as electricity and steel, and declining investment as some of the reasons behind SA's gold industry losing its shine.*”

Para contornar os problemas que tem enfrentado, a indústria aurífera sul-africana passou por grandes reestruturações para diminuir seus custos e aumentar sua produtividade. Como resultado, os custos do trabalho caíram de 300 dólares a onça para 246 pela mesma quantidade, um custo ainda acima de suas concorrentes nos Estados Unidos e Canadá, respectivamente 189 e 169 dólares a onça (OZ).¹³⁶

Antigo exportador de ouro, Gana é o segundo maior produtor da África e nono maior do mundo¹³⁷, tendo produzido 90.20 toneladas de ouro, ou 2.9 milhões de onças, em 2009, correspondente a 3.4% da produção mundial. Estes valores representam um crescimento de mais de 12% em 2009. Crescentes níveis de investimento direto externo têm sido aplicados no

¹³⁴ Gold Info Mine: Gold Mining Intelligence and Technology. Disponibilidade e Acesso em: <http://gold.infomine.com/countries/> jan.2012

¹³⁵ Commodity Online. *Gold Production: South Africa slips to third rank*. 2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.commodityonline.com/news/gold-production-south-africa-slips-to-third-rank-24755-3-24756.html> Nov. 2011

¹³⁶ Commodity Online. *Ibidem*.

¹³⁷ DZAWU, M. *Ghana's Gold Production Increased by 2.9% in Nine-Months Through September*. Blomberg. Jan.2011. Disponibilidade e acesso em: <http://www.bloomberg.com/news/2011-01-18/ghana-s-gold-output-rises-2-9-to-2-24-million-ounces-update1-.html> nov.2011

e BLOCH, R. E OWUSU, G. *Linkages in Ghana's Gold Mining Industry: Challenging the Enclave Thesis*. Center for Social Science Research, University of Cape Town. 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://www.cssr.uct.ac.za/publications/incidental-paper/2011/749> fev.2012

país, porém instrumentos e técnicas ultrapassadas usadas na mineração de pequena escala vêm causando sérios problemas ambientais.

O país que também é o segundo maior produtor mundial de cacau, é considerado um exemplo bem sucedido para diversos economistas ocidentais. Tradicionalmente dotado de recursos naturais diversos como petróleo, diamante, bauxita, ouro, manganês e cacau, com baixas taxas de alfabetismo e altas taxas de desemprego e dívida internacional, logrou estabilizar-se na década de 1980, após 20 anos de conflito. Em 2010 o país foi classificado como uma economia de rendimento médio por ter alcançado o dobro do rendimento per capita dos países da África ocidental.¹³⁸ Gana tem a maior renda per capita na África Ocidental, mas se classifica como a vigésima primeira no continente.¹³⁹

No Zimbábue, a mineração e agricultura são tradicionalmente os principais pilares da economia nacional, a qual tem sofrido problemas inflacionais, corrupção e desemprego (em torno de 80%). Desde meados da década de 1990, a infraestrutura do país tem piorado consideravelmente e no início do século XXI a economia nacional sofreu uma contração de cerca de 40%. Desde 2000, as grandes fazendas comerciais praticamente colapsaram devido à reforma agrária, diminuindo a participação agrícola na economia. Agravada pela crise econômica, medidas governamentais de cortes de preços em 2007 resultaram em escassez de commodities básicas.¹⁴⁰ A produção de ouro também foi afetada, passando de 23.959 toneladas em 1995 para 3.600 toneladas em 2008, conforme a Tabela 07. Porém, as perspectivas futuras são de crescimento da produção e recuperação das taxas anteriores, prevista para 20 toneladas em 2013 e 1015. O país também é exportador de diamantes, cromo, carvão, platina, níquel e cobre.

Na outra ponta, Mali e Tanzânia vêm experimentando uma curva ascendente na produção aurífera desde 1995, quando produziam até quatro mil quilos, saltando para a casa dos 40 toneladas a partir de 2005. Ambas são consideradas produtoras emergentes na África.

¹³⁸BROWN, D. *Gold Mining in Ghana*. International Business Times. Dez.2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ibtimes.com/articles/87608/20101201/gold-mining-in-ghana.htm> out.2011

¹³⁹ GhanaWeb. Ghana attains middle income status. Nov.2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/NewsArchive/artikel.php?ID=196857> nov.2011

¹⁴⁰ U.S. Department of State. *Background Note: Zimbabwe*. Out, 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/5479.htm#econ> Jan.2012

O PIB per capita de Mali em 2010 (\$691) a posiciona entre as 10 nações mais pobres do mundo. Enquanto a agricultura representa 33% do PIB e ocupa 70% da mão de obra, a queda de preços no mercado de algodão e ouro juntamente com o elevado preço do petróleo pressionam a economia. No período colonial, os investimentos de capitais privados não existiam e os públicos eram direcionados ao programa de irrigação e despesas administrativas. Após a independência, o país logrou construir algumas indústrias leves, porém a manufatura e a agricultura totalizam mais do que 50% dos motores da economia.¹⁴¹ O ouro representa 80% da atividade mineradora de Mali.

A Tabela abaixo expõe a quantidade, em quilos, de ouro produzida entre 1995 e 2008 na África Subsaariana e fornece estimativas de produção até 2015, segundo pesquisa realizada pela *United States Geological Survey* (USGS) em 2010. De acordo com as informações disponíveis na tabela, as seguintes conclusões podem ser ressaltadas: a África do Sul é disparadamente a maior produtora aurífera na África Subsaariana¹⁴². No entanto, houve um declínio exacerbado na sua produção até 2008, resultando em menos da metade da produção de 1995. Apenas a partir de 2011 que estes valores voltam a subir; na direção oposta, Gana, segunda maior produtora aurífera subsaariana, obteve, em 2008, um ganho de mais de 50% comparado a 1995. Em termos absolutos, isto significa um pulo de aproximadamente 53 toneladas para 80 toneladas, demonstrando sua importância regional e mundial; Mali aumentou em mais de 10 vezes sua produção e a Tanzânia em mais de 100 vezes, fato relacionados às descobertas recentes de campos auríferos nos dois países. Proporcionalmente, a Tanzânia teve o maior crescimento da produção; Burkina Faso e Mauritânia destacam-se com crescimentos substanciais enquanto o Zimbábue teve o mais acentuado decréscimo da região, de 23,959 toneladas para 3,600.

¹⁴¹U.S. Department of State Disponibilidade e acesso em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2828.htm#econ>

¹⁴² E maior produtora no continente, segundo a tabela completa disponível no site da USGS.

TABELA 08- ÁFRICA SUBSAARIANA- PROJEÇÃO E HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DE OURO SUBSAARIANO, 1995-2015 ¹⁴³

<u>Principais Produtores</u>							
(Contido de metal em quilograma)							
País	1995	2000	2005	2008	2011e	2013e	2015e
África do Sul	523.809	430.800	294.671	212.744	239.000	257.000	274.000
Gana	53.087	72.080	66.852	80.503	85.100	88.200	88.200
Mali	3.996	28.717	44.230 ¹⁴⁴	41.160 ¹⁴⁵	42.100	43.000	43.000
Tanzânia	320	15.060	47.270	36.000	44.100	40.000	38.600
Guiné	7.863	15.788	25.097	19.945	18.500	18.500	18.500
Costa do Marfim	1.983	3.444	1.335	4.205	12.100	15.700	15.100
Mauritânia	1.196	--	--	6.254	10.500	10.500	10.500
Zimbábue	23.959	22.069	14.024	3.600	10.000	20.000	20.000
Burkina Faso	1.319	625	1.397	7.633	8.700	9.400	9.400
Senegal	--	550	600	600	5.300	5.300	5.300
Etiópia	4.500	3.206	4.376	3.465	4.900	7.100	5.700
Rep. Central Africana	97	15	15	10	4.100	6.900	6.300
Congo (Kinshasa)	1.180	69	7.2	3.300	3.400	18.600	32.000
Total	623.309	592.423	499.867	419.419	487.800	540.200	566.600

¹⁴³ U.S. Geological Survey. 2008, Minerals YearBook: Africa. 2010. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-sum-2008-africa.pdf> P.1.20. Estimated data and totals are rounded to no more than three significant digits. E-Estimated. -- Negligible or no production.

¹⁴⁴ Excludes production from artisanal mining, which is estimated to be about 4,000 kilograms per year.

¹⁴⁵ Excludes production from artisanal mining, which is estimated to be about 5,000 kilograms per year.

2.3.3 Empresas

Várias das grandes mineradoras mundiais atuam na exploração e desenvolvimento das minas de ouro na África. Em 1998, cerca de 24% da produção mundial mineira de ouro pertencia aos quatro maiores grupos de produtores internacionais. Duas sul-africanas, a *Anglogold* e a *Gold Fields*, concentravam juntas 14,7% da produção aurífera global (a *Gold Fields* também funciona em Gana). A maior mineradora de ouro do mundo, no entanto, é a multinacional americana *Newmont Mining Corporation*, que em 2002 comprou 79% das ações da empresa australiana *Normandy Mining*. Neste mesmo ano, os preços do ouro nos mercados globais subiram e surgiram novos investimentos na indústria mineral aurífera.

No ano seguinte, em 2003, a *AngloGold* consolidou uma capacidade instalada de, aproximadamente, 8,3 milhões de onças de ouro, desenvolvendo atividades em minas na África do Sul, Namíbia, Tanzânia, Zimbábue, Mali, Gana, Guiné, Austrália, Argentina, Brasil e Estados Unidos. Sua presença em Mali tem aumentado após o acordo para desenvolver seu segundo maior depósito no país, Yatela, atrás apenas do depósito da Sadiola.

Após fusão em 2001, a Barrick- Homestake tem produzido anualmente cerca de 0.5 milhões de onças na África e somente seu projeto na mina de Bulyanhulu, na Tanzânia, em 2001, produzia inicialmente 300.000 onças por ano, passando em seguida para 500.000 onças anuais, um projeto que contribuiu sozinho com 10% a mais da produção anual da empresa.¹⁴⁶

Outra companhia importante, Ashanti (1.7 milhões de onças em 2001), é uma das maiores companhias africanas mineradoras e de exploração e detém quatro operações mineiras em Gana, além de instalações no Zimbábue, Guine e Tanzânia.

As empresas que se destacaram na produção de ouro no Zimbábue são a Rio Tinto, Casmyn Mining e a DeltaGold. A DeltaGold foi no passado a mineradora mais importante do Zimbábue, com 380 000 onças e posse de 100% das operações no país desde 1999. Todavia, suas operações foram canceladas. Rio Tinto é responsável por 10% da produção aurífera anual no país, o que representa em torno de 1.5 milhões de onças anualmente. A Casmyn

¹⁴⁶ Business Company. Cape Town, South Africa. Disponibilidade e acesso em: <http://www.mbendi.com/indy/ming/gold/af/p0005.htm> fev.2012

Mining tem apenas uma região de exploração no Zimbábue, mas também tem focos de interesse em Zâmbia.

Na África do Sul, a maior empresa produtora de ouro é a *Gold Fields Harmony*, mas outras de destaque são a *Durban Roodepoort Deep*, a *ARM Gold* e a *Avgold*. A *Gold Fields* também é a maior companhia mineradora de Gana, seguida respectivamente pela *Newmont Mining Corporation's*, *AngloGold Ashanti 's*, *Noble Mineral Resources*, *Golden Star Resources*, *Keegan Resources*, *Adamus Resources Limited*, *Castle Minerals Limited* e *Perseus Mining Limited*.¹⁴⁷

As duas maiores empresas de investimento privado são a Anglo-American (250 milhões de dólares) e Randgold (\$140 milhões de dólares), ambas sul-africanas e localizadas no oeste e sudeste de Mali respectivamente. Os aumentos significativos na produção aurífera e de cereais alteraram a taxa de crescimento do PIB de 3.2% em 2000 para 4.5% em 2010.

De acordo com a maior mineradora mundial, *Newmont Mining Corporation*, a produção africana de ouro deverá dobrar entre 2011 e 2015, e alcançar 1.2 milhões de onças. Somente a *Newmont* tem planos de investir entre 700 milhões e 1 bilhão de dólares em uma das suas áreas de exploração, ao leste de Gana. A empresa também está presente na Costa do Marfim, Guiné e Burkina Faso.¹⁴⁸

Em 2008, os quatros maiores grupos mundiais produtores de ouro tornaram-se responsáveis por 29,6% da produção primária global, resultando num crescimento de 23,3% da concentração da capacidade produtiva em relação à configuração de dez antes atrás. Atualmente, os seis principais grupos internacionais consolidam mais de 1/3 da oferta aurífera primária mundial. Se considerados apenas os três maiores grupos multinacionais sul-africanos, *AngloGold Ashanti Ltd.*, *Gold Fields Ltd.* e *Harmony Gold Mining Co. Ltd.*, temos um acúmulo de 14,7% da produção global de ouro.

¹⁴⁷ BROWN, D. International Business Times. Gold Mining in Gana. Dez.2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ibtimes.com/articles/87608/20101201/gold-mining-in-ghana.htm> out.2011

¹⁴⁸ Mining-Mali. Disponibilidade e acesso em: <http://www.mining-mali.com/african-gold-production-expected-to-double-by-2015/> jan.2012

2.3.4 Consumo

Entre 1996 e 2007, o consumo aurífero mundial apresentou uma taxa média de crescimento de 3,3% a.a. De acordo com a Tabela 09, o setor que mais consome este material é a joalheria, muito a frente dos outros, e a indústria eletrônica e de alta tecnologia. Segundo uma pesquisa realizada pelo *Gold Fields Mineral Services- GFMS*, em 2007, a demanda no setor eletrônico foi de 311 ton de ouro, um crescimento de 52,5% frente às 204 ton consumidas em 1995.¹⁴⁹

TABELA 09- Setores de maior consumo do ouro- 2010/ 2011 ¹⁵⁰

Tonnes	2010	2011²
Jewellery	2,016.8	1,962.9
Technology	466.4	463.5
Electronics	326.8	330.4
Other Industrial	90.9	89.3
Dentistry	48.7	43.8
Investment	1,567.5	1,640.7
Total bar and coin demand	1,199.8	1,486.7
Physical Bar demand	898.9	1,159.1
Official Coin	212.5	239.7
Medals/imitation Coin	88.3	87.8
ETFs & similar products⁴	367.7	154.0
Gold demand	4,050.7	4,067.1

Como mostra a Figura 13, dentre os maiores consumidores mundiais auríferos, a Índia se destaca na primeira posição ao adquirir aproximadamente 1/3 do produto disponibilizado no mercado mundial. Essa quantia é demandada pela enorme população (não representada por bancos ou instituições), graças às tradições locais de decoração e segurança financeira em momentos de crise.¹⁵¹

O segundo maior consumidor mundial é a China, que responde por cerca de 20% da demanda global. A China, como a Índia, utiliza o ouro principalmente como investimento. A corrida por ouro entre os dois gigantes é acirrada e no último trimestre de 2011 a China

¹⁴⁹ Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponibilidade e Acesso em:

https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3988 pg. 345 jan.2012

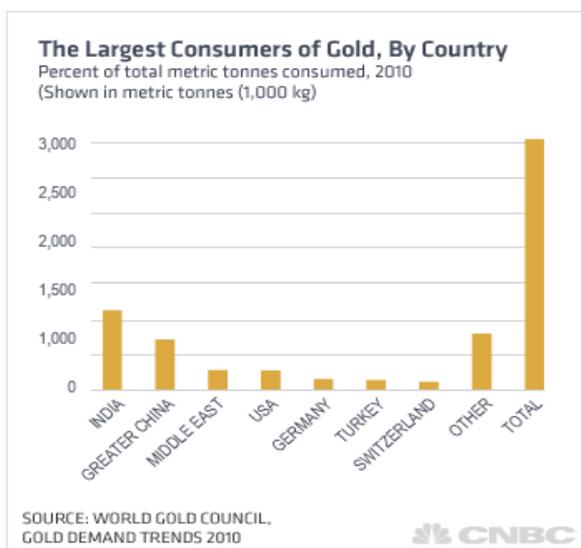
¹⁵⁰ World Gold Council. Investment- demand and Supply statistics. Ago.2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.gold.org/investment/statistics/demand_and_supply_statistics/ fev.2012

¹⁵¹ PISANI, B. Asian Consumers Driving Demand For Gold. Ago.2011 CNBC business news. Disponibilidade e acesso em: http://www.cnbc.com/id/43974854/Asian_Consumers_Driving_Demand_For_Gold Jan.2012

ultrapassou o posto indiano de primeiro consumidor mundial (apenas por este período), permanecendo a Índia na primeira posição quando analisado o ano inteiro.¹⁵²

A África subsaariana não possui demanda expressiva por ouro, porém o crescimento das economias africanas na década de 2000 tem produzido uma classe média cada vez maior e atraído empresas diversas que podem, no futuro próximo, mudar as taxas de consumo de ouro na região. A Índia e a China aparecem como maiores consumidoras mundiais, respectivamente, segundo nos mostra a Figura 14.

FIGURA 13- DEMANDA MUNDIAL POR OURO- 2010¹⁵³



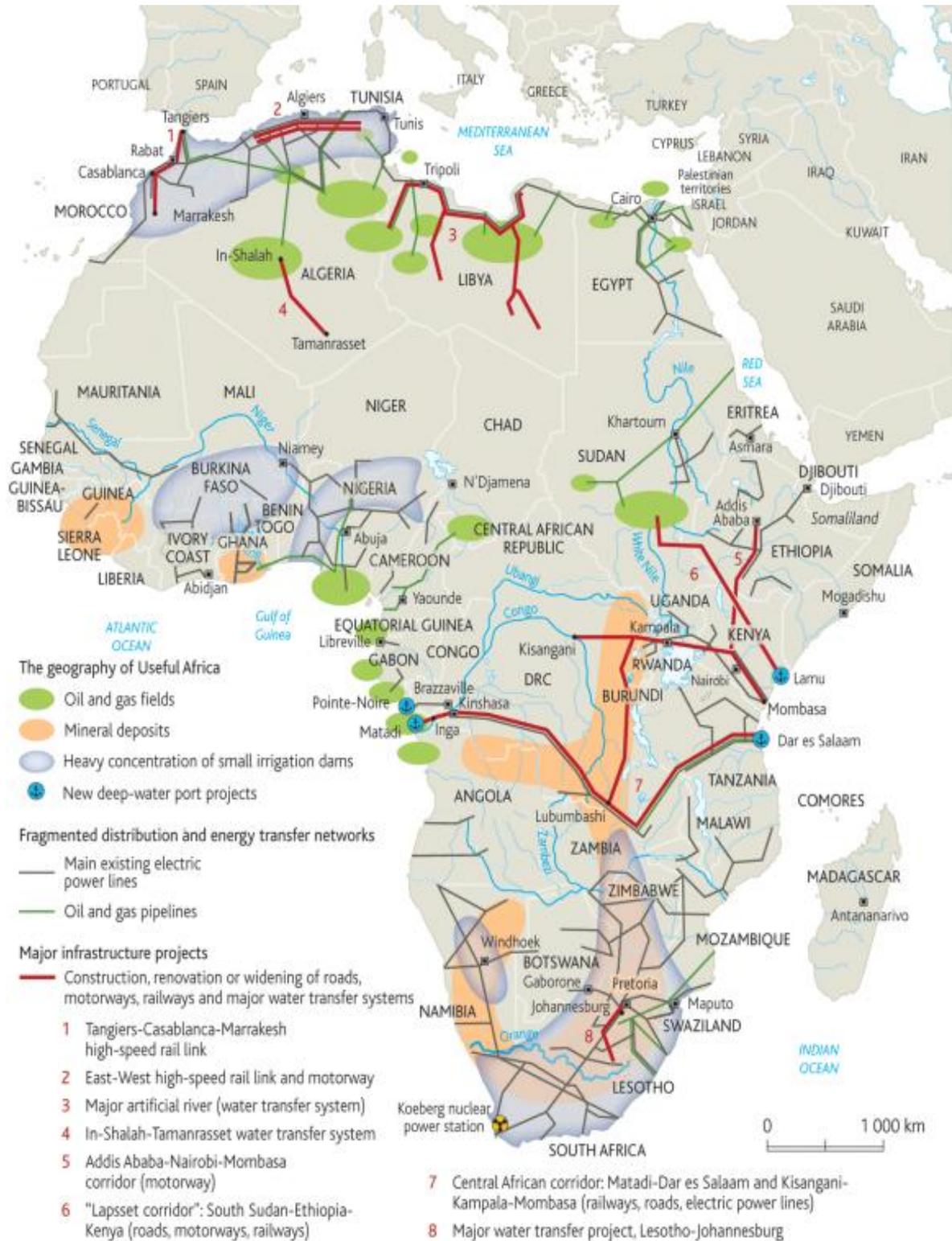
A infraestrutura da África

Com base no que foi exposto neste capítulo, o mapa abaixo destaca as principais informações pertinentes à infraestrutura africana e à integração geográfica do continente. Existe grande disparidade entre o interior da África Ocidental, Oriental e Central, em relação ao entorno do continente. Na região logo abaixo do Saara inexistem recursos naturais e, por isso, tanto as linhas de energia elétrica quanto os projetos de infraestrutura acumulam-se ao sul da República Centro- Africana e nos contornos da África.

¹⁵² The Times of India. China overtakes India as the largest gold consumer. Fev.2012 Disponibilidade e acesso em: <http://timesofindia.indiatimes.com/business/india-business/China-overtakes-India-as-largest-gold-consumer/articleshow/11919582.cms> fev.2012

¹⁵³ PISANI, B. Asian Consumers Driving Demand For Gold. Ago.2011 CNBC business news. Disponibilidade e acesso em: http://www.cnbc.com/id/43974854/Asian_Consumers_Driving_Demand_For_Gold Jan.2012

FIGURA 14- A INFRA-ESTRUTURA DA ÁFRICA -2011 ¹⁵⁴



¹⁵⁴ REKACEWICZ, P. Useful Africa. Fev, 2011. Le Monde Diplomatique. <http://mondediplo.com/maps/usefulafrica> Abr. 2011.

2.4 CONSIDERAÇÕES

Em suma, a África subsaariana é dotada de recursos naturais abundantes, encontrados especialmente nas rochas pré-cambrianas, onde estão cerca de 80% dos minerais e metais industriais. Os recursos naturais africanos têm participado do comércio interafricano e além-mar há mais de quinze séculos. Através do oceano Índico, a África subsaariana manteve relações com a Pérsia, Índia e China, que vinham à região austral em busca de ouro e outros metais.

A região mais rica em minerais, metais e recursos energéticos é a África Austral, faixa que comporta de Angola- Congo/Zaire até a África do Sul, uma região considerada geopoliticamente estratégica também devido à rota do Cabo. No entanto, o Golfo da Guiné é área de maior interesse no que concerne a indústria petrolífera mundial. Na outra ponta, encontra-se a região centro-oriental, a qual não possui recursos naturais expressivos.

Muitos recursos possuem alto valor estratégico para as economias nacionais locais e externas, um conceito relacionado à quantidade de reserva conhecida, ao desenvolvimento tecnológico, ao preço de mercado, à inelasticidade do bem, à utilidade, ao valor da commodity no mercado internacional e à taxa de crescimento do PIB mundial.

Nesse contexto, o petróleo e o ouro podem ser ressaltados, em especial, para a Economia Política Internacional, levando em conta as seguintes premissas: o ouro, por seu alto valor no mercado, seu papel de reserva de valor e porto seguro no sistema econômico, e relevância regional: os projetos de exploração de ouro representam 33% dos projetos de exploração em geral na África;¹⁵⁵ e o petróleo, a principal matriz energética mundial, essencial às máquinas e ao transporte, central na estratégia geopolítica dos Estados.

A Nigéria detém a maior reserva de petróleo subsaariano e é também a maior produtora da região, seguida por Angola. Juntos, Nigéria e Angola são responsáveis por aproximadamente 80% do petróleo produzido na África negra, porém o recurso está presente

¹⁵⁵ Lugo, O, Mobbs, P, Newman, H, Taib, M, Wallace, G, Wilburn, D, Yager, T. *The Mineral Industries of Africa*. In: 2008 Mineral Yearbook- Africa. 2010. United States Geological Survey. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-sum-2008-africa.pdf> Jan. 2012

também, de forma menos expressiva, em outros países, os quais: Congo-Brazzaville, Gabão, Guiné Equatorial, Camarões, Chade, República Democrática do Congo e Sudão.

As reservas auríferas africanas encontram-se na África do Sul, Zâmbia, Namíbia, Tanzânia, Congo (Kinshasa), Gana, Burkina Faso e Mali. A África do Sul foi, durante um longo período, a maior reserva mundial de ouro em termos relativos e absolutos, mas descobertas recentes e fim da vida útil de algumas minas afetaram sua posição. Ela continua, no entanto, como a maior reserva africana e segunda maior reserva mundial, com 11% das reservas conhecidas em 2011.¹⁵⁶

Embora as produções petrolífera e aurífera sejam realizadas em larga escala na África subsaariana, a demanda deriva dos países mais desenvolvidos ou que vem apresentando elevadas taxas de crescimento econômico, como a China. No caso do petróleo, o maior importador é os Estados Unidos, enquanto que o maior importador aurífero é a Índia. Ainda que a África do Sul seja um tradicional produtor de ouro e possua grande reserva do produto, os interesses atuais das grandes potências têm sido diversificados e endereçados também às perspectivas futuras de outras regiões menos exploradas.

Concluindo, o petróleo e o ouro estão entre os recursos mais disputados e estão, portanto, fortemente conectados às guerras que assolam a região, tema que será abordado no adiante.

¹⁵⁶ *Mineral Commodity Summaries 2012*. US Geological Survey. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/mcs/2012/mcs2012.pdf>

CAPÍTULO 3- A GEOPOLÍTICA DAS GRANDES POTÊNCIAS EM DIREÇÃO AOS RECURSOS NATURAIS

Africa has a long history of convoluted affairs, with the United States, Britain, France and Russia constantly interfering in local affairs. The entire Cold War was an ideological battle between the two blocks with both the US and Russia competing for African leaders' allegiance to them. As such, if China is backing one candidate over another, it does so by following, once again, the pattern that emerged back in the 60's and one which unfortunately continues to date.¹⁵⁷

Os interesses em posições estratégicas e recursos naturais das grandes potências têm modificado o formato das guerras ocorridas a partir da década de 1990 ao fornecer treinamento e instrumentos de combate e, desta forma, alterado sua duração, como ocorreu em Angola. Sua presença direta ou indireta desde 1884, por meios que serão analisados nesse capítulo, tem influenciado os cenários político e econômico subsaarianos que apresentam as condições imprescindíveis para a evolução dos conflitos armados.

Neste capítulo é proposta uma leitura da geopolítica recente em direção aos recursos naturais subsaarianos, motivada pelo crescimento da economia mundial, onde os *big players* do Sistema Internacional buscam assegurar o fornecimento energético e de recursos estratégicos interferindo na dinâmica local, por sanções econômicas e políticas, através do comércio ou por meio de instituições como o Banco Mundial. Mostraremos os principais fluxos de comércio e investimento realizados desde a década de 1990 na África, treinamentos militares e outras investidas, sobretudo, da China e dos Estados Unidos, na região subsaariana, com o intuito de explicitar seus interesses na África Negra.

3.1 INTERESSES GEOPOLÍTICOS

Como visto anteriormente, a economia mundial entrou em um novo ciclo ascendente de grande valorização das commodities no início de século XXI impulsionado, principalmente, pelo crescimento da China, a qual apresentou taxas médias de crescimento de 9,4% na última década. Tais mudanças ocorreram a partir das transformações no Sistema

¹⁵⁷ *China, Zambia and the racist undertones of Western journalists.* African Politics. Set, 2011. Disponibilidade e acessos em: <http://www.african-politics.com/> nov.2011

Internacional durante a década de 1990, período em que o centro dinâmico da acumulação capitalista deslocou-se para a Ásia e o novo eixo da geopolítica mundial tornou-se EUA-China-Rússia, sendo a China o centro articulador da economia mundial. Partindo desta base, acadêmicos e cientistas políticos afirmam que se está configurando uma nova corrida imperialista para a África, com o intuito de garantir o fornecimento energético.¹⁵⁸

Nesse embate, antigas potências coloniais e novas potências econômicas disputam posições estratégicas e apoio político em um cenário cujo pensamento predominante na década de 1990 era “*um continente inviável e marginal dentro do processo vitorioso da globalização econômica... um continente que não interessaria às grandes potências nem às suas corporações e bancos privados.*”¹⁵⁹ Se a Europa e os Estados Unidos já possuem posições militares consolidadas e utilizam também o *Soft Power*¹⁶⁰ para delinear suas áreas de atuação, os fatos recentes indicam que a entrada da China e da Índia na disputa por espaço no continente africano têm ameaçado esses interesses.

Neste contexto, a relação entre os Estados Unidos e a China, desde o crescimento chinês, vem sendo ao mesmo tempo de cooperação e competição. A complementaridade ocorre nas esferas comercial e financeira, ao passo que a vocação expansiva de ambas as potências faz com que a competição seja inevitável.¹⁶¹

3.1.1 CHINA

A China tornou-se uma das principais presenças na África nas últimas décadas, sobretudo nos setores minerais e energéticos. Tal fenômeno está relacionado ao acelerado crescimento econômico do país e suas necessidades energéticas, as quais excederam seus recursos domésticos. A venda de automóveis, por exemplo, triplicou de 2000 para 2010, porém a produção interna de petróleo foi insuficiente para cobrir a demanda doméstica, que, conforme ilustrado na Figura 15, vem experimentando uma curva ascendente exponencial desde 1995. Em 2010, a produção correspondia a 4.273 milhões barris/dia (mbd) enquanto

¹⁵⁸ Ver, por exemplo, Fiori, na Folha de São Paulo, em 04.04.11.

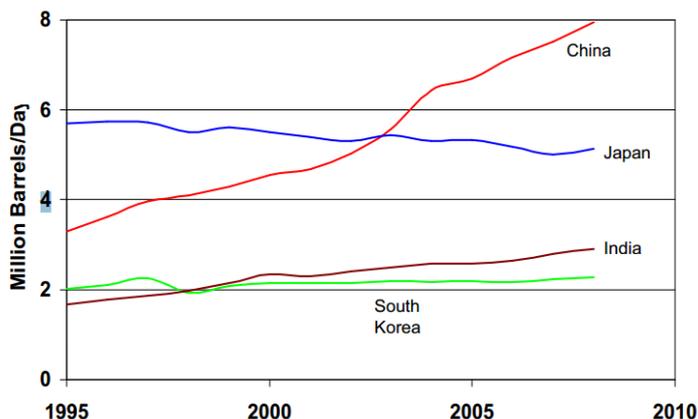
¹⁵⁹ FIORI, José. “Guerra na África é a nova corrida imperialista”, *Folha de São Paulo*. 04.04.11

¹⁶⁰ *Soft Power* significa poder econômico, cultural e simbólico. LAMPREIA, L. A política Externa do Governo FHC: Continuidade e Renovação. **Universidade de Brasília**. Brasília, nov.1998. Disponibilidade e acesso: <http://ftp.unb.br/pub/unb/ipr/rel/rbpi/1998/41.pdf> 28.jun.2006.

¹⁶¹ FIORI, J. *Estratégia Imperial dos EUA segue em expansão*. Folha de SP, 01.12.2007

seu consumo era de 9.189 milhões barris/dia no mesmo período¹⁶². Segundo previsões disponibilizadas pela EIA, a demanda de petróleo chinesa deverá alcançar 16,3mbd (milhões de barris por dia) em 2030.¹⁶³

FIGURA 15- DEMANDA POR PETRÓLEO- CHINA, ÍNDIA, JAPÃO E CORÉIA ¹⁶⁴



A política externa chinesa para a África, segundo divulgado em notas oficiais, é baseada na não interferência nas questões domésticas, apesar do seu envolvimento político e militar demonstrado neste trabalho, e tem como base estratégias de longo prazo. Entre elas, está a segurança energética, diversificação de mercados para exportação, criação de empregos e abastecimento de recursos minerais.

Embora as relações comerciais entre os dois continentes sejam seculares, foi após o fim da Guerra Fria que a relação se intensificou. Nas décadas de 1960 e 1970, a China contribuía com os regimes socialistas e apoiava as manifestações anticoloniais, intitulado-se líder dos países terceiro-mundistas. Dentre os investimentos feitos sob a forma de ajuda ao desenvolvimento na região nesta época, o mais significativo foi a construção da ferrovia que conectava a Tanzânia socialista a Zâmbia, um empreendimento que mobilizou 13.500 trabalhadores chineses e um empréstimo sem juros de 412 milhões de dólares. A ferrovia

¹⁶² *China Petróleo- consumo.* Indexmundi. Disponibilidade e acesso em: http://www.indexmundi.com/pt/china/petroleo_consumo.html

¹⁶³ *China Petróleo- consumo.* Indexmundi. Disponibilidade e acesso em: http://www.indexmundi.com/pt/china/petroleo_consumo.html

¹⁶⁴ SHEALY, M. *Chinese Oil Demand: Steep Incline Ahead.* Abr, 2008. U.S. Energy Information Administration. http://www.eia.gov/conf_pdfs/Monday/shealy.pdf p.1 dez.2011.

tinha o intuito de transportar cerca de 300 mil toneladas de cobre provenientes do Zâmbia e da República Democrática do Congo.¹⁶⁵

O envolvimento chinês na África tornou-se mais evidente a partir da década de 1990. Entre os meios de aproximação com a África, a China tem utilizado o perdão da dívida, investimentos, ajuda internacional e tem participado nas operações de paz no continente. Em 2001, o governo lançou sua política global *zou chuqu* (“go out”), uma política de incentivo às empresas estatais chinesas na busca por acesso de longo prazo aos recursos naturais.¹⁶⁶ Nesta direção, companhias de construção chinesas têm recebido créditos de exportação, empréstimos bancários garantidos pelo governo e políticas de ajuda financeira, estas implementadas por bancos estatais chineses, para realizar seus contratos no continente africano. Atualmente, existem companhias chinesas em 48 países africanos.¹⁶⁷

Essa política visa possuir ou controlar as concessões de recursos naturais, de modo a assegurar o fornecimento desse material antes de seus concorrentes, especialmente em momentos de crise.¹⁶⁸ A Figura 16 abaixo mostra como as políticas chinesas têm colhido frutos: entre 1998 e 2006, as exportações africanas para a China tornaram-se muito mais significativas do que para a Europa e para os Estados Unidos.

¹⁶⁵ BUTTS, K.e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf mar. 2011.p.2

¹⁶⁶ BUTTS, K.e BANKUS, B. Op. Cit. p.3.

¹⁶⁷ *Asian foreign direct investment in Africa: United Nations report points to a new era of cooperation among developing countries*. Mar, 2007. Press Release. United Nations Conference on Trade and Development. Disponibilidade e acesso em:

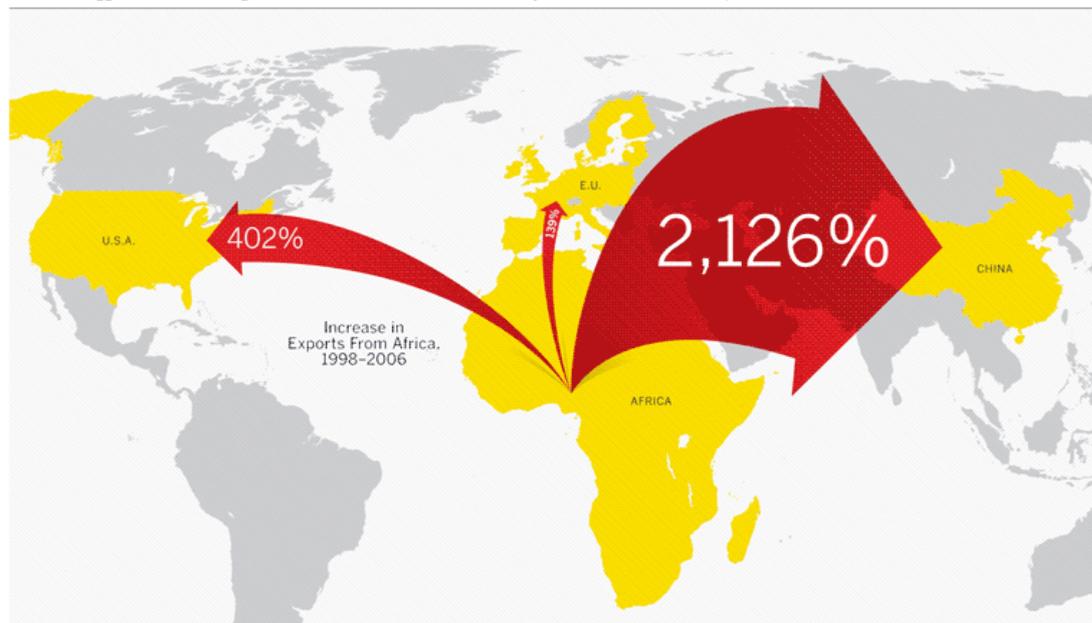
<http://www.unctad.org/templates/webflyer.asp?docid=8172&intItemID=1528&lang=1>

¹⁶⁸ BUTTS, K.e BANKUS, B. Loc cit *

FIGURA 16- Aumento das exportações africanas para os Estados Unidos, Europa e China: 1998-2006 ¹⁶⁹

The Race for Raw Materials

Thanks to aggressive deal making in the sub-Sahara, China has dramatically boosted its economic footprint in Africa.



Nas palavras do jornalista Richard Behar, a corrida pelos recursos africanos pode ser entendida da seguinte forma: *“At times it is glorious, appearing to brim with possibility, perhaps the sub-Sahara's last chance to catch up with the world; at others, it appears little more than a revamped, upgraded replay of colonialism.”* ¹⁷⁰

Presença chinesa na África

No Gabão, as reservas de minério de ferro, essenciais para construção, têm atraído a atenção do gigante asiático. As reservas encontram-se a 500 milhas do litoral do continente, motivo pelo qual a China tem investido bilhões de dólares na construção de uma ferrovia que conecte o terminal portuário às minas. A ausência de infraestrutura na região tornou necessária a construção de uma hidroelétrica para processar o material e transportá-lo até a costa e o investimento permitirá a China ter acesso exclusivo à produção mineira. ¹⁷¹

¹⁶⁹ BEHAR, R. Loc cit.

¹⁷⁰ BEHAR, R. *China Storms Africa*. 2008. Award Winning Article, Fast Company. Disponibilidade e acesso em: <http://www.fastcompany.com/magazine/126/special-report-china-in-africa.html> Jan. 2012

¹⁷¹ AMOSU, A. *China in Africa*. 2007. Foreign Policy in Focus., Think Tank. Disponibilidade e acesso em: http://www.fpi.org/reports/china_in_africa_its_still_the_governance_stupid Jan. 2012

O país também é um dos fornecedores de petróleo para a China. Dentre as negociações a este respeito, o Gabão assinou acordos referentes ao fornecimento e exploração de petróleo com a China em 2009, no valor de U\$ 7-9 bilhões.¹⁷²

A República Democrática do Congo (Kinshasa) é um dos principais receptores de ajuda internacional proveniente da China e importante fornecedor de recursos naturais, especialmente cobre e cobalto. Em 2007, a ADO líquida chinesa equivalia a 25.2% das receitas nacionais brutas.¹⁷³ A China tem reconstruído infraestrutura crítica no país que garanta o acesso aos recursos. Em maio de 2008, por exemplo, ela forneceu um empréstimo para o desenvolvimento de infraestrutura relacionada a recursos naturais em longo prazo no valor de 6 bilhões de dólares e utilizou mais U\$ 3,25 bilhões em compra de ativos de mineração.¹⁷⁴ No projeto, que demanda a construção de aproximadamente 3.900 quilômetros de estradas e 3.200 quilômetros de estrada de ferro, está incluída a construção de 2 universidades, 32 hospitais e 145 centros de saúde.¹⁷⁵

No mesmo período, a empresa estatal congoleza Gecamine comprou a parte da empresa Katanga na Kamoto Copper Company (KCC), onde estão os importantes depósitos de Mashamba West e Dikuluwe, ambos localizados no cinturão cobre - cobalto, e ofereceu as concessões à uma companhia chinesa.¹⁷⁶

A Zâmbia, país dotado de ricas minas de cobre, recebeu um total de investimentos chineses de 800 milhões de dólares e planeja gastar mais 220 milhões para criar uma refinaria.¹⁷⁷ O cobre é um elemento relativamente raro e serve para aplicações elétricas e

¹⁷² ZHAO, S. *The Geopolitics of China-African Oil*. 2011. China Briefing. Disponibilidade e acesso em: <http://www.china-briefing.com/news/2011/04/13/the-geopolitics-of-china-african-oil.html> Mar. 2012

¹⁷³ Chinese Mining Operation in Katanga: Democratic Republic of Congo. Rights and Accountability in development. Setembro, 2010. Disponibilidade e acesso em: <http://raid-uk.org/docs/ChinaAfrica/DRCCHINA%20report.pdf> P.27 Maio. 2012

¹⁷⁴ DRC Mining Journal. Special Publication. Março, 2010. Disponibilidade e acesso em: http://www.mining-journal.com/_data/assets/supplement_file_attachment/0004/209074/DRC_2010scr.pdf P.4 Maio. 2012

¹⁷⁵ BUTTS, K.e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf Pg 7. Mar. 2011

¹⁷⁶ Katanga Mining Limited. News release, 08.02.2008. Disponibilidade e acesso em: http://www.katangamining.com/kat/investor_relations/newsreleases/pressrelease/?id=4610725 Maio. 2012

¹⁷⁷ BUTTS, K.e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf Pg 6. Mar. 2011

condutividade térmica. Suas propriedades de excelência apresentam-se como “*fatores determinantes para o cobre alcançar o status de metal imprescindível para o desenvolvimento industrial, associado à descoberta revolucionária do gerador elétrico por Faraday, em 1831*”.¹⁷⁸

Angola é um dos principais parceiros econômicos chineses na África e recebeu 135 milhões de dólares em financiamento para reconstruir seus sistemas elétrico e hidráulico, além de estradas. A reforma da ferrovia Benguela, que liga Angola a República Democrática do Congo (RDC), representa um dos grandes projetos de investimento chinês em infra-estrutura, avaliado em 300 milhões de dólares. Por esta ferrovia é transportado o manganês exportado da RDC.

O país, segundo maior produtor de petróleo da África, é o maior abastecedor petrolífero subsaariano chinês e contribui com metade do abastecimento de petróleo africano para a China, conforme se observa na Tabela 09, a qual retribui com pacotes de ajuda, apoio político e investimentos em infraestrutura. Entre outras medidas, os chineses anunciaram uma linha de crédito financiada pelo Banco de Exportação e Importação da China (EximBank) de dois bilhões de dólares em 2004, para financiar hospitais, estradas, escolas, habitações e afins.¹⁷⁹ Em 2007, EximBank estendeu seu empréstimo em mais \$2 bilhões para continuação desses projetos, mas estima-se que a soma total já esteja em torno de 6 bilhões.¹⁸⁰ Desde então, a cooperação entre as duas nações tem sido de visitas frequentes que resultaram em contratos políticos, econômicos, diplomáticos, culturais e sociais.¹⁸¹ As relações entre China e Angola passaram rapidamente de um perfil defensivo e de segurança para uma direção econômica. Segundo declarações chinesas feitas em 2007 no registro de Convenções de Armas das Nações Unidas, não houve mais transferência de grandes equipamentos militares depois de 2006.

Para retribuir as lucrativas trocas comerciais que tem efetuado com o país, a China concordou em estabelecer um centro de prevenção e tratamento da malária na capital

¹⁷⁸ *Cobre*. Departamento Nacional de Produção Mineral. 2009. Disponibilidade e acesso em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3982 pg.216

¹⁷⁹ AMOSU, A. *China in Africa*. 2007. Foreign Policy in Focus, Think Tank. Disponibilidade e acesso em: http://www.fpif.org/reports/china_in_africa_its_still_the_governance_stupid_Jan.2012

¹⁸⁰ ALESSI, C. *Expanding China- Africa Oil Ties*. Fev, 2012. Council on Foreign Relations. Disponibilidade e acesso em: <http://www.cfr.org/china/expanding-china-africa-oil-ties/p9557> Fev. 2012.

¹⁸¹ CAMPOS, I., VINES, A. *Ibidem*. P.35

angolana, Luanda. Conhecida como a “Diplomacia da saúde”, a assistência médica chinesa na África existe desde 1964, e já foram implementados diversos programas de prevenção de doenças infecciosas, seminários, conferências e unidades médicas pelas operações de paz da ONU.¹⁸²

A China se tornou a maior contribuinte em termos de investimento no Chifre da África, região que contempla a Etiópia, Eritreia, Djibuti, Sudão e Somália, dentre os quais construções de pontes, fornecimento de energia e água, sistemas de irrigação e telecomunicação. Até 2005, haviam sido construídos o hospital de Oratta em Asmara, na Eritreia, o Ministério do Exterior no Djibuti, um sistema de autoestrada em Addis Abeba, na Etiópia, e uma hidroelétrica no rio Tekeze, também na Etiópia.¹⁸³

No Sudão, a China possui 64% da produção de petróleo, o que representa 6% de suas importações de petróleo. O país é o segundo maior fornecedor de petróleo na África para a China, como demonstrado na Tabela 09, a qual recebe 60% do petróleo sudanês. Segundo a professora do Instituto de Geografia da Universidade Kenyatta, Quênia, Cleophas Lado, os investimentos chineses iniciados no Sudão em projetos de desenvolvimento e infraestrutura relacionados a represas, estações de energia hidroelétrica, moinhos e planos agrícolas acumulam a soma de 20 bilhões de dólares em 2006. Na divisão orçamentária dos projetos estão incluídos U\$ 750 milhões para a construção do novo aeroporto internacional de Cartum, U\$ 100 milhões para plantas têxteis, U\$ 500 milhões para uma refinaria de petróleo e outros U\$ 750 milhões para o projeto Merowe, desenvolvido para a construção de uma represa ao nordeste do país, na quarta catarata do rio Nilo, perto da cidade de Merowe.¹⁸⁴ O custo total da represa está avaliado em 1.8 bilhões e será financiada, na grande maioria, pela *joint venture* formada pela *China National Water Resources, Hydropower Engineering* e *China Water Engineering*, ou CCMDJV, a qual arcará com U\$ 660 milhões. Como “efeito colateral” deste projeto, os chineses ganharam um segundo contrato para cobrir a construção de torres de energia destinadas a transportar eletricidade da represa à Cartum e ao *Port Sudan*, no valor de

¹⁸² BUTTS, K.e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf Pg 7. Mar. 2011

¹⁸³ BUTTS, K.e BANKUS, B. Loc.cit.

¹⁸⁴ Para maiores esclarecimentos sobre o projeto Merowe, acessar o site *Dams Implementation Unit* em: <http://merowedam.gov.sd/en/newsarchive.php?arcyear=2009&arcmonth=12>

US\$ 460 milhões. Pesquisas do centro Woodrow Wilson indicam que mais de 50 mil famílias ribeirinhas deverão ser desalojadas para a realização do projeto.¹⁸⁵

O caso da represa Merowe tem levantado uma série de questionamentos humanitários sobre a intervenção chinesa na África. Diferentemente dos colonizadores europeus, a China iniciou sua empreitada no final do século XX baseada no Soft Power, propondo parcerias econômicas com elites e governos locais em troca de apoio político internacional. O caso da represa apresentou graves violações de direitos humanos e do direito internacional, amplamente ignorados pelas instituições multilaterais, empresas e comunidade internacional. De acordo com Askouri, 63 aspectos dos manuais do Banco Mundial foram violados, três comunidades foram afetadas e desalojadas, existem 20 impactos principais negativos à saúde, entre eles a introdução de doenças como a malária, sem que medidas preventivas fossem tomadas.¹⁸⁶

O Sudão tem recebido o apoio chinês nos fóruns e conferências multilaterais, apesar do genocídio em Darfur. O reconhecimento no Conselho de Segurança, órgão do qual a China faz parte como membro permanente, dos atos criminais na região custou a acontecer.¹⁸⁷ Uma vez reconhecido pelo Conselho de Segurança, a Convenção para a Repressão do Crime de Genocídio determina a intervenção imediata da ONU no processo de pacificação.

Apesar de alegar não interferência nas políticas domésticas dos países africanos, a distribuição e valores dos projetos citados e benefícios recebidos em troca refletem sua influência junto aos governos locais. Demonstra a direção das políticas externas chinesas para a África Subsaariana e o interesse em encontrar mercado para os produtos chineses, fornecimento de recursos minerais e petróleo.

A disputa pelo petróleo na África tem origem nas preocupações internacionais mediante a instabilidade dos países detentores das maiores reservas mundiais, localizados no Oriente Médio. A China, que depende destas reservas em 90%, considerou a invasão do

¹⁸⁵ ASKOURI, A. *China's Investment in Sudan*. In: Africa Perspectives on China in Africa. 2007. Org: MANJI, F. MARKS, S. P.78.

¹⁸⁶ ASKOURI, A. *China Investment destroying African Communities: the case of the Merowe dam Sudan*. 2007. Woodrow Wilson International Center for Scholars. Disponibilidade e acesso em: http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/askouri_presentation.pdf Maio. 2012

¹⁸⁷ AMOSU, A. Loc.cit.

Iraque pelos Estados Unidos e suas manobras contra o Irã- onde ela possui 100 bilhões de dólares investidos na indústria de petróleo e gás- uma jogada geopolítica contra ela.¹⁸⁸ Desta forma, o petróleo africano, apesar de representar apenas 9,5% das reservas mundiais em 2010, é substancialmente estratégico.¹⁸⁹

Como se pode observar na Tabela 09, os maiores fornecedores de petróleo para a China são respectivamente Angola, Sudão e Congo (Brazzaville), seguidos pela Guiné Equatorial e Nigéria. Em todos estes países, a China realizou parcerias e contratos bilionários relacionados, na grande maioria, a projetos de infraestrutura de recursos naturais. Como demonstra a tabela, são realizados investimentos no setor petrolífero de diversas empresas de outros Estados também, as quais compartilham o interesse pelos recursos energéticos e minerais e também buscam assegurar acesso de longo prazo.¹⁹⁰

Analisando estes cinco países específicos com a ajuda dos dados encontrados na Tabela 10, concluímos que: é notória a presença majoritária de empresas estadunidenses entre os maiores investidores nestes países, exceto no Sudão; a China tem considerável influência nas políticas relacionadas ao petróleo no Sudão, provavelmente devido a sua relativamente elevada participação acionária nos negócios petrolíferos sudaneses e aos pesados investimentos realizados no país. Desta forma, ela é o único Estado, através da estatal *China National Petroleum Company*, a ocupar posição de destaque neste setor e investimentos oriundos de companhias norte-americanas no setor petrolífero não são permitidos; A França e a Grã Bretanha aparecem como terceiro interessado, seguidos pela Itália; em Angola, segunda maior reserva petrolífera subsaariana e principal fornecedora para a China, além de deter consideráveis reservas de recursos minerais, coexistem diversas grandes empresas investidoras petrolíferas tradicionais. Tal constatação aliada ao fato de Angola ser a maior receptora de Investimentos Diretos Externos (IDE) na África, como poderá ser visto adiante na Figura 19, a qualifica como um dos principais países de maior interesse internacional.

¹⁸⁸ BUTTS, K.e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf mar. 2011. Pg.10

¹⁸⁹ British Petroleum Statistical Review of World Energy. June, 2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf Jan.2012

¹⁹⁰ Outros países subsaarianos também são fornecedores, em menor escala, de petróleo à China, como o Gabão e o Chade. ZHAO, S. *The Geopolitics of China-African Oil*. 2011. China Briefing. Disponibilidade e acesso em: <http://www.china-briefing.com/news/2011/04/13/the-geopolitics-of-china-african-oil.html> Mar. 2012

Situação similar ocorre na Nigéria; a presença de cerca de 20 grandes investidores estadunidenses no Congo e sua posição como terceiro maior fornecedor de petróleo para a China, indicam que o Congo é um espaço de disputa entre essas duas grandes potências. Indica também que, apesar da presença majoritária norte-americana, a China exerce substancial influência local, uma vez que recebe aproximadamente 50% do petróleo congolês; caso similar, porém em menor escala, ocorre na Guiné Equatorial, onde companhias estadunidenses dominam o cenário das grandes companhias investidoras. Não obstante, a China permanece como competidora e recebe 12% das exportações de petróleo nacionais; a China utiliza-se mais de outras vias que não empresas petrolíferas como forma de investimento e atuação, em especial ajuda internacional e empréstimos com baixas ou nulas taxas de juros, conforme destacado anteriormente.

Estas considerações aliadas à presença de empresas de outros países nos espaços nacionais da África subsaariana revelam como a África, em especial a África Subsaariana, é um espaço de disputa pelas grandes potências e suas empresas nacionais.

TABELA 10- MAIORES FONTES DE PETRÓLEO PARA A CHINA NA ÁFRICA ¹⁹¹

Main African Sources of Oil for China				
	OPEC member?	Oil resources	Oil exported to China	Major deals and partnerships
Angola	Yes	Largest source of oil in Africa (about 50 percent) – largest crude oil exporter in Africa in 2009 <u>Largest investors:</u> ChevronTexaco (U.S.), Exxon Mobil (U.S.), BP (UK), Total (France)	Largest African oil provider to China	2004: US\$2 billion loans and aid 2005: Nine agreements signed, including long-term oil supply
Sudan	No	Oil exports account for 90 percent of country's total revenue <u>Largest investor:</u> China National Petroleum Company (entered 1996). U.S. companies not allowed to invest.	Second-largest oil provider to China (60 percent of its oil goes to China) China is largest importer of Dar Blend (high-acid crude oil)	1997- 2007: Interest-free loans for building construction 2008: US\$2.8 million humanitarian aid package
Republic of Congo (Congo-Brazzaville)	No	<u>Largest investors:</u> Total (France) and Eni (Italy). Around 20 U.S. companies, including Chevron and Murphy Oil.	Third-largest oil provider to China (around 50 percent of its oil goes to China)	2006: Cooperation to build airport and infrastructure 2010: Chinese Development Bank to help create SEZs
Equatorial Guinea	No	Oil accounts for over 80 percent of total revenue <u>Largest investors:</u> ExxonMobil (U.S.), Hess (U.S.), Marathon (U.S.)	Around 12 percent of its oil exports go to China	2009: China gained exploration and drilling rights in areas
Nigeria	Yes	Second-largest oil reserves in Africa – oil accounts for over 90 percent of country's exports, 80 percent of total revenue <u>Largest investors:</u> Royal Dutch Shell (British/Dutch), ChevronTexaco (U.S.), Exxon Mobil (U.S.), Agip (Italy), Total (France)	Small amount of oil to China (in 2009, 28,000 barrels/day)	2006: US\$4 billion in oil and infrastructure projects in exchange for drilling licenses 2010: US\$23 billion to build oil refineries and infrastructure

Presença Militar chinesa

A presença militar chinesa ocorre em três áreas distintas: venda de armas, treinamento e *capacity building* e através das operações de paz. No que concerne a venda de armas, sua participação mundial é bastante insignificante quando comparada com os líderes do mercado, Estados Unidos e Rússia. Suas respectivas vendas mundiais entre 2003 e 2006 foram de 37.6% e 16.9%, enquanto a China participou com 2.9%. Todavia, ela se posicionou em terceiro dentre os maiores fornecedores de armas para a África, incluindo veículos de guerra, munições e armas menores. Angola, Sudão, Zimbábue e a República do Congo, quatro países

¹⁹¹ ZHAO, S. *The Geopolitics of China-African Oil*. 2011. China Briefing. Disponibilidade e acesso em: <http://www.china-briefing.com/news/2011/04/13/the-geopolitics-of-china-african-oil.html> Mar. 2012

de interesse chinês, têm acordos militares significantes com o país. Dentre eles, o Sudão é o país que mais recebe assistência militar chinesa, adquirindo uma variedade de armamentos, mesmo durante sua guerra civil. Havia, em 2009, 4500 militares no país, os quais eram responsáveis, especialmente, por proteger a infraestrutura ligada ao petróleo. Em retorno, 90% das exportações de petróleo e 75% das exportações totais sudanesas é direcionada a China.¹⁹²

Através do acordo de armas e equipamento entre Nigéria e China, a primeira adquiriu armamentos chineses no valor de 251 milhões de dólares apenas em 2005 e recebeu consultores técnicos para conduzir cursos de treinamento militar. Não somente a Nigéria é beneficiada com acordos do gênero. Entre 2001 e 2006, foram conduzidas ao todo mais de 30 visitas militares chinesas ao continente africano. Entre outras participações políticas, o apoio chinês ao ditador zimbabuano Robert Mugabe, responsável pela tortura e morte de milhões de pessoas, desde sua escalada ao poder até sua recente retirada durou três décadas e contou com apoio logístico, treinamento, armas e ajuda financeira.¹⁹³

Outro canal de presença militar chinesa na África, as operações de Paz nas Nações Unidas receberam entre 1990 e 2008 diversos ativos militares chineses e funcionários, os quais estiveram em 6 das 7 operações das Nações Unidas na África.

Comércio

Desde 2006, vem sendo implementadas em cinco regiões africanas as *Special Economic Zones* (SEZs), uma versão chinesa das *Export Processing Zones* (EPZs), tradicionais áreas designadas para a comercialização e manufatura em condições especiais implementadas em zonas portuárias ou *Bonded Warehouses*. Conhecidas como CSEZA, elas são identificadas como mecanismo de garantia de recursos naturais e mercado. Sobre elas, o presidente chinês Hu Jintao declarou, em 2006, na conferência China-África: “ *To forge a new type of China-Africa strategic partnership and strengthen our cooperation in more areas and*

¹⁹² BUTTS, K.e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf p.8. mar. 2011.

¹⁹³ BUTTS, K.e BANKUS, B. Ibidem. p.2,8. Mar. 2011.

at a higher level... ”¹⁹⁴ Publicações realizadas pelo Banco Mundial destacam as CSEZA como mecanismos de superar as barreiras comerciais impostas pela Europa e América às exportações chinesas.¹⁹⁵

A prioridade chinesa parece ser garantir o suprimento de fontes energéticas e de minérios para sustentar o crescimento do país. Enquanto os estados subsaarianos fornecem tais recursos, a China contribui com bilhões de dólares em empréstimos para garantir o abastecimento ou financiar projetos de infraestrutura que beneficiem as companhias chinesas.¹⁹⁶

Com o intuito de garantir a qualidade dos empreendimentos, a política chinesa não inclui a contratação de trabalhadores e empresas locais, exceto para trabalhos que demandam muito pouca qualificação. Seus projetos requerem que 70% dos funcionários sejam chineses. Entre 1998 e 2008 cerca de 750 mil chineses se mudaram para a África¹⁹⁷. Como resultado, os africanos passaram a coabitar com uma enxurrada de chineses e seus costumes, um choque cultural que gerou algum ressentimento. Quase que no mesmo período, as importações e exportações entre África e China passaram de USD 6 bilhões, em 1999, para mais de USD 90 bilhões, em 2009.¹⁹⁸

O volume comercial entre a África e a China também passou por enorme variação. Conforme mostra a Figura 17, entre 1995 e 2005, ele mais que quadruplicou e as exportações chinesas da África, tradicionalmente superiores às suas importações africanas, tornaram-se inferiores a partir de 2004. Como consequência dessas transformações, as taxas de crescimento africanas praticamente duplicaram, de 2,4% em 1990 para 4,5% entre 2000 e 2005.

¹⁹⁴ COWALOOSUR, H. *Exporting Zones to Africa: The New Strategy of Asian Powers*. University of St Andrews. Disponibilidade e acesso em: <http://www.nai.uu.se/ecas-4/panels/1-20/panel-2/Honita-Cowaloosur-Full-paper.pdf> Fev.2012

¹⁹⁵ IBIDEM.

¹⁹⁶ RICE, X. *China's Economic Invasion of Africa*. 06.02.2011. The Guardian. Disponibilidade e acesso: <http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/06/chinas-economic-invasion-of-africa> nov.2011

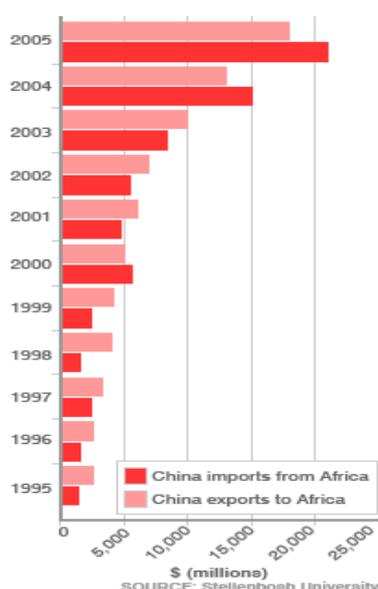
¹⁹⁷ BUTTS, K.e BANKUS, B. *China's Pursuit of Africa Natural Resources*. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf mar. 2011.

¹⁹⁸ Na década de 1980, o comércio entre a China e a África girava em torno de 12 milhões de dólares, segundo o Think Tank Foreign Policy in Focus. Disponibilidade e acesso em: http://www.fpiif.org/reports/china_in_africa_its_still_the_governance_stupid jan.2012

Para facilitar as relações comerciais com seus parceiros africanos, o Banco Chinês de Comércio e Indústria adquiriu o Grupo do Banco Standard sul-africano, o qual opera em 18 países africanos e lidera todos os bancos presentes na África em relação à empréstimos no continente. Adquiriu, ainda, ações no valor de 3 bilhões de dólares na firma de investimentos norte americana *Blackstone*, a qual contribuiu para que o Banco Chinês de Desenvolvimento adquirisse ações do banco *Barclays*, uma multinacional britânica líder na África assentada em países chaves, em termos de recursos naturais, como África do Sul (platina, cianita, cromo, paládio, vermiculite, vanádio, zircônio, ilmenita, rútilo, manganês, ouro, alumínio, minério de ferro e níquel, entre outros)¹⁹⁹, Nigéria (petróleo), Zâmbia (cobalto, cobre e pedras preciosas)²⁰⁰ e Zimbábue (detém cerca de 5% da platina mundial e 3% de paládio)²⁰¹.

Apesar do rápido crescimento econômico africano por causa dos investimentos, a maior parte da população subsaariana permanece vivendo na pobreza, situação que poderia ser aliviada caso os empregos gerados pela indústria extrativa não fossem oferecidos aos trabalhadores chineses.

FIGURA 17- COMÉRCIO CHINA- ÁFRICA 1995-2005 ²⁰²



¹⁹⁹ YAGER, T. *The Mineral Industry of South Africa*. In: 2010 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2009/myb3-2009-sf.pdf> Mar. 2012

²⁰⁰ MOBBS, P. *The Mineral Industry of Zambia*. In: 2010 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2012. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2010/myb3-2010-za.pdf> P. 42.1 Abr. 2012

²⁰¹ MOBBS, P. *The Mineral Industry of Zimbabwe*. In: 2010 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2012. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2010/myb3-2010-zi.pdf> Maio. 2012

²⁰² *Asian foreign direct investment in Africa: United Nations report points to a new era of cooperation among developing countries*. Mar, 2007. Press Release. United Nations Conference on Trade and Development. Disponibilidade e acesso em: <http://www.unctad.org/templates/webflyer.asp?docid=8172&intItemID=1528&lang=1> Abr.2012

3.1.2 Assistência ao Desenvolvimento Oficial e Investimentos Externos: Diretos (Ide) ou Investimentos em Carteira

Os investimentos estrangeiros podem ser feitos como investimentos diretos ou investimentos em carteira. O primeiro ocorre quando o investidor detém 10% ou mais das ações de um ativo, através da participação no capital ou empréstimos inter-companhias; o segundo se constitui quando o investidor detém menos de 10%. A participação no capital compreende a entrada de bens, moedas e conversões externas em investimentos externos diretos e por isso têm um impacto mais abrangente na economia do que os créditos concedidos pelas matrizes externas a suas subsidiárias estabelecidas no país.²⁰³

A ausência de padrões contábeis, a má fiscalização e as diferentes definições de IDE dificultam a precisão das estatísticas sobre o tema. Todavia, continua sendo um indicativo econômico importante da geopolítica internacional.

*In Angola, since 2002, businessmen have been flying into Luanda offering huge sums in return for access to oil, while foreign governments have bolstered their case with aid. Alex Perry, Africa's Oil dream, 2007. Time Magazine.*²⁰⁴

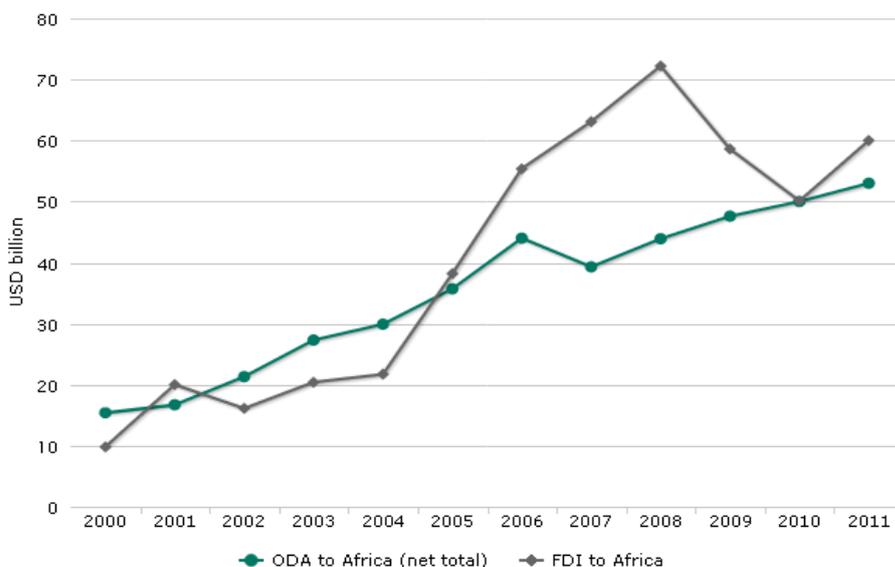
As mudanças no papel da África no mundo podem ser sentidas através da composição das movimentações financeiras externas no continente, onde estão incluídas assistência de desenvolvimento oficial (ADO), investimentos diretos externos (IDE) e investimento em carteira. A soma desses fatores aumentou extraordinariamente, de 27 bilhões de dólares em 2000 para 126 bilhões em 2010, além de atrair, desde 2005, mais IDE do que ADO.²⁰⁵

²⁰³ Receita Federal Brasileira. Investimento Direto Estrangeiro- IDE. Disponibilidade e acesso em: <http://www.receita.fazenda.gov.br/aduana/IDE/IDEBrasilCuba/ide.htm> Abr.2012

²⁰⁴ PERRY, A. *Africa's Oil Dreams*. 2007. Time Magazine World. Disponibilidade e acesso em: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1626751-2,00.html> Dez.2011.

²⁰⁵ *African Economic Outlook*. External Financial Flows. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/outlook/external-financial-flows/> jan.2012

FIGURA 18- IDE e ADO para a África 2000-2011 ²⁰⁶



As entradas de ADO e IDE ao longo da década representam curvas crescentes. Como demonstrado na Figura 18, em 2000, a África recebia 15 bilhões de dólares em ADO, quantia que saltou para mais de 50 bilhões em 2011. O fluxo de investimentos externos também aumentou substancialmente na década de 2000, de 10 bilhões de dólares para 70 bilhões em 2008 e finalizando com 60 bilhões em 2011. Entre 2005 e 2010, os investimentos externos foram substancialmente maiores do que a ADO, apesar de ter sofrido uma queda vertical a partir da crise financeira mundial em 2007/2008.

O aumento dos investimentos até 2008 foi impulsionado pelo aumento nos preços de matérias primas, especialmente do petróleo, causando um boom nos investimentos relacionados às commodities. Neste mesmo ano, o IDE alcançou U\$72 bilhões, soma cinco vezes maior que recebida em 2000, visto na Figura 18. Porém, a crise financeira global fez com que a demanda por commodities africanas diminuísse e conseqüentemente reduziu os investimentos de capitais nestes setores. Em 2009, o IDE diminuía para USD 59 bilhões, um encolhimento de 20%. Em 2011 os preços voltaram a subir devido às fortes recuperações de vários países.²⁰⁷

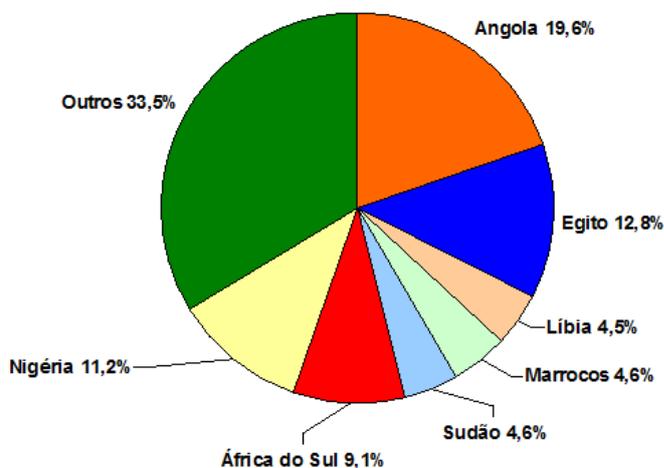
²⁰⁶ *African Economic Outlook*. External Financial Flows. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/outlook/external-financial-flows/direct-investment-flows/jan.2012>

²⁰⁷ *African Economic Outlook*. Ibidem.

O investimento direto externo é umas fontes mais importantes de investimento no continente. Não obstante, é também um dos principais mecanismos de coerção e representação dos interesses das potências dominantes do Sistema Internacional, e por isso é distribuído de forma desigual. Grande parte é direcionada à indústria extrativa, a qual abastece países diversos com seus recursos naturais e concentram-se em poucos países e setores, predominantemente no setor petrolífero. 75% da entrada de IDE são direcionados para 15 países exportadores de petróleo.

Conforme se observa na Figura 19, os maiores receptores de IDE na África subsaariana são Angola, Nigéria, África do Sul e Sudão. Todos quatro são grandes fornecedores de recursos energéticos e com exceção da África do Sul, que em 2009 era o sexto maior produtor mundial de carvão, obtém do petróleo boa parte de sua renda.²⁰⁸

FIGURA 19- Entrada de IDE na África, % por país, 2001- 2010. - UNCTAD



Apesar dos investimentos externos diretos serem predominantemente de países desenvolvidos, cerca de 80%, a participação de outros membros em desenvolvimento como

²⁰⁸EBERHARD, A. *The Future of South Africa Coal: Market, Investment, and Policy Challenges*. Program of Energy and Sustainable Development. Working Paper #100, Jan, 2011. Stanford University. Disponibilidade e acesso em: http://iis-db.stanford.edu/pubs/23082/WP_100_Eberhard_Future_of_South_African_Coal.pdf jan.2012

Brasil, Índia e China aumentou de 18% no período 1995-99 para 21% no período 2000/2008.
209

Tradicionalmente, os investimentos diretos externos da Ásia para a África procedem de países recentemente industrializados, como Taiwan e Coréia, segundo a UNCTAD.²¹⁰ Atualmente, Singapura, Índia e Malásia representam os maiores investidores diretos asiáticos, totalizando US\$3.5 bilhões (fluxos cumulativos aprovados entre 1996 e 2004), US\$2 bilhões e US\$1.9 bilhões em 2004, respectivamente, seguidos pela China, Coréia e Taiwan.

Entre 1991 e 2006, os investimentos diretos chineses na África experimentaram uma trajetória ascendente. Em 1991, tal quantia era inferior a cinco milhões de dólares ao ano. Em 1994 somavam 25 milhões e em 1999 quase 100 milhões de dólares. Em 2005 foram 1.6 bilhões²¹¹ e no ano seguinte os investimentos alcançaram o valor de aproximadamente 6 bilhões de dólares.²¹² A trajetória corresponde ao crescimento da economia chinesa, que no mesmo período apresentou taxas de aproximadamente 11%.²¹³

De acordo com o mapa da Figura 20, os países que receberam maior volume de IDE chinês na região subsaariana em 2005 foram o Sudão- que fornece cerca de 6 % do petróleo chinês; a África do Sul, maior reserva africana de carvão (9º no ranking mundial)²¹⁴ e detentora de 33% da reserva mundial de cromo, 77 % de manganês e 88% de platina; Nigéria, maior reserva de petróleo da África subsaariana; Guiné, rica em urânio; Zâmbia- que em conjunto com a Republica Democrática do Congo contém 52% das reservas de cobalto mundiais; Tanzânia, dotada de reservas auríferas; e Quênia, espaço estratégico para o

²⁰⁹ African Economic Outlook. *Tradicional Partners Remain Key and Keep Growing*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/in-depth/africa-and-its-emerging-partners-2011/africa-pushes-aside-post-colonialism/traditional-partners-remain-key-and-keep-growing/> Maio.2012

²¹⁰ *Asian foreign direct investment in Africa: United Nations report points to a new era of cooperation among developing countries*. Mar, 2007. Press Release. United Nations Conference on Trade and Development. Disponibilidade e acesso em:

<http://www.unctad.org/templates/webflyer.asp?docid=8172&intItemID=1528&lang=1> Abr.2012

²¹¹ Informação retirada do mapa China's Foreign Direct Investment in Africa (2005) abaixo.

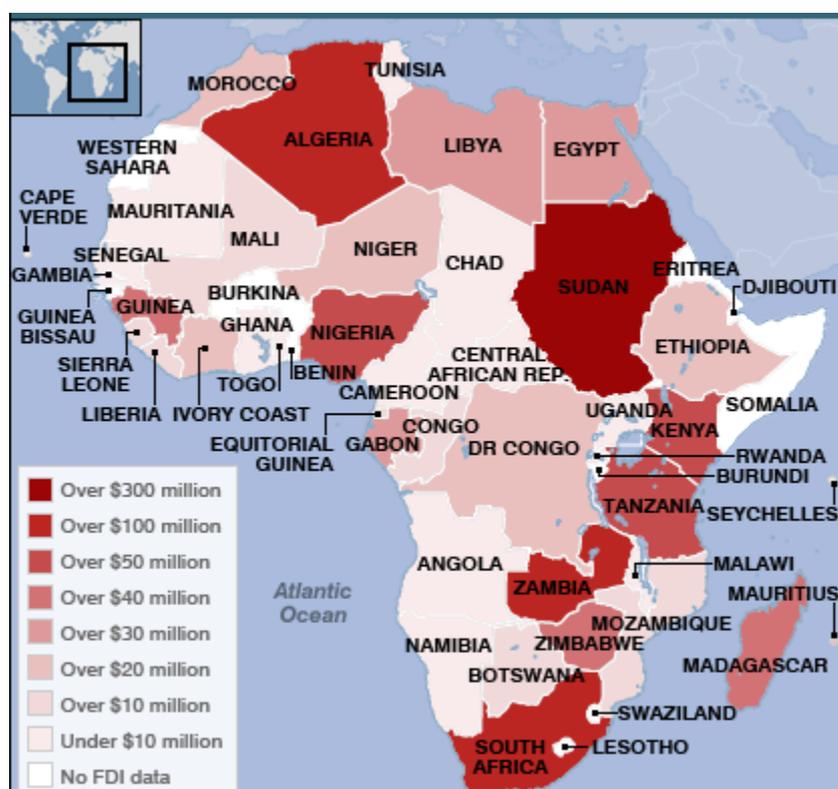
²¹² AMOSU, A. *China in Africa*. 2007. Foreign Policy in Focus, Think Tank. Disponibilidade e acesso em: http://www.fpif.org/reports/china_in_africa_its_still_the_governance_stupid_jan.2012

²¹³ Verificação própria dos dados. NONNENBERG, M. China: Estabilidade e crescimento econômico. In: revista de Economia Política. Vol.30 no 2. São Paulo/ Junho 2010. Disponibilidade e acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000200002&script=sci_arttext Abr.2012.

²¹⁴ BP STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY. Junho, 2011. Disponibilidade e acesso em: http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf Jan.2012

escoamento do petróleo do Sudão do Sul.²¹⁵ O Sudão é principal destino na região (e nono destino mundial de investimentos chineses), seguido por Zâmbia (colocada em 19o no ranking mundial de investimento chineses). Apesar de ocupar posição de destaque dos interesses chineses na África subsaariana, Angola não figura entre os principais focos de investimento externo chinês e, portanto, não é destacado na figura 20. Apesar de receber IDE também, sua relação com a China é baseada nas trocas comerciais e em empréstimos com baixas ou inexistentes taxas de juros, comumente usados para projetos de infraestrutura que beneficiam o escoamento dos recursos naturais exportados para a China. O total de IDE chinês direcionado para a África em 2005 foi de 1.6 bilhões de dólares.

FIGURA 20- Investimento Direto Externo da China na África- 2005 ²¹⁶



Segundo divulgado pelo Ministério do Comércio chinês (MOFCOM), em 2009, 76% do IDE chinês na África esteve em países definidos pelo Fundo Monetário Internacional como ricos em minerais ou hidrocarbonetos, quais sejam: Argélia, Angola, Botsuana, Camarões,

²¹⁵ BUTTS, K.e BANKUS, B. *China's Pursuit of Africa Natural Resources*. Junho, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf mar. 2011. P.5

²¹⁶ *China in Africa: Developing Ties*. Nov, 2007. BBC News. Disponibilidade e acesso em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7086777.stm#map> nov.2011

república Democrática do Congo, Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Gana, Guiné, Libéria, Líbia, Mauritânia, Namíbia, Nigéria, Serra Leoa, África do Sul, Sudão e Zâmbia.²¹⁷ Embora os investimentos chineses na África sejam significativos para o continente, eles representam apenas 3% dos investimentos externos diretos da China no mundo.²¹⁸

Outro indicativo das prioridades internacionais pode ser verificado na evolução do volume de assistência de desenvolvimento oficial (ADO) na última década. Segundo o Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (DAC), ela representa toda movimentação de capital, em países ou instituições multilaterais de desenvolvimento, proveniente de Estados e governos locais (ou seus representantes); ou transações que promovam como objetivo central o desenvolvimento econômico e bem-estar de países em desenvolvimento, as quais são concessionais e transfere uma concessão de no mínimo 25%. Na categoria estão incluídos ajuda humanitária e perdão da dívida e excluídos fornecimento de equipamento e serviços militares.²¹⁹

Cerca de 90 % da assistência ao desenvolvimento oficial na África subsaariana é proveniente dos países da DAC. Os Estados Unidos são os maiores doadores, seguidos por instituições europeias e países europeus, segundo a Tabela 11.

²¹⁷ African Economic Outlook. *Tradicional Partners Remain Key and Keep Growing*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/in-depth/africa-and-its-emerging-partners-2011/africa-pushes-aside-post-colonialism/traditional-partners-remain-key-and-keep-growing/> Maio.2012

²¹⁸ *Asian foreign direct investment in Africa: United Nations report points to a new era of cooperation among developing countries*. Mar, 2007. Press Release. United Nations Conference on Trade and Development. Disponibilidade e acesso em: <http://www.unctad.org/templates/webflyer.asp?docid=8172&intItemID=1528&lang=1> Abr. 2011

²¹⁹ *Is it ODA?* Organization for Economic Co-operation and Development. Factsheet- November 2008. Disponibilidade e acesso em: <http://www.oecd.org/dataoecd/21/21/34086975.pdf> jan.2012. A DAC faz parte da OECD e é composta por 24 países membros, todos países desenvolvidos.

TABELA 11- MAIORES RECEPTORES E DOADORES DE ADO NA ÁFRICA.²²⁰

2.1.1. Top 10 ODA receipts by recipient USD million, net disbursements in 2010				2.1.2. Top 10 ODA donors USD million, net disbursements in 2010			
1	Ethiopia	3 529	7%	1	United States	7 763	16%
2	Congo, Dem. Rep.	3 413	7%	2	EU institutions	5 443	11%
3	Tanzania	2 961	6%	3	IDA	5 196	11%
4	Nigeria	2 069	4%	4	France	4 187	9%
5	Sudan	2 055	4%	5	United Kingdom	3 075	6%
6	Mozambique	1 959	4%	6	Germany	1 948	4%
7	Uganda	1 730	4%	7	Global Fund	1 914	4%
8	Ghana	1 694	4%	8	Japan	1 888	4%
9	Kenya	1 631	3%	9	AfDF	1 760	4%
10	Liberia	1 423	3%	10	Canada	1 532	3%
	Other recipients	25 469	53%		Other donors	13 226	28%
	Total	47 932	100%		Total	47 932	100%

Porém, o interesse no continente tem crescido de tal maneira que novos atores têm surgido em busca de fornecimento e oportunidade de negócios relacionados aos recursos naturais.

*As for other categories of international financial flows, new players are entering into development assistance, offering additional financial resources and new ways of engaging with Africa. China's development assistance is estimated at USD 2 billion to USD 3 billion, Russia's at USD 800 million, India's at USD 500 million, Brazil's at USD 360 million, and South Africa's at USD 100 million (Smith and Zimmermann, forthcoming).*²²¹

Dentre os países engajados em oferecer fundos financeiros adicionais ao continente africano, destacam-se a China, Índia, Arábia Saudita²²² e África do Sul. No quarto Fórum de cooperação **China-África** (FOCAD) realizado em novembro de 2009, o gigante asiático ofereceu **10 bilhões de dólares em empréstimos** concessionais aos países africanos e 1 bilhão em empréstimos especiais para pequenas e médias empresas africanas. Para efeitos comparativos, a **Índia**, na primeira cúpula Índia-África, ocorrida em 2008, prometeu ajuda à África no valor de **5.4 bilhões de dólares** em empréstimos e 500 milhões adicionais como doação, quantia prevista para chegar ao continente até 2013/2014. Entre outras iniciativas indianas, estão a *Pan-African e Network Project*- projetos de capacitação via internet, como a tele-educação, e-commerce e tele-medicina²²³; e o *Techno-Economic Approach for Africa-*

²²⁰ Develop Aid at a Glance: Statistics by region- Africa. 2012. Organization for Economic Co-operation and Development Disponibilidade e acesso em: <http://www.oecd.org/dataoecd/40/27/42139250.pdf> Maio. 2012

²²¹ *African Economic Outlook*. External Financial Flows. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/outlook/external-financial-flows/direct-investment-flows/ jan.2012>

²²² A Arábia Saudita é o maior doador dentre os países árabes.

²²³ Pan African-e Network. Disponibilidade e acesos em: <http://www.panafricanenetwork.com/> Abr.2012

India Movement (TEAM 9)- iniciativa para a cooperação com os países da África ocidental, no qual o governo funciona como um facilitador.²²⁴

Segundo o periódico *Financial Express*, o engajamento indiano na África ocidental é motivado, em grande parte, pela sua demanda por energia, uma dos maiores na Ásia. A segurança energética é uma questão prioritária na política de estado dado sua estagnação na produção doméstica e simultâneo crescimento da economia. Desta forma, o país também busca diversificar suas importações energéticas para reduzir a dependência do Golfo Pérsico. No mais, o petróleo encontrado no Golfo da Guiné é de alta qualidade, a maior parte das descobertas recentes está longe da costa, evitando os conflitos continentais, e seus mercados estão abertos aos estrangeiros.²²⁵

Soma semelhante à indiana foi oferecida pela **Arábia Saudita** no mesmo período. Através do Fundo Saudita para projetos de investimento em finanças em desenvolvimento, **5.5 bilhões de dólares** (valor bruto de AOD) foram aplicados através de empréstimos concessionais em infraestrutura de energia (60%), agricultura (18%) e setores sociais (13%). Do total, 28% foram destinados à África subsaariana.

A África do Sul investiu U\$108.7 milhões em cooperação em desenvolvimento dentro do continente em 2009, em especial para os países membros da *Southern African Development Community* (SADC). Ressalta-se que o valor investido é praticamente toda a quantia sul-africana destinada a cooperação em desenvolvimento.

França e Inglaterra

Historicamente próximas às ex-colônias, França e Inglaterra investem em programas de ajuda internacional desde que suas colônias tornaram-se independentes. As intervenções ocorrem em diversos campos, como pesquisa, especialidades, investimentos e outros assuntos não classificados como AOD. A assistência de ambas tem uma estrutura similar, baseada em

²²⁴ The Financial Express. Team 9 opens a New Innings In India- West Africa Relations. 2004. Disponibilidade e acesso em: <http://www.financialexpress.com/news/team-9-opens-a-new-innings-in-indiawest-africa-relations/87180/0> Abr. 2012

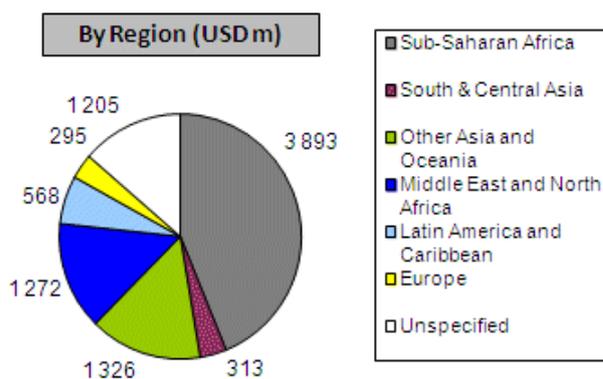
²²⁵ The Financial Express. Team 9 opens a New Innings In India- West Africa Relations. 2004. Disponibilidade e acesso em: <http://www.financialexpress.com/news/team-9-opens-a-new-innings-in-indiawest-africa-relations/87180/0> Abr. 2012

doações, perdão da dívida, empréstimos de juros baixos, investimentos e apoio político e militar. Seus efeitos e escopo são dificilmente medidos, pois é necessário avaliar as relações “amigáveis” e destino real das ações, entre outros fatores. Porém, ambas nações vem perdendo espaço para novas potências.

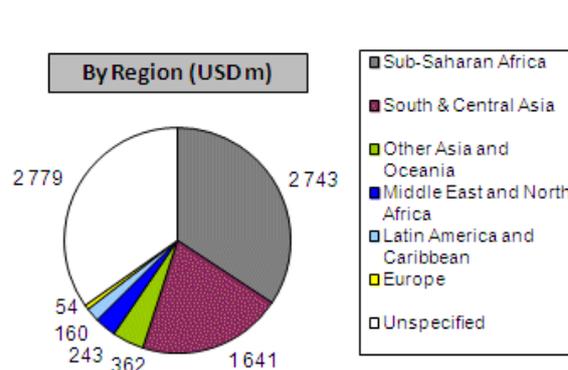
Porém, como é possível observa na Figura 22, o destino principal de ADO dos dois países é a África Subsaariana. Não obstante, a maior soma enviada à região é oferecida pela França, que em 2009/10 enviou 3.893 bilhões de dólares, em comparação aos 2.743 bilhões remetidos pelo Reino Unido no mesmo período. Os principais países receptores de ADO francesa e inglesa são bastante diferentes: enquanto Costa do Marfim, Congo e Camarões permeiam as prioridades francesas, sendo as duas primeiras na primeira e terceira posição hierárquica, todos de língua francesa (Em Camarões, francês e inglês são línguas oficiais), a Etiópia- região geopoliticamente estratégica juntamente com Djibuti, devido a rota do petróleo, aparece em segundo lugar na lista prioritária britânica; Nigéria- maior reserva petrolífera subsaariana, em quinto, República Democrática do Congo em sétimo, Tanzânia, Sudão e Gana nas posições seguintes.

FIGURA 21- ADO França e Reino Unido, 2009-2010

França- ADO por região²²⁶



Reino Unido- ADO por região²²⁷



²²⁶ Aid Statistics, Donor Aid Charts- France. Organization for Economic Co-operation and Development. Disponibilidade e acesso em: <http://www.oecd.org/dataoecd/42/0/44284467.gif>

²²⁷ Aid Statistics, Donor Aid Charts. Organization for Economic Co-operation and Development. <http://www.oecd.org/dataoecd/42/53/44285551.gif>

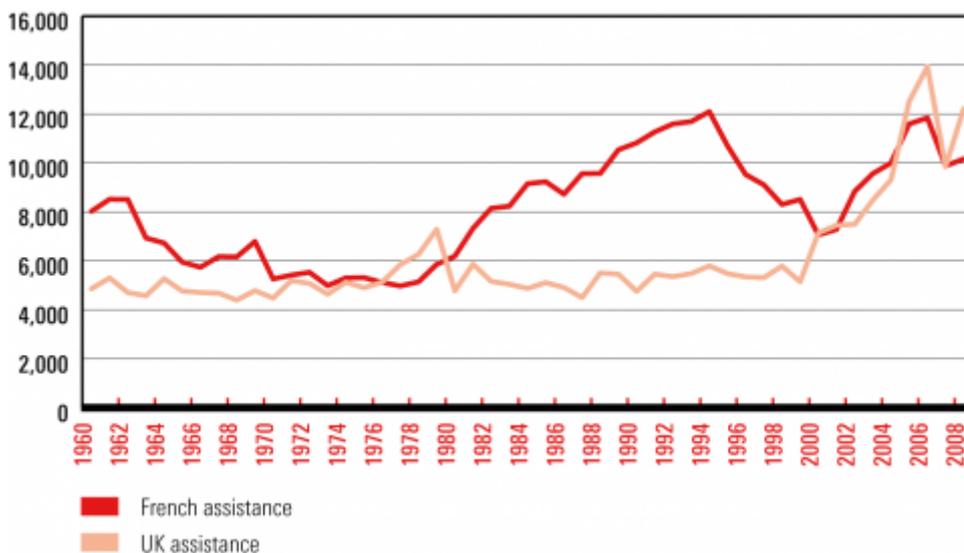
Top Ten Recipients of Gross ODA (USD million)	
1 Côte d'Ivoire	699
2 Mayotte	579
3 Congo, Rep.	516
4 China	402
5 Morocco	387
6 Indonesia	326
7 Vietnam	245
8 Tunisia	235
9 Cameroon	213
10 Egypt	199

Top Ten Recipients of Gross ODA (USD million)	
1 India	657
2 Ethiopia	375
3 Afghanistan	281
4 Pakistan	258
5 Nigeria	241
6 Bangladesh	240
7 Congo, Dem. Rep.	238
8 Tanzania	229
9 Sudan	206
10 Ghana	162

Em junho de 2009, o Comitê para Coperação Internacional e Desenvolvimento francês (CICID) propôs atingir uma população de 200 milhões espalhados em 14 países subsaarianos; todas ex-colônias francesas, exceto Gana (rica em ouro), a receber 60% do seu orçamento e 50% de doações.²²⁸

Quanto ao Reino Unido, a maior parte de ODA é feita através do Departamento para Desenvolvimento Internacional (DFID), criado em 1961 e sua maior parcela de ajuda bilateral é destinada à África.²²⁹

FIGURA 22- Evolução da ADO francesa e inglesa à África: 1960-2008²³⁰



²²⁸ PACQUEMENT, F. *How Development Assistance from France and the United Kingdom Has Evolved: Fifty Years on from decolonization*. International Development Policy Series. 2010. Graduate Institute of International and development studies. Disponibilidade e acesso em: <http://poldev.revues.org/137#tocto3n3> Abr.2012

²²⁹ UK Development Aid. Institute for Fiscal Studies. 2012. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ifs.org.uk/budgets/gb2012/12chap7.pdf>

²³⁰ PACQUEMENT, F. Op. Cit. Abr.2012

3.1.3 ESTADOS UNIDOS

“All of us share a common vision for the future of Africa. We look to the day when prosperity for Africa is built through trade and markets.”

George W. Bush, aos delegados do African Growth and Opportunity Forum. Maurício, 15/01/ 2003²³¹

Como visto no primeiro capítulo, Macartan Humphreys²³² afirma que os recursos minerais e energéticos funcionam como um incentivo para os atores indiretos, Estados e corporações, promoverem ou participarem das disputas subsaarianas. Com efeito, o interesse político e militar estadunidense pela África subsaariana aumentou significativamente desde o fim do século XX, quando o crescimento da economia mundial aumentou a procura por recursos naturais. Tal constatação pôde ser verificada a partir da agenda de Washington, a qual envolveu uma série de viagens presidenciais à África, investimentos e participação direta ou indireta nos conflitos locais.

Dentre os temas principais que pautaram a política energética americana dos últimos quarenta anos esteve garantir que a infraestrutura do setor energético permanecesse segura e que as rotas de transporte internacional continuassem abertas; a criação e ampliação das reservas de petróleo; e aumento e diversificação das fontes de energia convencional e não convencional no país e no exterior.²³³ Contudo, as condições do mercado tem se modificado na última década devido às economias crescentes chinesas e indianas, cujas demandas por energia podem trazer ameaças competitivas ao domínio do mercado exercido pelos Estados Unidos. A este quadro acrescenta-se que os recursos têm sido cada vez mais controlados por atores nacionais os quais muitas vezes não compartilham as preocupações do mercado. Por fim, ameaças terroristas e pressões ambientais amontoam-se às circunstâncias acima, as quais em conjunto têm potencial para reordenar o mercado de energia e quiçá modificar o equilíbrio geopolítico prevalente desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Este novo cenário energético traz sérias implicações e preocupações para os Estados Unidos, maiores consumidores de petróleo do mundo, seguidos pela China (a qual ultrapassou

²³¹ African Growth and Opportunity Forum. 2003. pg.1

²³² HUMPHREYS, M. Natural Resources, Conflict and Conflict Resolution: Uncovering the Mechanisms. Columbia University. 03.2004

²³³ WEINTRAUB, S. Cooperação Energética nas Américas: entraves e benefícios. 2004

o posto ocupado pelo Japão até 2003). Em termos de reservas provadas, os Estados Unidos ocupavam em 2010 o 11º lugar no ranking mundial petrolífero.²³⁴ Na qualidade também de maior produtor e importador líquido de energia no mundo, reorganizar a estratégia americana de suas políticas econômica, de segurança, ambiental, energética e exterior tornam-se vitais para assegurar seu domínio e poder mundial em todas as esferas.

Em resposta as estas transformações, os Estados Unidos criaram um programa de assistência militar denominado *African Crisis Response Initiative* (ACRI⁴), a qual se tornou em 2002, *Africa Contingency Operations Training Assistance* (ACOTA). O objetivo oficial do programa é o treinamento para a manutenção da paz e a ajuda humanitária, além de fornecimento de material não letal. Contudo, Philippe Rekacewicz, jornalista do periódico *Le Monde*, afirma que, na prática, a ACRI "é destinada a modernizar e adaptar as forças armadas locais às normas norte-americanas, sobretudo diante da emergência do terrorismo na África".²³⁵ Seu programa de treinamento é destinado a desenvolver capacidades militares básicas, fortalecer a formação em combates e organização do quartel militar. Sua máxima é utilizar o mínimo de equipamento necessário e máximo de treinamento. De julho de 1997 a maio de 2000, a Acri organizou a formação de batalhões (entre 800 e 1000 homens) no Senegal, Uganda, Malawi, Mali, Gana, Benin e Costa do Marfim. No ano seguinte, o programa obteve um crédito de 30 milhões de dólares para dar continuidade aos trabalhos.

Nessa linha, o pentágono americano criou o Centro Africano para Estudos Estratégicos em 1999 e o *Pentagon's African Command* (AFRICOM) em 2007, programa que possui acordos bilaterais com a maior parte dos países africanos, segundo informação veiculada no Al-Jazeera em abril de 2011²³⁶. De acordo com o General William Ward e almirante Robert Moeller, a missão primária do AFRICOM é proteger o acesso ao petróleo e outras fontes estratégicas e, ao mesmo tempo, responder ao envolvimento político da China na África.²³⁷

²³⁴ BP Statistical Review of World Energy, 2011. A China está na 13ª posição. Tanto a China quanto os Estados Unidos costumavam ser autossuficientes em óleo, mas tornaram-se dependentes de importações do produto devido ao enorme crescimento de suas economias.

²³⁵ ABRAMOVICI, P. <http://mondediplo.com/2004/07/07usinafrica>. July, 2004. Acesso em 01.08.2011

²³⁶ ESCOBAR, P. *The African Star Wars. It is the Pentagon's Africom versus China's web of investments- the ultimate prize: Africa's natural resources*. In: Aljazeera.net. Abr, 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://english.aljazeera.net/indepth/opinion/2011/04/2011422131911465794.html> Abril.2011

²³⁷ *AFRICOM and the Geopolitics of African Oil*. Association of Concerned Africa Scholars: Analysis and Action on Policies Impacting Africa. Junho, 2009. <http://concernedafricascholars.org/africom-and-the-geopolitics-of-african-oil/> Fev. 2012.

O Centro Africano para Estudos Estratégicos do Pentágono faz parte da *Pentagon's National Defence University*, cuja meta é treinar funcionários militares de alto escalão e líderes civis, políticos e chefes de associações. Outro programa promovido pelo pentágono e destinado a oficiais, o *International Military Education and Training Program* (Imet), já obteve participação de 44 países africanos. Apenas em 2002, mais de 1500 oficiais participaram deste treinamento.

Os investimentos crescentes também são um indicativo das motivações estadunidenses na região. Nos últimos 14 anos, o volume comercial entre a África e os Estados Unidos triplicou enquanto as importações americanas tornaram-se quatro vezes mais altas, como demonstra a Tabela 12.

**TABELA 12- COMÉRCIO EUA-ÁFRICA EM MILHÕES DE DÓLARES 1997-
JUN/2011**²³⁸

Ano	Exportação EUA-África	Importação EUA- África	Balança
1997	\$11.389,10	\$19.924,30	-\$8.535,20
1998	\$11.166,80	\$15.824,60	-\$4.657,80
1999	\$9.880,10	\$16.990,10	-\$7.110,00
2000	\$10.965,90	\$27.640,90	-\$16.675,00
2001	\$12.119,30	\$25.431,30	-\$13.312,00
2002	\$10.663,10	\$22.100,20	-\$11.437,20
2003	\$10.612,60	\$32.021,30	-\$21.408,70
2004	\$13.202,10	\$45.636,40	-\$32.434,30
2005	\$15.309,50	\$65.211,80	-\$49.902,20
2006	\$18.582,80	\$80.417,90	-\$61.835,10
2007	\$23.425,80	\$92.013,10	-\$68.587,00
2008	\$28.392,70	\$113.495,60	-\$85.102,90
2009	\$24.329,50	\$62.403,60	-\$38.074,10
2010	\$28.346,90	\$85.007,90	-\$56.661,00
Jan -Jun 2011	\$16.638,90	\$48.367,10	-\$31.728,20

²³⁸ Adaptação própria dos dados retirados de: *Foreign Trade*, United States Census Bureau. Disponibilidade e acesso em: <http://www.census.gov/foreign-trade/balance/c0013.html> Out. 2011.

De acordo com o relatório da Federação dos Cientistas Americanos (FAS) de 2008, *US Trade and Investment Relationship with Sub-Saharan África: The African Growth and Opportunity Act and Beyond*, o ex-presidente americano Bill Clinton instituiu medidas severas para lidar com as questões relacionadas à África no que tange investimentos, perdão da dívida externa e comércio. Dentre as medidas, o Congresso americano aprovou em 2000 o *African Growth and Opportunity Act* (AGOA), uma medida que oferece tratamento preferencial para a importação de países elegíveis que buscam reforma de mercado. Algumas emendas foram feitas em 2002 (AGOA II), as quais aumentaram substancialmente o acesso à importação de países subsaarianos beneficiários do programa. Os dados apontam que as importações pela AGOA vem sendo, na grande maioria, de produtos energéticos, embora a importação de outros produtos também venha crescendo.

O programa exige que oficiais norte-americanos se encontrem regularmente com militares de cargos correspondentes na África subsaariana e determina que o presidente dos Estados Unidos forneça ao seu governo assistência técnica e capacitação comercial para os beneficiários da AGOA, através das seguintes agências: a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (*U.S. Agency for International Development*), a Representação comercial dos Estados Unidos para a África- criada pela AGOA (*AUSTRA-Assistant U.S. Trade Representative for Africa*), a Corporação de Investimentos Privados no Exterior (*Overseas Private Investment Corporation*), o Banco de Exportações-Importações (*Export-Import Bank*), o Serviço Comercial Estrangeiro (*U.S. and Foreign Commercial Service*) e a Agência de Desenvolvimento e Comércio (*Trade and Development Agency*).²³⁹

²³⁹ LANGTON, D. “ U.S. Trade and Investment Relationship with Sub-Saharan Africa: The African Growth and Opportunity Act and Beyond”. 2008. Congressional Research Service. Disponibilidade e acesso em: <http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL31772.pdf> Ago.2011

3.3 CONSIDERAÇÕES

Em suma, os objetivos por trás dos interesses das grandes potências podem ser definidos da seguinte forma: o acesso ilimitado aos recursos estratégicos, interesses geopolíticos em alguns Estados os quais possuem posições estratégicas, como a África do Sul, e a garantia de segurança militar, que permite o escoamento das matérias-primas para os estados.

As manobras internacionais para garantir o abastecimento de minérios e recursos energéticos trouxeram para a África subsaariana novos investimentos, especialmente em infraestrutura, para escoamento da produção e exploração de recursos naturais. O impacto econômico, porém, ultrapassa o setor minerador ou energético e tem consequências para a economia como um todo. Neste sentido, o PIB africano aumentou consideravelmente na primeira década do século XXI e há boas perspectivas de crescimento e desenvolvimento relativo para a região. Uma vez que o crescimento africano está acorrentado ao crescimento mundial e à necessidade de matéria prima dos outros Estados, seu grau de desenvolvimento parece estar menos atribuído às políticas de Estado nacionais e mais relacionado com os interesses geopolíticos das grandes potências.

O incentivo governamental dos países africanos às relações de troca com a China é remunerado através de assistência financeira e militar e apoio a repressão política, como aconteceu no Sudão. Tal fato tem gerado desconforto aos Estados Unidos e aos europeus, os quais percebem esta aproximação como uma ameaça ao modelo democrático ocidental na África, um dos agentes facilitadores das negociações comerciais. Na verdade, estão em jogo duas questões muito caras aos velhos atores do Sistema Internacional: o fornecimento de recursos estratégicos e a reafirmação das zonas de influência e dos interesses geopolíticos dos mesmos.

Concluindo, devido ao crescimento mundial, e particularmente da China, a dependência mundial de matérias-primas levou a África subsaariana a ser, mais uma vez, palco de disputa das grandes potências. No capítulo seguinte, veremos alguns conflitos subsaarianos nos quais as grandes potências, em especial China e Estados Unidos, estiveram envolvidas.

CAPÍTULO 4- A ÁFRICA EM GUERRA

Após extensa discussão acerca das peculiaridades dos recursos naturais subsaarianos e esclarecimento sobre os interesses geopolíticos das grandes potências no continente, cabe aqui mapear os conflitos ocorridos desde a década de 1990, nos quais os grandes atores do Sistema Internacional, especialmente China e Estados Unidos, tiveram participação relevante.

Este capítulo tem como objetivo expor as principais guerras ocorridas entre 1990 e 2010 e apresentar suas causas gerais. Trabalhará três exemplos específicos, Angola, Sudão e Serra Leoa.

4.1- As Guerras

As guerras na África subsaariana advêm de uma complexidade de fatores que juntos revelam um ambiente propício ao caos político e social. A pobreza, corrupção, diferenças étnicas e baixo desenvolvimento econômico e institucional fazem parte desta fórmula nada incomum aos países subdesenvolvidos, e grande parte dessas características é legado do colonialismo.

Após as independências africanas, a maior parte dos Estados entrou em colapso e as guerras se multiplicaram. A saída dos colonizadores foi primeiramente substituída por uma elite apoiada por eles e educada na Europa, uma manobra para manter relações privilegiadas com suas antigas colônias através de um grupo social mais ocidentalizado. Para os nacionalistas ascendentes, a proposta significava um caminho para o desenvolvimento africano através da cooperação entre europeus e os africanos.²⁴⁰ Todavia, outros grupos étnicos e raciais eram suprimidos e excluídos da tomada de decisão e, paralelamente, uma série de revoltas estourava ao longo do continente.

Alguns insurgentes e opositores lograram substituir o governo, o qual, frequentemente, foi conduzido sob repressão e sem apresentar melhorias para a população. As desigualdades sociais e políticas excludentes alimentaram as revoltas, nas quais as partes envolvidas eram

²⁴⁰ CHACHAGE, C. *Towards a Critique of Development Theory in Africa*, University of Dar Es Salaam, 1987, p. 16 Disponibilidade e acesso em: <http://archive.lib.msu.edu/DMC/African%20Journals/pdfs/Utafiti/vol9no1/aejp009001002.pdf>

apoiadas por diversos atores internacionais. Com o fim do financiamento e apoio recebido durante a Guerra Fria, as milícias, Estados e outros atores dos conflitos tiveram que se reestruturar e buscar subsídios por outros meios. A receita gerada com a venda dos recursos naturais por meios lícitos e ilícitos supriu em grande parte o vácuo deixado a partir da queda do muro de Berlim.

Entre 1990 e 2010, pelo menos 23 conflitos estavam em curso na África Subsaariana, mais do que um terço da região.

TABELA 13- CONFLITOS NA ÁFRICA SUBSAARIANA ²⁴¹

África Subsaariana	Conflitos
África Ocidental	
Libéria	1989-96/ 1999-2003
Nigéria	1999-...
Serra Leoa	1991-2001
Costa do marfim	2002-2007 /2010- 2011
Guiné-Bissau	1998-99
Mali	1990-1996
África Central	
Congo- Brazzaville	1993/97/98-99/2002
Rep Dem Congo	1997-2006
Burundi	1993-2005
Chade	1998-2002/ 2005- ...
Ruanda	1990-1994
Camarões	1994
África Oriental	
- Chifre da África	
Sudão	1983-2005/2011
Etiópia	1974-91/ 1998-2000
Eritreia	1998-2000
Djibuti	1991-94
Somália	1991-...
- Centro Oriental	
Quênia	2007-
Uganda	1993
África Austral	
África do Sul	1961- 1994
Angola	1975-2002
Moçambique	1976-92
Zimbábue	1981-...

²⁴¹ Fontes diversas.

4.2 Características Gerais dos Conflitos

Entre os conflitos, existem aqueles considerados como guerra separatista, insurgência religiosa, conflito étnico, guerra ao terrorismo e guerra civil. A última pode englobar um ou mais dos temas citados anteriormente e por isso cabe defini-la claramente. Hans Magnus Enzensberger a conceitua como a forma primária de todo conflito coletivo enquanto Luis Mir critica a postura do Estado em entender a guerra civil como uma guerra da macrocriminalidade contra a sociedade civil.²⁴² Segundo Mir, a doutrina clássica anuncia três etapas para a classificação de uma guerra civil: rebelião, insurgência e beligerância. Para efeito deste trabalho, adotaremos a versão mais abrangente de Hans Enzensberger, onde estão incluídas as três etapas descritas por Mir, uma vez que nossa preocupação se refere às guerras ocorridas em países dotados de recursos naturais, sejam elas quais forem.

A origem das guerras na África, embora complexa e particular a cada caso, segue características comuns a quase todos os países, praticamente um consenso entre acadêmicos e cientistas políticos: as consequências do neocolonialismo; ausência de instituições burocráticas sólidas, instabilidade política; pobreza; má distribuição de renda; falta de assistência básica em saúde e educação; taxas de crescimento negativas ou baixas; dependência das exportações de commodities e apoio internacional segmentado.

No que tange as características acima, tratamos de definir no primeiro capítulo, e voltamos a relembrar, seu processo de causalidade em relação ao neocolonialismo do século XIX: o baixo desenvolvimento econômico, as taxas de crescimento negativas, a ausência de instituições burocráticas sólidas e pobreza são sequelas da dependência de exportações de commodities causadas pela corrosão do sistema de produção africano nos tempos coloniais; a instabilidade política e o apoio internacional segmentado expõem o resultado da formação de fronteiras artificiais desenhadas pelas grandes potências. Juntos, esses atributos favoreceram o descontentamento e ressentimento da população, tornando-os suscetíveis a golpes de Estado e conflitos armados.

Como os Estados estão inseridos dentro do sistema e economia internacionais, e logo suscetíveis a geopolítica das economias centrais, a dependência econômica das exportações

²⁴² MIR, L. Guerra Civil: estado e trauma. 2004. Geração Editorial. Pg.121:168 passim.

dos recursos naturais é um agravante e fator de fragilidade nas crises internacionais e na dependência das taxas de demanda externa. Quanto às causas, Danielle Langton afirma:

*Analysts have cited poor governance, political instability, geographic features, and historical conditions such as colonialism as different reasons for Africa's economic malaise. Whatever the underlying cause, Africa's slow growth and stagnation have been attributed to slow accumulation of both human and physical capital, dependence on single commodity exports, low productivity growth and pressures from high population growth rates.*²⁴³

Estudos sobre o crescimento econômico de países dependentes de recursos naturais em comparação àqueles pobres em reservas têm alertado para uma dificuldade maior nos primeiros. Um relatório do Banco Mundial examinou as performances econômicas nos anos 1990 e mostrou que países com setores minerais de porte médio tiveram uma redução do PIB per capita de 0.7% ao ano do período analisado. Nos países com setores de mineração maiores, o PIB per capita caiu em média 1.1% ao ano e nos países com setores de mineração que representam mais de 50% de suas exportações, o PIB per capita diminuiu 2.3% ao ano. Esses dados foram posteriormente utilizados para verificar a relação entre taxas negativas de crescimento e suscetibilidade a guerras civis e, segundo mostram as pesquisas de Collier/Hoeffler e Hegre, existe influência da primeira na segunda.²⁴⁴

Os conflitos associados à dependência dos recursos naturais envolvem algumas variáveis. São atribuídas a ela a má governança, corrupção, enfraquecimento do Estado e falta de comprometimento; performance econômica negativa, com redução do crescimento e aumento da pobreza; suscetibilidade a movimentos separatistas; e uso dos recursos no financiamento dos movimentos rebeldes- pilhagem, extorsão, sequestro e venda de direitos de exploração futura. Segue abaixo uma relação dos países dependentes de recursos minerais:

²⁴³ BARI, M. L. *Reflexões Acerca do Desenvolvimento na África Subsaariana: idéias e debates*. Palestra Salvador, 2006. Fundação Visconde de Cairu., Centro de Pós- Graduação e Pesquisa. Disponibilidade e Acesso no Site da ASSOCIAÇÃO GBCONTRIBUTO-CIDADANIA - Organização voltada para a promoção da Cidadania, dos Direitos Humanos e do Desenvolvimento Social na Guiné-Bissau: http://www.didinho.org/AFRICAEDSENVOLVIMENTO.htm#_ftn2

²⁴⁴ ROSS, M. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf> p.5. mar.2011

TABELA 14- ESTADOS DEPENDENTES DE RECURSOS NATURAIS

Non-fuel Mineral Dependent States ²⁴⁵		Oil Dependent States ²⁴⁶	
State	Minerals Dependence	State	Oil Dependence
1. Botswana	35.1	1. Angola*	68.5
2. Sierra Leone*	28.9	2. Congo (Brazzaville)*	40.9
3. Zambia*	26.1	3. Nigeria	39.9
4. Mauritania*	18.4	4. Gabon	36.1
5. Liberia*	12.5		
6. Niger*	12.2		
7. Congo, Dem. Rep.*	7.0		
8. Togo*	5.1		
9. Central African Republic*	4.8		
10. Ghana*	4.6		
11. Angola*	3.6		
12. Guinea*	11.8		

*= Highly Indebted Poor Country;

bold signifies a civil war since 1990.

O impacto da dependência da receita de recursos naturais no governo ocorre através de alguns mecanismos. Segundo Sachs e Warner (1999), existem sólidas evidências de corrupção em situações do gênero. Uma vez que o volume de recursos é enorme, o governo só consegue acompanhar a movimentação de quantidades limitadas. No mais, a receita é recolhida pelo governo de tal maneira que os cidadãos não conseguem fiscalizá-la. Em Angola, país rico em petróleo e diamantes e que esteve em guerra civil de 1975 a 2002, quase um bilhão de dólares desapareceu dos cofres públicos somente em 2001, segundo relatório do FMI.²⁴⁷ Nos anos anteriores, as discrepâncias giravam entre 2 e 23% do PIB.

²⁴⁵ Mineral Dependence is the ratio of non-fuel mineral exports to GDP; figures are for 1995. ROSS, M. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf> mar.2011

²⁴⁶ Oil Dependence is the ratio of oil, gas, and coal exports to GDP; figures are for 1995. ROSS, M. Ibidem.

²⁴⁷ ROSS, M. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf> mar.2011

4.3- A Guerra Civil de Angola

Angola é o segundo maior produtor de óleo da África subsaariana e o quarto maior produtor mundial de diamantes por valor. Se repartida, a receita gerada pelas duas commodities principais não renderiam mais do que 500 dólares anuais per capita. Porém, a concentração de renda torna a exploração da região um comércio lucrativo.²⁴⁸

Em sequência à guerra de independência, que durou 14 anos, Angola mergulhou em um novo conflito, cujos protagonistas permaneceram praticamente os mesmos. Enquanto a guerra de independência buscava a autonomia do país perante sua metrópole, a saída de Portugal deixou um vácuo de poder e provocou uma disputa interna entre os novos atores políticos pelo controle do Estado. O mau gerenciamento do processo de ruptura, de descolonização, acentuou a natureza dualística da economia colonial de exploração de recursos e oferta de trabalho no litoral e, por outro lado, subdesenvolvimento e comércio escravo no interior do país.²⁴⁹ A retirada em massa dos portugueses do país após a independência agravou ainda mais a situação, dado o baixo nível de renda e expertise da população local e, conseqüentemente, aumentou a dependência do petróleo para financiar as importações das commodities ausentes e necessárias no país. Os rendimentos do petróleo e a assistência soviética evitaram que a economia do país entrasse em colapso.

Os partidos políticos que lutaram pela liberação de Angola, o Movimento Popular da Libertação de Angola (MPLA), que assumiu o poder após a independência e que permanece no governo, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), assinaram com o governo português pós Salazista o acordo do Alvor em 1975, que definia as regras pelas quais Angola se tornaria independente. O acordo serviu apenas para oficializar a independência, pois o governo provisório, incapaz de concordar entre si, se desmantelou rapidamente e seus componentes passaram a lutar pelo poder estatal.

²⁴⁸ BILLON, P. Le. Angola's Political economy of War: The Role of Oil and Diamonds, 1975-2000. African Affairs, 2001. 100p. 55-80. P. 57

²⁴⁹ BILLON, P. Ibidem. p.59

A política externa de Angola, depois de 1975, foi direcionada a ajudar o MPLA a responder aos vários desafios nacionais, regionais e internacionais que ameaçavam a sua existência, em outras palavras, a UNITA, a FNLA e seus patrocinadores.²⁵⁰

Comumente, a guerra Civil angolana é tratada como uma consequência da rivalidade da Guerra Fria. Segundo noticiado no New York Times, a Guerra civil de Angola foi “a three way tribally based struggle for power... which became enmeshed in global politics as the rival superpowers and their proxies rushed to sponsor their chosen factions.”²⁵¹

Na verdade, houve apoio político, militar e financeiro para cada uma das frentes por vários Estados- África do Sul, Zaire, Cuba, Estados Unidos e União Soviética, um impasse internacional separado pelas duas ideologias da Guerra Fria. Os países socialistas assistiram a MPLA na tomada do governo após a independência e derrotaram sua adversária FNLA, esta apoiada pelo bloco ocidental. Após o exílio da FNLA, a UNITA passou a receber todo o apoio dos Estados Unidos, África do Sul e Zaire. Internamente, a MPLA se beneficiava do rendimento do petróleo, enquanto a UNITA controlava a população no *hinterland* e se financiava a partir dos diamantes.

*The Angolan crisis developed in a context of East-West tensions. It was attenuated in a more serene environment market by collaboration between the superpowers... after eight years of efforts, the United States achieved recognition by all regional actors of a link between the withdrawal of Cuban forces and Namibia's independence.*²⁵²

O envolvimento chinês na Guerra civil angolana foi definido também pelas políticas da guerra fria e transformações internas, como a revolução Cultural Chinesa. No início dos anos 1960, a China apoiava o partido MPLA, mas sua rivalidade com a União Soviética em 1962/3 fez com que essa aliança chegasse ao fim após o reconhecimento da UNITA e do FNLA como movimentos de libertação pela Organização da Unidade Africana.

²⁵⁰ MALAQUIAS, A. Instituto de Estudos estratégicos e Internacionais, em O Mundo em Português. No 37. 2002. Lisboa. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ieei.pt/publicacoes/artigo.php?artigo=642> fev.2012

²⁵¹ KAUFMAN, M. New York Times. 2002. Disponibilidade e acesso em: <http://www.nytimes.com/2002/02/23/world/jonas-savimbi-67-rebel-of-charisma-and-tenacity.html?pagewanted=all&src=pm> jan.2012

²⁵² LAIDI, ZAKI. The Superpowers and Africa: The Constraints of a Rivalry:1960-1990. Chicago: Univ. Of Chicago, 1990. Pg xvii

Em 1963, o ministro chinês Chen Yi in Nairobi acordou com Holden Roberto da FNLA em fornecer a maior parte do armamento do partido. No ano seguinte, o presidente Mao Zedong (conhecido no ocidente como Mao Tse-tung) forneceu treinamento militar ao presidente da UNITA, Jonas Savimbi. Ao final da revolução Cultural no início da década de 1970, foi a vez da MPLA voltar as negociações e seus comandantes também foram beneficiados treinamento militar chinês.

Neste estágio, divisões internas na MPLA e preocupações chinesas de balancear o forte apoio fornecido pela União Soviética ao partido levaram ao fim esta relação. Uma vez mais o apoio chinês direcionou-se aos partidos de oposição, mais direcionado à FNLA, que em 1974 recebeu um carregamento de 450 toneladas de armas e 112 instrutores chineses.²⁵³

Com a independência angolana, e vitória da MPLA, em 1975, os dois países permaneceram afastados diplomaticamente, até que as relações fossem restabelecidas em 1983. O primeiro acordo comercial foi assinado em 1984 e a Comissão de Comércio e Economia Conjunta foi criada em 1988, embora sua primeira sessão fosse ocorrer em dezembro de 1999.

Durante o início dos anos 1990 surgiram denúncias de que a UNITA (baseada na República Democrática do Congo) estava recebendo armas chinesas, algumas capturadas em 1993 ao norte de Angola. Porém, a embaixada chinesa negou que estivesse fornecendo o material. No decorrer da década, as relações entre China e Angola melhoraram e o país africano tornou-se, no final dos anos 1990, o segundo maior parceiro comercial africano da China (atrás da África do Sul), em especial, devido à cooperação em defesa.²⁵⁴

Após a Guerra Fria, especificamente nos anos 1993, 1994 e 1999, as importações governamentais de armas giravam em torno de 5 bilhões de dólares.²⁵⁵ Tal poderio militar permitiu que o governo impedisse o apoio à UNITA desde 1997 no Congo-Brazzaville e

²⁵³ GLEIJESES, P. *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959–1976*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002. P.234.

²⁵⁴ “ During the mid-1990s, when low commodity prices put Angola in a tight financial squeeze, Taiwan reportedly tried to encourage Angola to consider switching recognition to Taipei by sending an official to Luanda for a few months to offer significant incentives. In the end, however, nothing resulted from these efforts.”. Disponibilidade e acesso em: http://csis.org/files/media/isis/pubs/080306_angolachina.pdf pg.2

²⁵⁵ BILLON, P. Le. Angola's Political economy of War: The Role of Oil and Diamonds, 1975-2000. African Affairs, 2001. 100p. 55-80. P. 64

RDC, e desde 1999 na Namíbia. Os gastos militares provenientes de orçamentos públicos, do petróleo e de empréstimos comerciais de curto prazo, passavam diretamente pela empresa estatal SONANGOL e os bônus de companhias estrangeiras para concessão de petróleo serviam aos interesses de segurança, ao mesmo tempo em que facilitavam a corrupção. Em troca, as companhias estrangeiras tinham seus interesses preservados pelo governo angolano.²⁵⁶

Na década de 1990, o petróleo respondia oficialmente por 90% das exportações do país e 80% da receita governamental, o equivalente a 5 bilhões de dólares de receita bruta.²⁵⁷ Ao mesmo tempo em que o setor funcionava como peça chave, constituía um enclave para a economia angolana, pois a indústria de petróleo é focada em capital intensivo, e não utiliza um grande contingente de mão de obra (trabalho intensivo). De fato, a indústria angolana de petróleo emprega menos que 10 mil angolanos em sua totalidade e sua receita não é utilizada para a diversificação da economia, onde poderiam surgir outras fontes de emprego.²⁵⁸

Não obstante, as receitas de petróleo relativamente seguras, segundo Le Billon, ajudaram o governo angolano a resistir os bem equipados exércitos da África do Sul e da UNITA, especialmente com a compra de armas depois da guerra fria.²⁵⁹

A década de 1990 foi particularmente difícil. Os gastos sociais governamentais diminuíram, a corrupção aumentou e a economia recuou agravada pelo fim do bloco soviético. Os relativamente poucos investimentos eram direcionados para a capital, Luanda, embora as províncias acumulassem dois terços da população do país.²⁶⁰

A relação clientelista com beneficiários diretos da renda petrolífera também cooperava para o impedimento de reformas econômicas e sociais, mantida graças a contratos estáveis com empresas estrangeiras.

²⁵⁶ BILLON, P Ibidem. P. 63

²⁵⁷ BILLON, P Ibidem P. 61

²⁵⁸ BILLON, P Ibidem. 61

²⁵⁹ BILLON, P Ibidem P. 64

²⁶⁰ Em 1996, as províncias receberam apenas 13,5% do orçamento executado. BILLON, P. Le. Angola's Political economy of War: The Role of Oil and Diamonds, 1975-2000. African Affairs, 2001. 100p. 55-80. P. 63

A dificuldade do governo em lidar com o enclave gerado pelo petróleo ocorre devido ao recurso ser utilizado como um santuário econômico governamental contra ameaças políticas e militares. Isto acontece graças a geografia das principais reservas- off-shore- protegida dos ataques da UNITA, como a região de Cabinda. Da mesma forma, essa proteção natural possibilitou ao governo resistir aos ataques externos, como da África do Sul. O petróleo se transformou em uma máquina de guerra de capital intensivo que coloca o governo no centro da economia política de Angola.²⁶¹

Além do petróleo, os diamantes tiveram um papel fundamental na guerra de Angola. Os diamantes são difíceis de integrar na economia formal controlada pelo Estado devido a sua dispersão geográfica e controle ilegal da UNITA. Os diamantes são encontrados em grande parte do território, em rios e em minas, muitas isoladas, que facilitam o controle pelo grupo. Seu domínio constitui uma oportunidade de financiar armas mais complexas, a partir de uma rede de corporações privadas e autoridades estatais estrangeiras que são recompensadas com acordos lucrativos e diamantes personalizados.

As operações do grupo se tornaram cada vez mais profissionais e acabaram por substituir o Estado na sua comercialização. Em 1981, a receita gerada pelos diamantes rendia 221 milhões de dólares ao estado, quase sete vezes mais do que em 1986, reduzido a 33 milhões de dólares ²⁶². Na segunda metade dos anos 1980, as atividades comerciais da UNITA se tornaram semi- industriais e as redes comerciais foram fortalecidas, enquanto os conflitos chegavam às províncias de Luanda. Isso foi possível, em parte, ao apoio americano, que permitiu à UNITA operar a partir de zonas militares protegidas no Zaire. A retirada do apoio americano e sul-africano no início dos anos 1990 obrigou-a a se apoiar ainda mais na renda proveniente dos diamantes e a reanalisar sua estratégia militar.²⁶³ O grupo possuía praticamente o monopólio da exploração dos diamantes no país e entre 1992 e 2000 obteve de 3 a 4 bilhões de dólares em produção. Diferentemente do setor petrolífero, a exploração de diamantes se beneficiaria com acordos de paz para que a exploração vulcânica, que demanda grandes quantidades de capital e máquinas pesadas, pudesse ocorrer. Outra diferença marcante é que o setor diamantino utiliza uma grande massa de trabalhadores.

²⁶¹ BILLON, P. Le. Angola's Political economy of War: The Role of Oil and Diamonds, 1975-2000. African Affairs, 2001. 100p. 55-80. P. 64

²⁶² BILLON, P. Ibidem. P. 67

²⁶³ BILLON, P. Ibidem P. 68

O impasse militar recai na esfera política, mais do que militar. A receita legitimamente obtida do petróleo permitiu ao governo negociar com outros Estados, se defender contra as milícias internas e ataques externos e construir e sustentar uma rede de corrupção calcada em relações clientelistas. A geografia de Angola, a oportunidade política advinda dos diamantes aluviais e o apoio internacional aos partidos oponentes tornaram a oposição armada uma ameaça de longo prazo. Fossem os diamantes encontrados apenas em depósitos de kimberlites (um grupo de rochas que contém diamantes), como em Botsuana, ou no fundo do mar, como na Namíbia, sua exploração e controle teriam sido mais penosos, devido ao acesso remoto e a necessidade de investimentos pesados.

Para Le Billon, o governo precisa construir seu poder através de legitimidade política, a começar com uma melhoria do gerenciamento econômico. Segundo o autor, os rendimentos do petróleo ajudaram a impedir uma conquista militar por parte da África do Sul e da UNITA, porém as consequências do conflito foram social e economicamente desastrosas.²⁶⁴

Angola apresenta outra variável encontrada na relação entre conflitos e dependência de recursos naturais: o incentivo a movimentos secessionistas, como mostra a Tabela 16. Mais da metade do petróleo angolano provém de Cabinda, uma região entre o Congo-Brazaville e Congo Kinshasa. A riqueza da região não melhorou significativamente as condições de vida da população local, o que deu espaço para o surgimento do movimento armado e separatista, Frente de Libertação do Estado de Cabinda (FLEC), um movimento que também recebe o apoio de Estados vizinhos.²⁶⁵

TABELA 15 – MOVIMENTOS SEPARATISTAS E RECURSOS MINERAIS²⁶⁶

Country	Region	Duration	Resources
Angola	Cabinda	1975-	Oil
Congo, Dem. Rep	Katanga/Shaba	1960-65	Copper
Nigeria	Biafra	1967-70	Oil
Sudan	South	1983-	Oil

²⁶⁴ BILLON, P. Ibidem. P. 66

²⁶⁵ BILLON, P. Le. Loc cit *

²⁶⁶ ROSS, M. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf>

Com o fim da guerra civil, a prioridade do governo angolano tonou-se a reconstrução do país e a China teve um papel importante nesse sentido assistindo financeira e tecnicamente. Mais de 100 projetos nas áreas de energia, saneamento, saúde, educação, telecomunicações, pescaria e serviço público foram lançados rapidamente.²⁶⁷

As relações entre China e Angola passaram rapidamente de um perfil defensivo e de segurança para uma direção econômica. Segundo declarações chinesas feitas em 2007 no registro de Convenções de Armas das Nações Unidas, não houve mais transferência de grandes equipamentos militares depois de 2006.

Em março de 2004, o banco de importação e exportação da China (EximBank) comprometeu-se com seu primeiro empréstimo de 2 bilhões de dólares para a reconstrução da infraestrutura danificada no país. Desde então, a cooperação entre as duas nações tem sido de visitas frequentes que resultaram em contratos políticos, econômicos, diplomáticos, culturais e sociais.²⁶⁸

Apesar de o país ter registrado um crescimento anual de sua economia superior a 20% na década de 2000 devido à riqueza petrolífera, grande parte da população continua imersa na pobreza e a expectativa de vida e o índice de mortalidade infantil estão entre os mais baixos do mundo.²⁶⁹ A exportação de petróleo para a China e para os Estados Unidos é a principal fonte de renda atualmente, porém os ganhos são redirecionados quase que na totalidade à indústria petrolífera e pouco é investido em outros setores da economia. Outro agravante diz respeito à gestão transparente do tesouro nacional, especialmente da renda resultante da venda de petróleo e diamantes que desaparecem sem deixar rasto e fazem com que o governo angolano seja visto como um dos mais corruptos do mundo.²⁷⁰ Para o analista angolano do African Center for Strategic Studies, Assis Malaquias, “*Angola não recebe ajuda financeira*

²⁶⁷ CAMPOS, I., VINES, A. Angola and China: *A Pragmatic Partnership*. Center for Strategic & International Studies. Working Paper Presented at a CSIS Conference, *Prospects for Improving U.S.-China-Africa Cooperation*, P.2. December 5, 2007. Chatham House. London. Disponibilidade e acesso em: http://csis.org/files/media/csis/pubs/080306_angolachina.pdf p.1. Dez.2011

²⁶⁸ CAMPOS, I., VINES, A. Ibidem. P.35

²⁶⁹ *Angola Celebra Dez anos de Paz após Guerra Civil*. Revista Exame. Abr.2012. Disponibilidade e acesso em: <http://exame.abril.com.br/economia/politica/noticias/angola-celebra-10-anos-de-paz-apos-guerra-civil> abr.2012

²⁷⁰ MALAQUIAS, A. Instituto de Estudos estratégicos e Internacionais, em *O Mundo em Português*. No 37. 2002. Lisboa. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ieei.pt/publicacoes/artigo.php?artigo=642> fev.2012

*de outros países por causa disso. O mundo percebeu que não há carência de dinheiro, mas sim de gerenciamento”.*²⁷¹

4.4 Sudão

Na mesma linha, a guerra civil no Sudão (1983-2005 e 2003-2011) desencadeou um movimento separatista liderado pelo SPLA- Exército de Liberação do Povo Sudanês- no sul do país, onde estão concentradas as maiores riquezas petrolíferas. A maioria islâmica, concentrada no norte do país, tem controlado o governo desde a independência, em 1956. Como em Ruanda, os colonizadores britânicos favoreceram um grupo e excluíram o restante da administração pública sudanesa, definindo desde então a concentração de poder na região norte árabe. Nesta data, teve início a primeira guerra civil do Sudão, a qual durou 17 anos e, em conjunto com as subseqüentes guerras, têm atrasado o desenvolvimento econômico e político do país.

Três variáveis são determinantes no conflito do Sudão: a questão religiosa, marcada pela maioria islâmica governista do norte e a minoria católica, e parte animista, do sul; a questão racial, entre árabes do norte e negros africanos do sul; e a concentração de recursos naturais, inclusive petróleo, na região sul.

Em 1969, durante a primeira guerra, os rebeldes haviam desenvolvido relações com potências estrangeiras para obter armas e suprimentos. Israel treinou o exército paramilitar dos rebeldes sulistas conhecidos como Anya Nya e despachou armas via Etiópia e Uganda, as quais também foram obtidas pelos rebeldes congolezes e negociadores internacionais de armas. Na mesma época, o governo sudanês obteve armamento aéreo soviético do Egito e da própria União Soviética, a qual em até o fim de 1969 havia enviado várias armas antiaéreas 85mm, 16 MiG-21s e cinco transportes de tropa Antonov-24. Nos dois anos seguintes, eles entregaram outros instrumentos de guerra, como tanques T-54, T-55, T56 e T-59 e veículos de armamento leves BTR-40 e BTR-152.²⁷² As relações comerciais não cessaram após o fim do

²⁷¹ VICENTIN, C. Fim da Guerra de Angola fez com que economia crescesse 800% em 9 anos. Abr.2012. Correio Braziliense. Disponibilidade e acesso em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2012/04/06/interna_mundo,296692/fim-da-guerra-civil-da-angola-fez-com-que-economia-crescesse-800-em-9-anos.shtml abr.2012.

²⁷² *Sudan's Civil War*. Gobal Securities. Disponibilidade e acesso em: <http://www.globalsecurity.org/military/world/war/sudan-civil-war1.htm> Fev.2012.

conflito e foram úteis para as revoltas subsequentes. Neste ano, o sul do Sudão tornou-se independente.

Em 1983, o presidente sudanês Numeiry revogou a autonomia concedida ao sul do país 11 anos antes e adotou uma série de medidas, entre elas a imposição da lei islâmica por todo o país, a Sharia, as quais provocaram revoltas na população não islâmica.²⁷³ Outra medida não aceita pela população foi a de colocar a então recém-descoberta região de petróleo no sul sob a jurisdição do norte, onde seria construída uma refinaria. A SPLA reagiu com protestos e em 1984 organizou um ataque a uma base de exploração de petróleo e impediu o projeto de ir adiante. O governo reagiu com violência. Nos anos subsequentes o governo logrou consolidar seu poder e pôr fim ao seu isolamento internacional. Através da construção de um oleoduto, o petróleo extraído do sul foi obrigado a pagar taxas de um milhão de dólares por dia, recursos com o qual o norte pôde comprar seus aliados e manter sua campanha militar, tornando a guerra auto-sustentável para o norte.²⁷⁴

A região sul, rica em petróleo, começou a produzir o recurso energético em 1993 e a exportar em 1998. Anteriormente, a exploração do petróleo era feita por empresas ocidentais. Um acordo de paz mediado pelos EUA findou o conflito em 2005, depois de mais de 20 anos de guerra. Contudo, até o plebiscito de 2011 (garantido pelos acordos de paz de 2005), quando o sul do país tornou-se independente, o problema persistia.

A questão parece estar relacionada aos recursos naturais, especificamente a disputa pelo petróleo. Os campos petrolíferos estão localizados no sul, conforme a Figura 24, mas são dependentes dos oleodutos nortistas para a condução até os portos de exportação. Ao tornar-se independente, o sul permaneceu com aproximadamente 75% dos campos petrolíferos existentes no país e planeja a construção de um oleoduto que atravesse seu vizinho Quênia. O Sudão era o maior país da África, com 2,5 milhões de Km² antes da independência.

²⁷³ MOISÉS, B. *Conflitos recentes, estruturas persistentes: notícias do Sudão*. Revista de Antropologia, vol.44, no 2, São Paulo. Disponibilidade e acesso em: 2001. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000200004 Dez.2011

²⁷⁴ MARTIN, M. *Born into Bloodshed*. 2002. Foreign Affairs. Disponibilidade e acesso em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/57818/andolph-martin/sudans-perfect-war> Jan.2012

FIGURA 23- Oleoduto e campos de petróleo no Sudão ²⁷⁵



Após os acordos de paz de 2005, a economia sudanesa experimentou um considerável crescimento. As taxas de crescimento do PIB foram entre 6 e 7% entre os anos de 2003 e 2007, e mais de 64% das exportações foram destinadas à China entre 2004 e 2007. ²⁷⁶

China em Darfur

A guerra de Darfur, no sudoeste do Sudão, chamou a atenção da sociedade internacional pela atrocidade dos crimes genocidas cometidos, e reconhecidos pelas Nações Unidas, e pelas implicações político-econômicas relacionadas ao fornecimento de petróleo. Para contornar a situação, a China, que possui grandes investimentos no setor petrolífero sudanês, desconsiderou o embargo de armas feito pelas Nações Unidas que tinha como finalidade impedir que nações estrangeiras intervissem militarmente no conflito. Apesar de ter aderido ao embargo publicamente, descobriu-se que além de fornecer treinamento (e os próprios aviões) aos combatentes sudaneses para pilotar seus aviões A5 Fantom em Darfur, a

²⁷⁵ COPNALL, J. *Can Sudan's Oil feed north and south?* Julho, 2011. BBC News. Disponibilidade e acesso em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-12128080> jan.2012

²⁷⁶ CEPIK, M. OLIVEIRA, L. *Petróleo e Guerra Civil no Sudão*. Radar do Sistema Internacional- Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. Disponibilidade e acesso em: <http://rsi.cgee.org.br/documentos/4242/1.PDF> fev.2012

China havia enviado um estoque de armamentos, em um lote exportado ao Sudão em 2005. A China é o maior parceiro econômico do Sudão e a estabilidade política chinesa calcada na sua expansão econômica depende em grande parte das riquezas minerais e petrolíferas africanas, motivo pelo qual ela manteve relações diplomáticas de proximidade com o Cartum, Sudão do norte, apesar de manter também vínculo comercial com o sul.²⁷⁷

Markings showed that they were from a batch of 212 Dong Feng army lorries that the UN had traced as having arrived in Sudan after the arms embargo was put in place.

*The lorries came straight from the factory in China to Sudan and were consigned to Sudan's defence ministry. The guns were mounted after the lorries were imported from China.*²⁷⁸

A presença da China no Conselho de Segurança permitiu que os crimes cometidos no Sudão não fossem reconhecidos imediatamente como genocídio, o que implicaria em uma intervenção militar do Conselho de Segurança. Apesar da presença dos *peacekeepers*, atualmente, e da vitória sulista pela independência em 2011, o conflito em Darfur continua.²⁷⁹

Pelo viés americano, a guerra de Darfur envolve não só o controle dos recursos naturais, mas também a vitória sob o governo árabe. A eles, interessaria um governo sudanês mais amigável, que compartilhasse os ideais ocidentais e interesses econômicos americanos, europeus e israelenses. Ao governo do Sudão do Sul, pode interessar a presença de companhias norte-americanas no país, uma vez que os Estados Unidos manteve-se diplomaticamente contra o governo de Cartum, impondo sanções contra o norte, e seu status que ajudaria a prevenir retaliações do Sudão no Sudão do Sul.

A complexidade da guerra envolve outras questões. O próprio SPLA é formado por duas etnias do sudeste do Sudão, as maiores respectivamente: Dinka e Nuer. Segundo o mito analisado pelo antropólogo Evans-Pritchard²⁸⁰, a origem da inimizade entre Nuer e Dinka

²⁷⁷ *China and Sudan: a deadly partnership*. Save Darfur. Disponibilidade e acesso em: http://www.savedarfur.org/pages/china_and_sudan jan.2012

²⁷⁸ ANDERSSON, H. China is fuelling war in Darfur. BBC News, Darfur. Jul, 2008. Disponibilidade e acesso em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7503428.stm> nov.2011

²⁷⁹ BAY, A. China, a Major player in Sudan's Conflict. Sun Journal. Fev, 2012. Disponibilidade e acesos em: <http://www.sunjournal.com/news/columns-analysis/2012/02/03/austin-bay-china-major-player-sudan-conflict/1149387> fev.2012

²⁸⁰ PRITCHARD, E. *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*. 1940. Oxford: Clarendon Press. P.125.

tem início muito antes da guerra civil, quando os Dinka roubavam gado dos Nuer, os quais teriam, por este motivo, recebido do criador a incumbência perpétua de atacar os Dinka.²⁸¹

A rivalidade entre eles levou a separação do grupo em 1991 e ao começo de uma outra guerra, entre Dinka e Nuer, especialmente na fronteira entre ambos. Paralelamente, outros segmentos Dinka e Nuer continuavam no combate ao governo islâmico do norte, e outros ainda prosseguiram em guerras intertribais. As negociações de paz só vieram acontecer quase uma década depois, em 1999.

O país, essencialmente agrícola, tem cerca de 80% dos trabalhadores alocados neste setor. As guerras, concentração das riquezas, volatilidade do preço das commodities primárias e as secas têm castigado os sudaneses que vivem em sua maioria abaixo da linha de pobreza, apesar dos rendimentos gerados pelo petróleo.

4.5 Serra Leoa- 1997-2001

Outra variável da relação entre guerras civis e dependência de recursos naturais é a formação de Estados fracos. Isto pode ocorrer, como em Serra Leoa, através do enfraquecimento do controle estatal territorial e atraso da eficácia da burocracia estatal. Essas características aparecem quando o governo se baseia na receita gerada pelos recursos ao invés de impostos e mecanismos que aproximam a sociedade do Estado. Segundo Ross, os governos incapazes de desenvolver esta conexão, que pode levar décadas, tendem a não conseguir oferecer bens públicos e aliviar tensões sociais.²⁸²

Finda a Guerra Fria, o comércio ilegal de diamantes se tornou uma grande fonte de recursos para exércitos e guerrilhas em Serra Leoa e países como Congo, Angola e Libéria. Até 1960, a economia de Serra Leoa era baseada em minerais e diamantes, controlada, na maior parte, por empresas estrangeiras ou governamentais. Parte dessa riqueza foi esgotada até a década de 1980, restando os diamantes aluviais extraídos por métodos informais e espalhados por uma vasta área, a qual o governo não consegue controlar. Este tipo de

²⁸¹ MOISÉS, B. *Conflitos Recentes, Estruturas Persistentes: notícias do Sudão*. Revista de Antropologia, vol.44, no 2, São Paulo. Disponibilidade e acesso em: 2001. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000200004 dez.2011

²⁸² ROSS, M. *Natural resources and civil War: an Overview*. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf> p.10 mar.2011

exploração de baixo custo e treinamento é difícil de ser controlado por lei e em Serra Leoa o governo não conseguiu exercer sua autoridade sob os milhares de mineiros não licenciados e rede de gangues armadas ou exércitos privados que vendiam proteção aos mineiros e comerciantes. Portanto, a questão dos diamantes já era uma preocupação estatal mesmo antes da guerra civil, devido ao alto grau de corrupção associado a eles.²⁸³

O contexto político-econômico relacionado aos diamantes que levou à guerra civil remete a uma crise econômica como pano de fundo para uma situação política já deteriorada, envolta em problemas sociais crônicos. O país entrou numa séria crise econômica nos anos 1980 devido ao alto preço do petróleo- um item importante da lista de importações de Serra Leoa- aos preços decrescentes das commodities, esgotamento dos diamantes do tipo kimberlite e depósitos de minério de ferro, além de políticas econômicas desacertadas. Este cenário contribuiu para a deterioração da influência do governo central nas áreas ricas em diamantes. Aproveitando a desestabilidade do país, a Frente Revolucionária Unida, um grupo de insurgentes alocados na Libéria, entrou em Serra Leoa em 1991, mesmo ano da redemocratização, com apenas 100 homens e iniciou a guerra civil a qual perdurou durante 11 anos.²⁸⁴

O intuito da FRU era combater o governo corrupto que, segundo o grupo, desvirtuava o dinheiro dos recursos naturais. Sua suposta ideologia revolucionária encontrada no panfleto “Footpaths to Democracy” e denominada pelo acadêmico serra leonense Ibrahim Abdullah de “mais rebelde do que revolucionária”, constituía uma crítica às relações de clientela exercidas pelo governo. No entanto, a técnica utilizada pelo grupo incluía terrorismo e uso de drogas no controle do seu exército. O grupo controla hoje a maior parte das minas de diamantes localizadas ao leste de Serra Leoa, obtendo lucros de milhões de dólares com a exportação ilegal, principalmente para a vizinha Libéria, comandada até 2003 pelo ex-rebelde e ex-presidente, Charles Taylor.

We are fighting for a new Sierra Leone. A new Sierra Leone of freedom, justice and equal opportunity for all. We are fighting for democracy and by democracy we mean equal opportunity and access

²⁸³ ROSS, M. *Natural resources and civil War: an Overview*. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf> p.12 mar.2011

²⁸⁴ ROSS, M. *Natural resources and civil War: an Overview*. California. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf> pg 12.

to power to create wealth through free trade, commerce, agriculture, industry, science and technology... we are tired of being perpetual victims of state sponsored poverty and human degradation visited on us by years of autocratic rule and militarism... We are committed to peace, by any means necessary”.

Frente Revolucionária Unida, “Footpaths to Democracy”.²⁸⁵

Entre as causas mais destacadas por acadêmicos, está o papel da Libéria no conflito. O país foi no passado um espaço de influência norte-americana, povoada por antigos escravos libertados, que se juntaram aos indígenas originários daquelas terras, resultando numa dupla raiz ideológica. As tensões entre classes começaram, como foi padrão nas colônias africanas, quando a minoria afro americana tornou-se parte do governo e passou a dominar os povos indígenas.

A participação da Libéria e dos Estados Unidos no conflito de Serra Leoa é resultado da relação colonial caracterizada pelo paternalismo entre os dois países e da proximidade da Libéria com Serra Leoa e seus depósitos de diamantes.²⁸⁶ Serra Leoa teve sua história muito similar a vizinha Libéria. Foi também usada para receber escravos libertados dos Estados Unidos, Nova Escócia e Grã Bretanha, teve desde o início o grupo não nativo de escravos conhecidos como Krio nos altos cargos administrativos, colocado pela coroa britânica. Assim se explica sua proximidade com a coroa britânica e com os Estados Unidos.²⁸⁷ Somado estes fatores, a guerra civil de Serra Leoa é considerada também uma consequência da desestabilização de sua irmã gêmea Libéria.

Ao reconhecer o recurso natural como não só motivador, mas financiador do conflito na região, o Conselho de Segurança, em 2000, impôs um embargo aos diamantes serra-leonenses por 18 meses.²⁸⁸

Para Jimmy Kandesh, os diamantes não foram a causa do conflito; serviram sim como combustível após o início da guerra. A motivação adveio da necessidade, somados ao

²⁸⁵ Frente revolucionária Unida. *Footpaths to Democracy*. University of Saint Andrews. Disponibilidade e acessos em: <http://www.fas.org/irp/world/para/docs/footpaths.htm> fev.2012

²⁸⁶ David, Magdalene, “The Love of Liberty Brought Us Here (An Analysis of the Development of the Settler State in 19th Century Liberia),” *Review of African Political Economy* 31. 1984.

²⁸⁷ Back Ground Note: Sierra Leone. U.S. Department of State. Disponibilidade e acesso em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/5475.htm>

²⁸⁸ Publications on Sierra Leone. Security Council Report. Disponibilidade e acesso em: <http://www.securitycouncilreport.org/site/c.gIKWLeMTIsG/b.2400723/> fev.2012

populismo jovem, cuja ideia inicial era se armar contra um governo unipartidário corrupto e opressivo. Segundo Kandesh, o conceito inicial foi desviado e transformado em oportunista e criminal por atores internos e externos. A partir disto a ganância tornou-se um fator central, prolongando o conflito armado.²⁸⁹

O fato é que, desde a independência em 1961, Serra Leoa permanece alternando governos civis, militares e golpes violentos.

Entre as características mais marcantes que chamaram a atenção da sociedade internacional está a presença de crianças soldados dos dois lados do conflito. Estima-se que cerca de 10 mil crianças participaram em tarefas militares e paramilitares.²⁹⁰

4.6 Recursos X Conflitos X Interesses Geopolíticos

A região subsaariana faz parte da zona de influência de ex-potências coloniais europeias, as quais também consideram a região como parte de suas estratégias nacionais de segurança energética e mineral. A França é um dos atores mais presentes nas questões africanas, através do *Soft Power*, reforçado pela África francófona, e pelas intervenções militares do *Hard Power*. Sua vantagem estratégica está na proximidade com ex-colônias, com as quais a França manteve, desde as independências, condições preferenciais de comércio e influência política. Desta mesma herança colonial, aproveitou-se a Inglaterra.

No mapa abaixo, temos a extensão das zonas de acordos militares francesas, a área de ajuda americana e suas bases militares, e as principais zonas de recursos naturais contrastadas com as zonas de conflitos ativos. Cruzando as informações, temos a relação triangular entre recursos naturais, conflitos internos e interferência externa.

As áreas demarcadas em amarelo e salmão são referentes aos conflitos ativos no continente entre 2002 e 2005. A Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Sudão e Somália são conflitos de tensão severa, enquanto a Guiné, Nigéria, Chade, República Central

²⁸⁹ ARNISON, Cynthia J. & ZARTMAN, I. William (eds.). 2005. *Rethinking the Economics of War : The Intersection of Need, Creed, and Greed*. Baltimore : The Johns Hopkins University. Pg.85

²⁹⁰ POWLICK, M. *The Economics of Intrastate Conflict: Observations from the case of Sierra Leone*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.epsusa.org/publications/newsletter/2007/june2007/powlick.pdf>

Africana, Congo, Uganda, Etiópia, Eritreia e Zimbábue são considerados de instabilidade política e ocasionais confrontos. Os símbolos representam os recursos naturais encontrados em cada território e as zonas que recebem mais investimento externo foram circuladas em vermelho ou roxo, que são áreas de maior concentração de recursos.

Existem cinco regiões que concentram a maior parte dos recursos minerais e energéticos e como decorrência são economicamente mais estratégicas. Essas mesmas áreas foram delineadas no mapa como zonas de concentração de investimento externo. As zonas econômicas minerais estão localizadas na África Ocidental, Gana e na faixa que se estende da República Democrática do Congo até a Namíbia, contornando o litoral da África Austral. Já a área petrolífera é predominante no Golfo da Guiné e no Sudão.

No mapa menor encontramos as zonas francesas de cooperação militar em treinamento e estocagem, marcadas em azul. As bases militares francesas estão representadas com a bandeira da França e as americanas com a bandeira dos Estados Unidos. A assistência americana ocorre nas regiões delimitadas pelo contorno vermelho e os círculos azuis representam os portos e rotas marítimas para o escoamento do petróleo e de minerais.

A maior concentração de acordos militares franceses e estadunidenses na região subsaariana está localizada na África Ocidental, da Mauritânia ao Congo-Brazzaville. Seus contornos formam uma faixa que envolve por via terrestre duas das zonas minerais mais importantes e a principal concentração de petróleo no Golfo da Guiné.

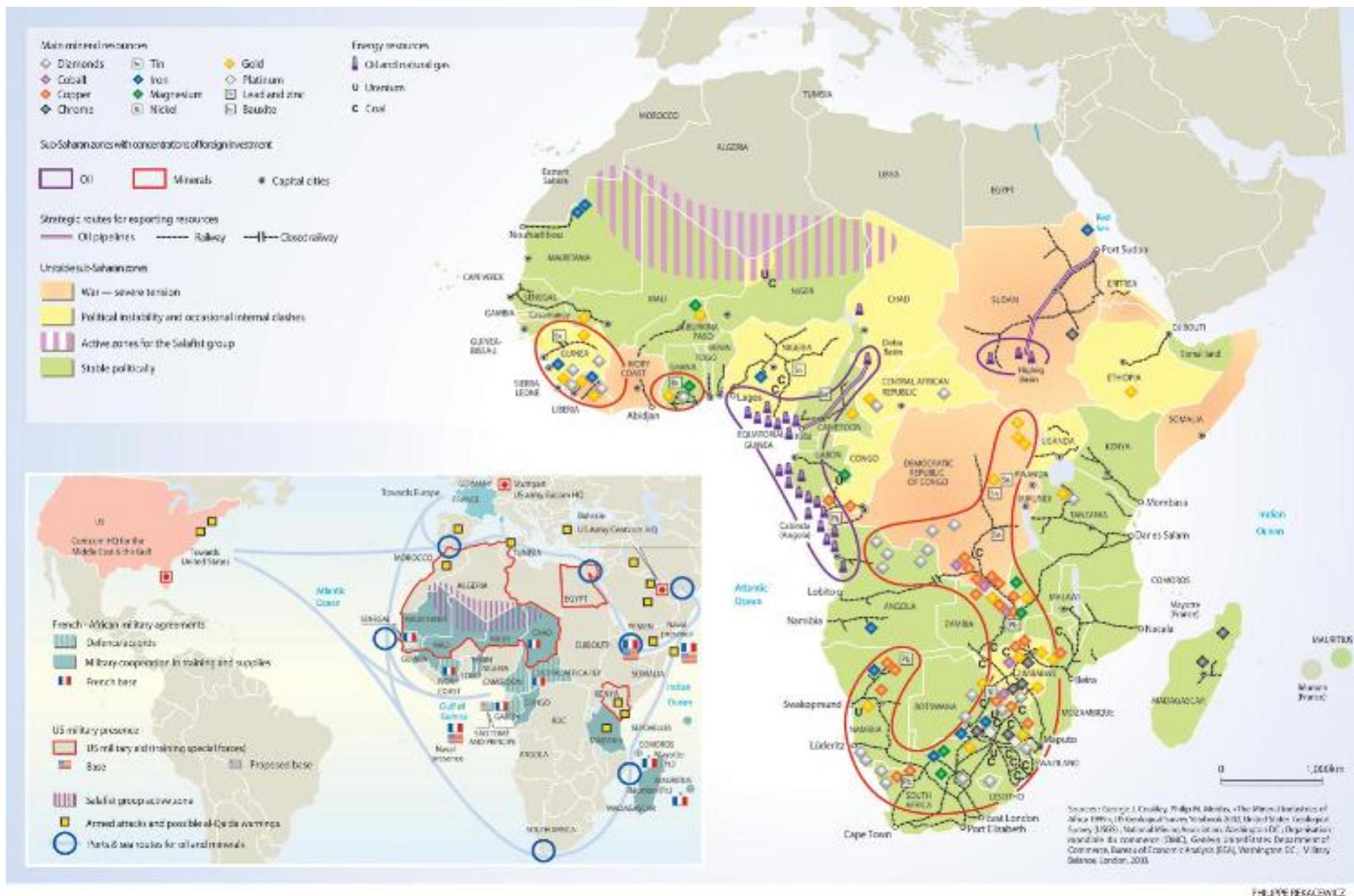


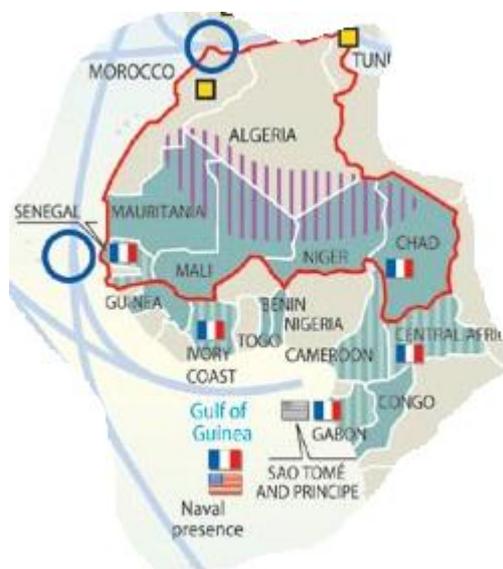
FIGURA 24- Mapa de recursos naturais e conflitos entre 2002-2005²⁹¹

²⁹¹ REKACEWITZ, P. Maps, *Le Monde Diplomatique*. 2000. Disponibilidade e acesso em: <http://mondediplo.com/maps/> Ago.2011

do Le Monde, *is also on the strategic strip between the Sahel and the Horn of Africa that Washington is trying to secure. Although France retains its main foreign military base, Camp Lemonier, in Djibouti, it has now become a permanent US base.*²⁹²

A competição entre Estados Unidos e França esteve na essência de diversas interferências políticas e militares destes estados na África. A participação francesa no genocídio de Ruanda em 1994 pode ser entendida como uma resposta ao apoio americano à Frente Patriótica de Ruanda, um grupo exilado formado por uma etnia minoritária em Ruanda, sitiado em Uganda (ex-colônia britânica) e apoiado pelos Estados Unidos. Segundo o historiador Prunier, a invasão de Ruanda pela Frente Patriótica de Ruanda (FPR) simbolizou a expansão anglo-saxônica em território de influência francesa. As intervenções francesas na tomada de decisões em Ruanda e no apoio oferecido ao partido do governo são fruto da sua geopolítica global calcada no *Soft Power*. Ruanda não possui recursos naturais expressivos, contudo, a política de apoio aos países francofônicos, entre eles Ruanda, nas Nações Unidas permitiu à França larga adesão a suas sugestões e reprovações que, em retorno, contribuiu financeira e militarmente com seus aliados.²⁹³

FIGURA 26- Zonas Militares no Golfo da Guiné



A presença naval e as bases terrestres americana e francesa no Golfo da Guiné visam assegurar uma das principais rotas de escoamento dos recursos minerais para os Estados

²⁹² ABRAMOVICI, P. *United States: the New Scramble for Africa*. 2004. Disponibilidade e acesso em: <http://mondediplo.com/2004/07/07/usinafrica> Mar. 2011

²⁹³ PRUNIER, *The Rwanda Crisis: History of a genocide*, p. 165

Unidos e Europa. A região, que abrange a Nigéria, Guiné Equatorial, Camarões, Gabão e Angola, é largamente rica em petróleo.

Na opinião de Le Billon, os recursos naturais funcionam com o duplo papel de financiadores e/ou motivadores dos confrontos armados. O controle das fontes permite a compra de material bélico, manutenção das milícias ou exército e propagação de ideologias. Possibilita negociar com atores internacionais no mercado negro de armas, de drogas e de minerais ao mesmo tempo em que permite obter apoio político por transformações internas. Pelas mesmas razões, eles funcionam como estimuladores dos conflitos. A teoria se aplica às motivações internas e externas. Por vezes, as milícias que contém o controle ilegal de minas e estradas trabalham em parceria não declarada com atores externos.

O custo econômico dos conflitos armados que eclodiram entre 1990 e 2005 foi de aproximadamente U\$ 300 bilhões.²⁹⁴ A instabilidade política afeta também os preços internacionais das commodities e funciona como uma distração para a extração internacional dos recursos naturais.

Os mecanismos utilizados no envolvimento dos conflitos armados pelas grandes potências são diversos e precisam encontrar caminhos cujos instrumentos não agridam a soberania dos Estados. Nesse sentido, a ajuda internacional a governos ou entidades civis exibe uma alternativa viável. Os atores externos se beneficiam dessa relação ao encontrar mercado para a venda de material bélico, produtos escassos devido aos conflitos e acesso às fontes de matéria prima.

Os treinamentos militares, as vendas de armas e os investimentos e trocas comerciais negociados com governos e milícias, motivados pela garantia de suprimento de recursos naturais, alteraram a duração e o formato das guerras recentes, financiando-as e permitindo que os conflitos se estendessem. O comércio, investimentos e empréstimos permitem que governos se fortaleçam e criem mecanismos que permitam a continuidade da entrada desse capital, criando um ambiente propício à corrupção, como os bônus de assinatura do petróleo.²⁹⁵ Aquelas feitas com milícias e insurgentes alimentam o conflito em termos

²⁹⁴ *Guerras na África consumiram R\$ 600 bi em 15 anos.* Out, 2007. Globo.com. Disponibilidade e acesso em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL148334-5602.00.html> Nov. 2011.

²⁹⁵ Bônus de assinatura são um valor pré-determinado que as empresas pagam pelo contrato do petróleo.

materiais e, da mesma forma que ocorre nos governos, abre espaço para negociações ilegais de contratos futuros após a vitória do grupo, e estimula campos de trabalho ilegais para a venda do mercado negro, frequentemente ocorrido com diamantes.

Em Angola, o apoio político, militar e financeiro oferecido pelas potências da Guerra Fria era dividido da seguinte forma: os países socialistas assistiam a MPLA, partido que assumiu o governo após a independência, enquanto que as adversárias FNLA e UNITA eram apoiadas pelo bloco ocidental diretamente e indiretamente através da África do Sul e Zaire. A MPLA dominava a indústria petrolífera e sobrevivia do seu rendimento, enquanto a UNITA controlava e se financiava a partir dos diamantes.

No Sudão, onde a China possui 64% da produção de petróleo, o genocídio de Darfur custou a ser reconhecido no Conselho de Segurança, órgão do qual a China faz parte como membro permanente e que decide o destino das operações de paz da ONU.²⁹⁶ O país tem recebido o apoio chinês nos fóruns e conferências multilaterais e é o principal foco militar chinês. Em Darfur estão concentradas as maiores riquezas petrolíferas do país, controladas pelo norte árabe. O interesse chinês no petróleo tem ignorado embargos decretados pela ONU e violações de direitos humanos.²⁹⁷ Além de fornecer treinamento e transporte militar, a China também tem cooperado com armamentos ao governo. Para os Estados Unidos, a vitória do sul proporcionaria um governo sudanês mais amigável, que compartilhasse os ideais ocidentais e interesses econômicos americanos, europeus e israelenses e representaria uma vitória sob o governo árabe.

As questões religiosas também são motivações para os conflitos, como no Sudão. A história parece se repetir ao constatarmos um processo genocida similar ao que ocorreu em Ruanda, sem manifestação inicial da sociedade internacional.

Em Ruanda, Mali, Senegal, Burundi, Libéria, Congo e Somália as rivalidades e diferenças étnicas foram usadas como motivação ideológica em um cenário de extrema pobreza, ausência de instituições estatais sólidas, instabilidade política e ditadura.

²⁹⁶ AMOSU, A. *China in Africa*. 2007. Foreign Policy in Focus, Think Tank. Disponibilidade e acesso em: http://www.fpif.org/reports/china_in_africa_its_still_the_governance_stupid_jan.2012

²⁹⁷ *China and Sudan: a deadly partnership*. Save Darfur. Disponibilidade e acesso em: http://www.savedarfur.org/pages/china_and_sudan_jan.2012

4.7 CONSIDERAÇÕES

O fim da guerra fria no início da década de 1990 trouxe consigo uma nova ordem internacional que diferenciava os novos conflitos daqueles entre Estados soberanos, agora mais improváveis devido ao aparecimento das armas nucleares e o processo de globalização midiática.²⁹⁸ Alterou também o papel das grandes potências nos embates subsaarianos, os quais eram mais diretos e constantes, movidos pela disputa ideológica bipolar.

Paulo Visentini afirma que desde então os conflitos vêm adquirindo uma dimensão propriamente mais africana. Cynthia J. Arnson, similarmente, avalia que o fim do embate entre as superpotências no princípio da década de 1990 trouxe novas formas de guerras.²⁹⁹ Visentini ressalta a falta de desenvolvimento econômico e a formação artificial das fronteiras como exponentes das contradições normais do continente. Para ele, os conflitos são deformados pelo colonialismo e neocolonialismo e desde o fim da Guerra Fria vêm adquirindo uma dimensão propriamente mais africana.³⁰⁰

Segundo Visentini, a África do Sul emerge como uma nova liderança africana. O movimento anti-racista comandado por Nelson Mandela recebeu atenção internacional e a África do Sul voltou a se inserir política e economicamente na África, com capacidade de liderança, conhecimento do continente e uma rede de transportes e energia que a conectam diretamente com a metade sul do continente.

Cynthia J. Arnson em “*Rethinking the Economics of War*” analisa que o fim da guerra fria e do embate entre superpotências no princípio da década de 1990 trouxe novas formas de guerras, tão violentas quanto suas antecessoras. A África subsaariana tornou-se um pólo permanente de violência. A natureza destes conflitos caracteriza-se pelo fim da divisão entre o crime organizado e a guerra propriamente dita. São conflitos específicos, locais, que no entanto utilizam uma rede transnacional para se sustentarem e nos quais os mais atingidos são civis. A natureza desta guerra abre espaço para corrupção, repressão política e formação de

²⁹⁸ CEPALUNI, C., MENDONÇA, F. *As razões da guerra civil: necessidade, crença e ganância*. Rev. Sociol. Polit. no.27 Curitiba Nov. 2006. Disponibilidade e acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-44782006000200015&script=sci_arttext out, 2011.

²⁹⁹ ARNSON, Cynthia J. & ZARTMAN, I. William (editores.). 2005. *Rethinking the Economics of War: The Intersection of Need, Creed, and Greed*. Baltimore : The Johns Hopkins University. P.2

³⁰⁰ VIZENTINI, P. *A África nas Relações Internacionais*. Artigo eletrônico.

um mercado negro internacional, pelo qual é possível fornecer recursos ilícitos, enriquecer e se financiar através deles.³⁰¹

Na mesma obra, Phillipe Le Billon aponta para uma conexão, assim como em Serra Leoa, entre os recursos e a guerra de Angola, caracterizada pela degeneração do sistema político, enfraquecimento do Estado, violência estatal acirrada e sectarismo. A interferência de atores externos após a guerra de independência de Angola, em 1975, transformou uma luta anticolonialista em uma longa batalha. Todavia, com o término da guerra fria e o corte ao apoio aos grupos angolanos no início da década de 1990, a posse de recursos (petróleo pelos governistas da MPLA e diamantes pela UNITA) tornou-se essencial para a sobrevivência dos partidos e teve grande impacto no curso do conflito, prolongando a guerra ao fornecer capital para a manutenção da luta e desestimulando um acordo de paz. Tanto em Serra Leoa quanto em Angola, a receita dos recursos naturais somada a fatores crônicos impediu o desenvolvimento apropriado das instituições políticas, favorecendo a corrupção e permitindo que as elites tomassem o poder a força.³⁰²

As disputas pelo petróleo e outros recursos naturais ocorre também nas fronteiras continentais e marítimas interafricanas. Algumas delas são entre São Tomé e Príncipe e Nigéria; Camarões e Nigéria; e Guiné Equatorial e Gabão.

A explosão de guerras civis que ocorreu a partir das independências africanas nas décadas de 1950 e 1960 expôs a fragilidade dos sistemas políticos que permaneceram na região após o colonialismo e chamou atenção para as características comuns a estes países, como ausência de instituições estatais sólidas, corrupção, pobreza, má distribuição de renda, falta de assistência pública e governos ditatoriais.

O custo econômico dos conflitos armados que eclodiram entre 1990 e 2005 foi de aproximadamente US\$ 300 bilhões.³⁰³

³⁰¹ ARNSON, Cynthia J. & ZARTMAN, I. William (eds.). 2005. *Rethinking the Economics of War : The Intersection of Need, Creed, and Greed*. Baltimore : The Johns Hopkins University. P.2

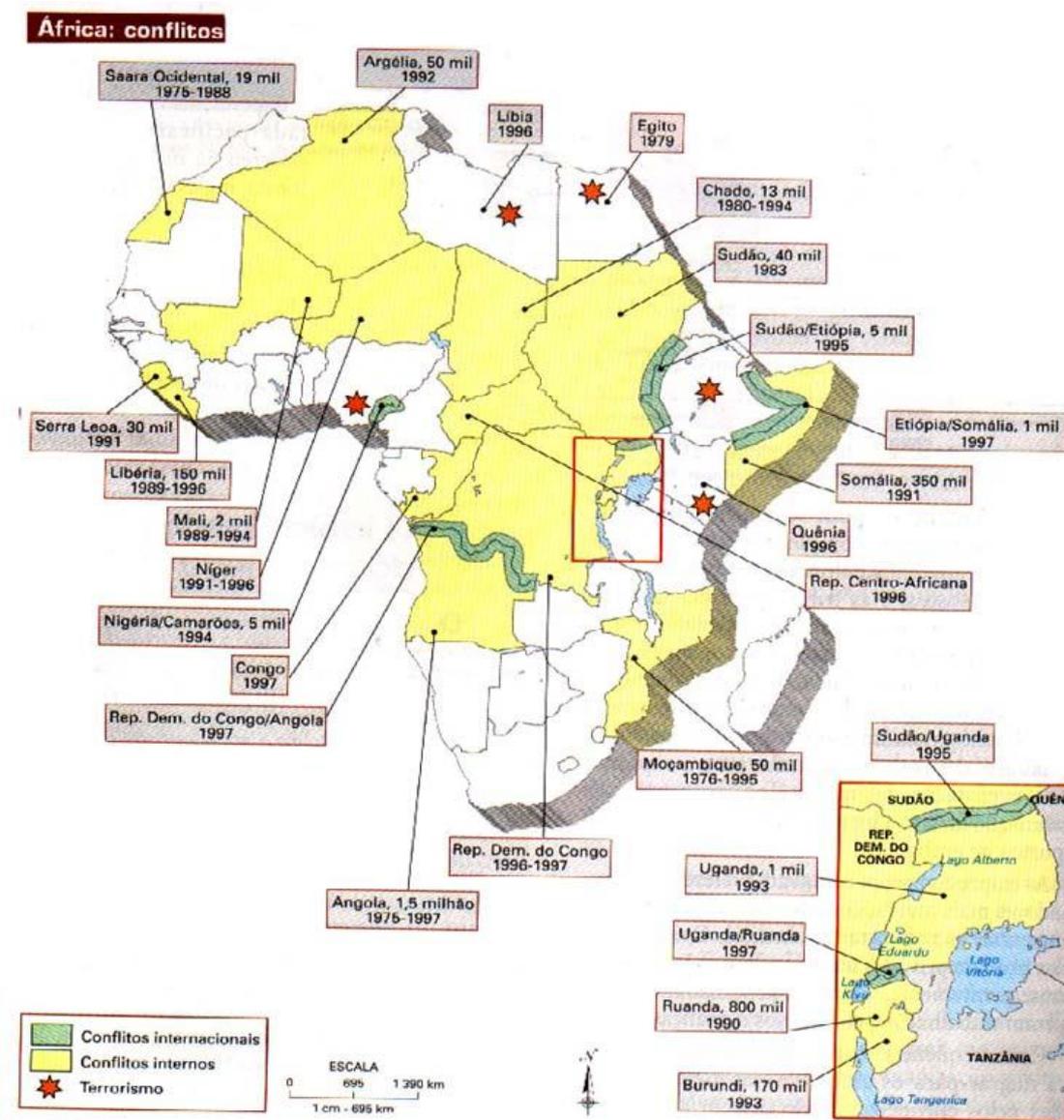
³⁰² ARNSON, Cynthia J. & ZARTMAN, I. William (eds.). 2005. *Rethinking the Economics of War : The Intersection of Need, Creed, and Greed*. Baltimore : The Johns Hopkins University.

³⁰³ Guerras na África consumiram R\$600 bi em 15 anos. G1. Disponibilidade e Acesso em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL148334-5602,00.html>

As guerras africanas são um produto da exploração colonial e suas consequências políticas, resultado de uma série de características discutidas previamente neste trabalho, e que atualmente retém na riqueza dos recursos naturais uma fonte de financiamento e motivação. Contudo, são modificadas em extensão e formato pelos interesses das grandes potências.

Os recursos naturais parecem ter estado no epicentro dos conflitos, seja pela sua abundância ou escassez. No primeiro caso, a existência de reservas de recursos estratégicos em solo subsaariano tem motivado guerras civis e movimentos separatistas, provocando a formação de milícias que buscam o controle das fontes para se financiar e enriquecimento/poder, através da venda do material no mercado negro, conforme destaca Le Billon. Nesta relação, aparece uma externalidade fundamental, capaz de definir a extensão e o formato dos conflitos que se apresentam, qual seja, a atuação das grandes potências e seus interesses nacionais.

FIGURA 27- Conflitos e número de mortes na década de 1990 ³⁰⁴



³⁰⁴ O Estado de São Paulo, 15, Outubro, 1997.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explosão de guerras civis e conflitos internos no continente negro marcou a segunda metade do século XX e início do século XXI. A natureza dos conflitos é complexa e diversificada e contém raízes históricas baseadas na exploração colonial.

A partir da década de 1990, a maior parte dos conflitos da África subsaariana esteve relacionada aos recursos naturais encontrados na região. No seu fundamento estiveram os interesses geopolíticos das grandes potências e o papel da região na economia internacional. Tal hipótese encontra embasamento em três autores distintos discutidos previamente no primeiro capítulo.

Através da contribuição de Paul Collier e Anke Hoeffler, percebemos que a relação entre conflitos e recursos naturais está na ampla dependência econômica das exportações de commodities primárias, a qual torna os países suscetíveis a conflitos civis. Destacam a ganância de grupos rebeldes, frequentemente marginalizados politicamente, pelo controle das fontes.³⁰⁵ Sua teoria é consistente com a hipótese deste trabalho, uma vez que os dois fatores foram resultado do processo de colonização, que, orientado para o modelo capitalista europeu, dissolveu o modo de produção pré-colonial baseado no uso das terras coletivas e no artesanato urbano e inseriu a África subsaariana na economia internacional como monocultora e agroexportadora. Como consequência, os países subsaarianos tornaram-se dependentes de suas exportações de commodities primárias, obtiveram um baixo desempenho no seu desenvolvimento econômico e na formação de instituições burocráticas sólidas, contribuindo para a instabilidade política na região. Agravada pela formação de fronteiras artificiais, as quais foram moldadas a partir do Congresso de Berlim em 1884/5, esses fatores conduziram parcelas da população ao descontentamento e ressentimento, inflamando os conflitos locais.

Phillippe Le Billon acrescenta que diversos grupos armados durante a década de 1990 fizeram uso das receitas derivadas dos recursos naturais para substituir o patrocínio dissipado com o fim da Guerra Fria. De acordo com Le Billon, comumente, as milícias detentoras do controle ilegal de minas e estradas trabalham com atores externos e os recursos naturais têm o duplo papel de financiadores e motivadores dos confrontos armados. Também consistente

³⁰⁵ BILLON, P. Le. *The Political Ecology of War: Natural Resources and Armed Conflicts*

com este trabalho, a tese acima destaca a lacuna deixada pelo fim do embate entre Estados Unidos e União Soviética, num estágio em que as economias domésticas eram norteadas pela disputa entre eles. Ambas participaram dos conflitos ocorridos durante este período fornecendo treinamento militar, apoio logístico e político.³⁰⁶

A partir da década de 1990, tornou-se mais evidente o acirramento das grandes potências pelo controle e acesso aos recursos naturais na África subsaariana, impulsionado pelo crescimento da economia internacional. As crescentes economias chinesas e indianas modificaram as condições do mercado enquanto sua demanda por energia se transformou em uma ameaça competitiva ao domínio do mercado exercido pelos Estados Unidos. O pacote de investimentos, ajuda internacional e treinamento militar oferecido principalmente pela China em troca do acesso aos recursos naturais desestabilizou as relações norte-americanas com aqueles países considerados estratégicos por eles, como Angola e Nigéria.³⁰⁷

Não obstante, tanto a China quanto os Estados Unidos compartilham a necessidade de angariar minerais energéticos externos, apesar da extensa base doméstica de recursos naturais apresentada por ambos.

No tabuleiro de poder, a liderança norte-americana aparece inquestionável, apesar do surgimento de um novo poder desafiador, centrado na figura chinesa. A manutenção do “status quo” norte-americano implica em limitar a expansão chinesa e outras atitudes que ameacem sua posição hegemônica. Com base nesta argumentação, as alianças estadunidenses com Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Vietnã, Tailândia, Índia e outros países asiáticos foram analisados por muitos na China como uma manobra para conter o gigante asiático.³⁰⁸

O embate entre China e Estados Unidos pelo acesso aos recursos naturais da África pôde ser percebido através de suas agendas. A China lançou a estratégia *zou chuqu* (“go out”), em 2001, na qual instruiu empresas estatizadas a buscar acesso de longo prazo aos

³⁰⁶ BILLON, P. Le. *The Political Ecology of War: Natural Resources and Armed Conflicts*. 2001.

³⁰⁷ BUTTS, K.e BANKUS, B. China’s Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf p.10. mar. 2011.

³⁰⁸ IDEM, p.10

recursos naturais.³⁰⁹ As companhias de construção chinesas focadas no continente africano receberam incentivos como créditos de exportação, empréstimos bancários garantidos pelo governo e políticas de ajuda financeira, implementadas pelos bancos estatais.³¹⁰

Indicativos econômicos como volume comercial e investimentos também apontam para um maior interesse na região. Coerentemente, os países mais beneficiados da região subsaariana foram aqueles dotados de abundantes recursos naturais e posições estratégicas.³¹¹

No que tange os investimentos norte-americanos, o volume comercial entre a África e os Estados Unidos aumentou vertiginosamente entre 1997 e 2010, um indicativo das necessidades e interesses e norte-americanos.³¹²

A disputa pelo petróleo na África tem origem nas preocupações internacionais com a instabilidade dos países de maiores reservas mundiais, localizados no Oriente Médio. A China depende destas reservas em 90%,³¹³ o que torna o petróleo africano, apesar de representar apenas 9% das reservas mundiais (2008),³¹⁴ substancialmente estratégico.

Devido às enormes porções da economia que os setores de mineração representam nos países citados, as grandes corporações exercem um papel central no processo de decisão das políticas locais. Através delas e de sua força econômica, as grandes potências do Sistema Internacional intervêm a favor de seus objetivos e interesses nacionais, e a política local torna-se um parceiro dos interesses internacionais.

A nova configuração energética trouxe sérias implicações e preocupações para os Estados Unidos, os quais lançaram três programas relacionados à expansão militar na África; a *African Crisis Response Initiative* (Acri⁴), a qual se tornou em, 2002, *Africa Contingency*

³⁰⁹ BUTTS, K.e BANKUS, B. *China's Pursuit of Africa Natural Resources*. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf p.2. mar. 2011.

³¹⁰ *China Petróleo- consumo*. Indexmundi. Disponibilidade e acesso em: http://www.indexmundi.com/pt/china/petroleo_consumo.html Mar. 2012

³¹¹ BUTTS, K.e BANKUS, B. Op. Cit. p.5.

³¹² Adaptação própria dos dados retirados de: *Foreign Trade*, United States Census Bureau. Disponibilidade e acesso em: <http://www.census.gov/foreign-trade/balance/c0013.html> out, 2011.

³¹³ BUTTS, K.e BANKUS, B.. Op. Cit. p. 10.

³¹⁴ Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponibilidade e Acesso em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3969 pg 39 Out. 2011.

Operations Training Assistance (Acota), o Centro Africano para Estudos Estratégicos do Pentágono, *Pentagon's African Command* (AFRICOM) e o *International Military Education and Training Program* (Imet). Através dos mesmos, os EUA buscam proteger o acesso ao petróleo e outras fontes estratégicas e responder ao envolvimento político da China na África.³¹⁵

Outro indicativo, o programa norte- americano destinado a desenvolver capacidades militares básicas, fortalecer a formação em combates e organização do quartel militar e adaptar as forças armadas locais às normas norte-americanas³¹⁶, a *African Growth and Opportunity Act* (AGOA), permitiu garantir a importação de produtos energéticos provenientes da região.³¹⁷

Quanto à China, sua presença militar na região subsaariana ocorreu em três segmentos: venda de armas- a terceira maior fornecedora para o continente, treinamento, como em Angola, Sudão, Zimbábue e a República do Congo, e capacitação através das operações de paz. Dentre os maiores acordos militares na África subsaariana, o Sudão, onde a China possui 64% da produção de petróleo, ou 6% de suas importações, é o país que mais recebe assistência militar. É também o principal destino de investimento direto chinês na África subsaariana, seguido por Zâmbia.³¹⁸

Neste tabuleiro de poder, a África subsaariana é considerada pelas antigas metrópoles europeias como suas zonas de influência, e igualmente a consideram parte de suas estratégias nacionais de segurança energética e mineral. A França é um dos atores europeus mais presentes, através do *Soft Power*, reforçado pela África francófônica, e pelas intervenções militares- extensas zonas de acordos militares francesas- do *Hard Power*.

³¹⁵ *AFRICOM and the Geopolitics of African Oil*. Association of Concerned Africa Scholars: Analysis and Action on Policies Impacting Africa. Junho, 2009. Disponibilidade e acesso em: <http://concernedafricascholars.org/africom-and-the-geopolitics-of-african-oil/> Fev. 2012.

³¹⁶ ABRAMOVICI, P. <http://mondediplo.com/2004/07/07usinafrica>. July, 2004. Acesso em 01.08.2011

³¹⁷ LANGTON, D. “ U.S. Trade and Investment Relationship with Sub-Saharan Africa: The African Growth and Opportunity Act and Beyond”. 2008. Congressional Research Service. Disponibilidade e acesso em: <http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL31772.pdf> Ago.2011

³¹⁸ *Asian foreign direct investment in Africa: United Nations report points to a new era of cooperation among developing countries*. Mar, 2007. Press Release. United Nations Conference on Trade and Development. Disponibilidade e acesso em: <http://www.unctad.org/templates/webflyer.asp?docid=8172&intItemID=1528&lang=1> Abr. 2011

A presença militar americana e francesa no Golfo da Guiné visa assegurar uma das principais rotas de escoamento dos recursos minerais para os Estados Unidos e Europa, uma vez que a região composta pela Nigéria, Guiné Equatorial, Camarões, Gabão e Angola, é largamente rica em petróleo.

Em suma, os efeitos da colonização e inserção do continente na economia mundial delinearão as características centrais das economias africanas, dentre as quais baixo desenvolvimento industrial, baixa produtividade agrícola, elevadas taxas de pobreza e dependência das exportações de commodities. Estas características somadas à abundância dos recursos e sua importância geopolítica no cenário internacional conduziram os países subsaarianos a conflitos e guerras civis.

Os treinamentos militares, as vendas de armas, os investimentos e as trocas comerciais negociadas com governos e milícias e motivadas pelo acesso aos recursos naturais alteraram a duração e o formato das guerras recentes, financiando-as e estendendo sua duração. Comércio, investimentos e empréstimos permitiram que governos se fortalecessem e criassem mecanismos que perpetuassem a entrada de capital, criando um ambiente propício à corrupção.

Parte dos conflitos políticos comuns à região na última década deve-se fundamentalmente às consequências da inserção do continente na economia internacional guiada pelos interesses das grandes potências e a corrida imperialista pelo controle e domínio dos recursos naturais, através de interferências militares, políticas e econômicas. O rápido crescimento da economia mundial alavancado pela China, especialmente a partir da década de 2000, provocou um acirramento das competições interestatais pelo fornecimento de recursos naturais e posicionou novamente a África como foco de interesse dos atores internacionais.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICI, P. *United States: the New Scramble for Africa*. 2004. Disponibilidade e acesso em: <http://mondediplo.com/2004/07/07usinafrica> Mar. 2011

ADAM, C. S.; O'CONNELL, S. A. *Aid, taxation and development: analytical perspectives on aid effectiveness in Sub-Saharan Africa*. World Bank Working Papers, Working Paper No. 1885, October 1997.

African Economic Outlook. *External Financial Flows- Growth of Aid to Africa*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/outlook/external-financial-flows/growth-of-aid-to-africa/> jan.2012

African Economic Outlook. *External Financial Flows- Portfolio Investment*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/outlook/external-financial-flows/portfolio-investment/> Jan.2012

African Economic Outlook. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/countries> Jan.2012

African Economic Outlook. *Nigeria*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/countries/west-africa/nigeria/> Jan.2012

African Economic Outlook. *External Financial Flows- Direct Investment Flows*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/outlook/external-financial-flows/direct-investment-flows/> Jan.2012

African Economic Outlook. *Traditional Partners Remain Key and Keep Growing*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/en/in-depth/africa-and-its-emerging-partners-2011/africa-pushes-aside-post-colonialism/traditional-partners-remain-key-and-keep-growing/> Maio.2012

Africa Intelligence. Disponibilidade e acesso em: <http://www.africaintelligence.com/> Mar. 2012.

Africa's Non-renewable Natural Resources. In: Africa Development Bank Report. 2007. Disponibilidade e acesso em: [http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/%28D%29%20African Bank%202007%20Ch3.pdf](http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/%28D%29%20African%20Bank%202007%20Ch3.pdf) pg.58 Jan. 2012

Africa's Pulse. Abril, 2012. Vol. 5. Banco Mundial. Disponibilidade e acesso em: http://siteresources.worldbank.org/INTAFRICA/Resources/Africas-Pulse-brochure_Vol5.pdf Abril, 2012.

AFRICOM and the Geopolitics of African Oil. Association of Concerned Africa Scholars: Analysis and Action on Policies Impacting Africa. Junho, 2009. <http://concernedafricascholars.org/africom-and-the-geopolitics-of-african-oil/> Fev. 2012.

AKPAN, M.B., *Black Imperialism: Americo-Liberian Rule over the African Peoples of Liberia, 1841-1964*, Canadian Journal of African Studies 7.2. 1973. 218p.

ALAO, A. *Natural resources and Conflict in Africa: the Tragedy of Endowment*. University of Rochester Press. 2007.

ALESINA, A.; WEDER, B. *Do corrupt governments receive less foreign aid?* NBER (National Bureau of Economic Research), Working Paper No. 7108, May 1999.

ALESSI, C. *Expanding China- Africa Oil Ties*. Fev, 2012. Council on Foreign Relations. Disponibilidade e acesso em: <http://www.cfr.org/china/expanding-china-africa-oil-ties/p9557> Fev. 2012.

AMIN, S. *Le Développement Inégal: Essai sur les Formations Sociales du Capitalisme Périphérique*. Les Éditions de Minuit. Paris. 1973.

------. *O Capitalismo e a renda fundiária*. In: A Questão agrária e o capitalismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 179p.

------. *The Law of Value and Historical Materialism*. New York: Monthly Review Press 1977.

AMOSU, A. *China in Africa*. 2007. Foreign Policy in Focus, Think Tank. Disponibilidade e acesso em:

http://www.fpif.org/reports/china_in_africa_its_still_the_governance_stupid_jan.2012

ANDERSSON, H. *China is fuelling war in Darfur*. BBC News, Darfur. Jul, 2008. Disponibilidade e acesso em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7503428.stm> nov.2011

Angola Celebra Dez anos de Paz após Guerra Civil. Revista Exame. Abr.2012. Disponibilidade e acesso em: <http://exame.abril.com.br/economia/politica/noticias/angola-celebra-10-anos-de-paz-apos-guerra-civil> abr.2012

ANSONS, A. Maysee, S. *Natural Resources and Local Livelihoods in the Great Lakes Region in África: a Political Economy Perspective*. Palgrave Macmillan, 2011.

ARNSON, Cynthia J. & ZARTMAN, I. William (eds.). 2005. *Rethinking the Economics of War: The Intersection of Need, Creed, and Greed*. Baltimore : The Johns Hopkins University.

Asian foreign direct investment in Africa: United Nations report points to a new era of cooperation among developing countries. Mar, 2007. Press Release. United Nations Conference on Trade and Development. Disponibilidade e acesso em: <http://www.unctad.org/templates/webflyer.asp?docid=8172&intItemID=1528&lang=1> Abr. 2011

ASKOURI, A. *China's Investment in Sudan*. In: Africa Perspectives on China in Africa. 2007. Org: MANJI, F. MARKS, S. ed. Fahamu, Oxford. Inglaterra.178p

ASKOURI, A. *China Investment destroying African Communities: the case of the Merowe dam Sudan*. 2007. Woodrow Wilson International Center for Scholars. Disponibilidade e acesso em: http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/askouri_presentation.pdf Maio. 2012

AUSTEN, R. *African Economic History: Internal Development and External Dependency*. Portsmouth, NH: Heinemann, 1987

BALA-GBOGBO, E. *Exxon Mobil Says It Will 'Vigorously' Protect Nigeria Oil Producing Leases*. 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://www.bloomberg.com/news/2011-05-16/exxon-mobil-says-it-will-vigorously-protect-nigeria-oil-leases.html> Mar. 2012

BARAN, P. *The Political Economy of Growth*. Monthly Review Press, New York. 1957

BARKAN, J. GBOYEGA, A. STEVENS, M. *State and Local Governance in Nigeria*. 2001. World Bank. Disponibilidade e acesso em: http://info.worldbank.org/etools/docs/library/5783/State_and_Governance_Nigeria.htm Mar.2012

BARI, M. L. *Reflexões Acerca do Desenvolvimento na África Subsaariana: ideias e debates*. Palestra Salvador, 2006. Fundação Visconde de Cairu, Centro de Pós- Graduação e Pesquisa. Disponibilidade e Acesso no Site da ASSOCIAÇÃO GBCONTRIBUTO-CIDADANIA - Organização voltada para a promoção da Cidadania, dos Direitos Humanos e do Desenvolvimento Social na Guiné-Bissau. Disponibilidade e Acesso em: http://www.didinho.org/AFRICAEDSENVOLVIMENTO.htm#_ftn2 Mar. 2011

BAY, A. *China, a Major Player in Sudan's Conflict*. Sun Journal. Fev, 2012. Disponibilidade e acesos em: <http://www.sunjournal.com/news/columns-analysis/2012/02/03/austin-bay-china-major-player-sudan-conflict/1149387> fev.2012

BEHAR, R. *China Storms Africa*. 2008. Award Winning Article, Fast Company. Disponibilidade e acesso em: <http://www.fastcompany.com/magazine/126/special-report-china-in-africa.html>

BEHAR, R. *China Storms Africa*. 2008. Award Winning Article, Fast Company. Disponibilidade e acesso em: <http://images.fastcompany.com/magazine/126/the-race-for-raw-materials.gif> jan.2012.

BERG, E. “*Increasing the effectiveness of aid: a critique of some current views*”. Paper prepared for Expert Group Meeting, Department of Economic and Social Affairs, United Nations, January 24-25, 2002.

BIANG, T. *The joint development zone between Nigeria and São Tomé and Príncipe: a case of interim arrangement in the gulf of Guinea*. 2009/2010. Disponibilidade e acesso em: http://www.un.org/depts/los/nippon/unff_programme_home/fellows_pages/fellows_papers/tanga_0910_cameroon_PPT.pdf dez.2011

BILLON, P. Le. *Fuelling War: Natural Resources and Armed Conflicts* (Adelphi Series). Routledge, 2006.

BILLON, P. Le. *The Political Ecology of War: Natural Resources and Armed Conflicts*. School of Geography. Oxford. 2001. 23p. Disponibilidade e Acesso em: www.politicalgeography.com

BIRDSALL, N.; CLAESSENS, S.; DIWAN, I. *Policy Selectivity Forgone: Debt and Donor behavior in Africa*. The World Bank Economic Review, Vol. 17, No. 3, p. 409-435, 2003.

BIRDSALL, N.; RODRIK, D.; SUBRAMANIAN, A. *How to help poor countries*. Foreign Affairs, Vol. 84, No. 4, p. 136-152, 2005.

BLENFORD, Adam. *China in África: Developing Ties*. 26.11.2007. BBC. Disponibilidade e Acesso em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7086777.stm>

BLOCH, R. E OWUSU, G.. Center for Social Science Research, University of Cape Town. 2011. *Linkages in Ghana's Gold Mining Industry: Challenging the Enclave Thesis*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.cssr.uct.ac.za/publications/incidental-paper/2011/749> fev.2012

BP STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY. Junho, 2011. Disponibilidade e acesso em:

http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf Jan.2012

BP STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY. Junho, 2010. Disponibilidade em:

http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2008/STAGING/local_assets/2010_downloads/statistical_review_of_world_energy_full_report_2010.pdf

BRAUDEL, Fernand. Artigo sobre a África das independências na década de 1950 e perspectivas para 2050. <http://fbc.binghamton.edu/208pr.htm>

------. *Gramática das civilizações*. Martins Editora, 2004. 406p.

BROWN, D. International Business Times. *Gold Mining in Ghana*. Dez.2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ibtimes.com/articles/87608/20101201/gold-mining-in-ghana.htm> out.2011

BUSINESS COMPANY. Cape Town, South Africa. Disponibilidade e acesso em: <http://www.mbendi.com/indy/ming/gold/af/p0005.htm> fev.2012

BUTTS, K. e BANKUS, B. China's Pursuit of Africa Natural Resources. June, 2009, vol 1-09. Collins Center Study: Center for Strategic Leadership, US Army War College. Disponibilidade e acesso em: http://www.csl.army.mil/usacsl/publications/CCS1_09_ChinasPursuitofAfricasNaturalResources.pdf mar. 2011.

CALAMITSIS, E. A. *Adjustment and Growth in Sub-Saharan Africa*. In: Finance and Development, p. 6-9, march 1999. Disponibilidade e acesso: www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/1999/03/pdf/calamits.pdf 6.abr.2006.

CALDWELL, Z. T. *Is aid working for the poor?* In: Global Policy Forum. Disponibilidade e acesso:

<http://www.globalpolicy.org/socecon/develop/oda/2005/0919aidpoor.htm> 24.mar.2006.

CALESTOUS J. *Growing the economy*, in *The New Harvests*. Oxford University Press. Transforming Africa's Role in the Global Food Security System. Address by H.E. Mr. Kofi A. Annan, Chair of the Alliance for a Green revolution in Africa, London 30 March 2011.

CAMPBELL, G. *Blood Diamonds: Tracing and Deadly Path of the World's Most Precious Stones*. Westview Press, 2002.

CAMPOS, I., VINES, A. *Angola and China: A Pragmatic Partnership*. Center for Strategic & International Studies. Working Paper Presented at a CSIS Conference, "Prospects for Improving U.S.-China-Africa Cooperation," December 5, 2007. Chatham House. London. Disponibilidade e acesso em:

http://csis.org/files/media/csis/pubs/080306_angolachina.pdf dez.2011

CASTRO, T. *África: Geopolítica e Relações Internacionais*. Rio de Janeiro. Ed. Biblioteca do Exército, 1981.

CEPALUNI, C., MENDONÇA, F. *As razões da guerra civil: necessidade, crença e ganância*. Rev. Sociol. Polit. no.27 Curitiba Nov. 2006. Disponibilidade e acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-44782006000200015&script=sci_arttext out, 2011.

CHABAL, P. *The Quest for Good Government and Development in Africa: Is NEPAD the answer?* International Affairs, *Royal Institute of International Affairs*. Volume 78, pages 447–462, July 2002. Editora: Blackwell Publishing.

Disponibilidade e acesso em:

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3095884?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=47698881621927>

CHACHAGE, C. *Towards a Critique of Development Theory in Africa-*. Dar es Salaam. UTAFITI, vol 9, número 1. 1987

CHADE, Jamil. *China “invade” a África atrás de matérias primas*. Estadão. 13.02.2011. http://economia.estadao.com.br/noticias/Economia+,china-invade-a-africa-atras-de-materias-primas,not_54816.htm

China in Africa: Developing Ties. Nov, 2007. BBC News. Disponibilidade e acesso em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7086777.stm#map> nov.2011

China Petróleo- consumo. Indexmundi. Disponibilidade e acesso em: http://www.indexmundi.com/pt/china/petroleo_consumo.html

China overtakes India as the largest gold consumer. Fev.2012. The Times of India. Disponibilidade e acesso em: <http://timesofindia.indiatimes.com/business/india-business/China-overtakes-India-as-largest-gold-consumer/articleshow/11919582.cms>
[fev.2012](#)

China and Sudan: a deadly partnership. Save Darfur. Disponibilidade e acesso em: http://www.savedarfur.org/pages/china_and_sudan jan.2012

China, Zambia and the racist undertones of Western journalists. African Politics. Set, 2011. Disponibilidade e acesos em: <http://www.african-politics.com/> nov.2011

Chinese Mining Operation in Katanga: Democratic Republic of Congo. Rights and Accountability in development. Setembro, 2010. Disponibilidade e acesso em: <http://raid-uk.org/docs/ChinaAfrica/DRCCHINA%20report.pdf> P.27 Maio. 2012

CLOUGH, L. Energy Profile of China. http://www.eoearth.org/article/Energy_profile_of_China

COLLIER, P. 1999, *On the economic consequences of civil war*, *Oxford Economic Papers*, vol. 51, Janeiro, pp. 168-183.

COLLIER, P. e HOFFLER, A. *Greed and grievance in civil wars*. 2004. *Oxford Economic Papers*, vol. 54, Outubro, pp. 563- -595.

COLLIER, P. BANNON, I. *Natural Resources and Violent Conflict: Options and Actions*. World Bank, 2003.

COMITÊ DE AJUDA AO DESENVOLVIMENTO. Disponibilidade e acesso: <http://www.oecd.org/cad> 15.fev.2006.

Commodity Online. *Gold Production: South Africa slips to third rank*. 2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.commodityonline.com/news/gold-production-south-africa-slips-to-third-rank-24755-3-24756.html> Nov. 2011

Consulado chinês no Rio de Janeiro. Documento sobre Políticas da China para a África. <http://riodejaneiro.china-consulate.org/pot/xxdt/t230977.htm>

COPNALL, J. *Can Sudan's Oil feed north and south?* Julho, 2011. BBC News. Disponibilidade e acesso em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-12128080> jan.2012

COWALOOSUR, H. *Exporting Zones to Africa: The New Strategy of Asian Powers*. University of St Andrews. Disponibilidade e acesso em: <http://www.nai.uu.se/ecas-4/panels/1-20/panel-2/Honita-Cowaloosur-Full-paper.pdf> fev.2012

Democratic Republic of Congo. Mining Journal Special Publication. Março, 2010. Disponibilidade e acesso em: http://www.mining-journal.com/_data/assets/supplement_file_attachment/0004/209074/DRC_2010scr.pdf P.4 Maio. 2012

Departamento Nacional de Produção Mineral- Lia Fernandes. *Petróleo e Gás Natural*. 2009. Disponibilidade e Acesso em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3969 Set. 2011

Departamento Nacional de Produção Mineral- Mariano de Oliveira. *Ouro*. 2009. Disponibilidade e Acesso em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3988 Set. 2011

DEVELOPMENT ASSISTANCE COMMITTEE. Development Cooperation. Paris. Organization for Economic Cooperation and Development, 1997.

DAVID, M. *The Love of Liberty Brought Us Here (An Analysis of the Development of the Settler State in 19th Century Liberia)*. 1984. Review of African Political Economy. No 31. 57-70 p.

Develop Aid at a Glance: Statistics by region- Africa. 2012. Organization for Economic Cooperation and Development Disponibilidade e acesso em: <http://www.oecd.org/dataoecd/40/27/42139250.pdf> Maio. 2012

DZAWU, M. *Ghana's Gold Production Increased by 2.9% in Nine-Months Through September*. Bloomberg. Jan.2011. Disponibilidade e acesso em: <http://www.bloomberg.com/news/2011-01-18/ghana-s-gold-output-rises-2-9-to-2-24-million-ounces-update1-.html> nov.2011

EASRTERLY, W. “*Can Foreign Aid Buy Growth?*” *Journal of Economic Perspectives*, Vol.17, No. 3, p. 23-48, Summer 2003.

------. *Can the west save the rest?* Central for Global Development, Washington, transcript prepared from a tape recording, march 2006.

------. “The Lost Decades: Developing countries’ stagnation in spite of policy reform 1980-1998”. World Bank, Washington, february 2001.

-----; DOLLAR, D. *The search for the key: Aid, Investments and Policies in Africa*. Development Research Group, World Bank, 1999.

-----; LEVINE, R.; ROODMAN, D. *New data, New doubts: Revisiting Aid, Policies and Growth*. Central for Global Development, Working Paper no. 26, 2003.

EBERHARD, A. *The Future of South Africa Coal: Market, Investment, and Policy Challenges*. Program of Energy and Sustainable Development. Working Paper #100, Jan, 2011. Stanford University. Disponibilidade e acesso em: http://iis-db.stanford.edu/pubs/23082/WP_100_Eberhard_Future_of_South_African_Coal.pdf jan.2012

EHRENFELD, D. "Foreign aid effectiveness, Political Rights and Bilateral Distribution." In: *The Journal of Humanitarian Assistance*. Disponibilidade e acesso: <http://www.jha.ac/articles/a128.htm> 15.mar.2006.

EIU (Economist Intelligence Unit), 2004, *Angola: Country Report*, Junho.

ENGLEBERT, P., JAMES R. 2004. *Primary commodities and war: Congo-Brazzaville's ambivalent resource curse*. *Comparative Politics* 37 (1): 61-81.

ESCOBAR, P. *The African Star Wars. It is the Pentagon's Africom versus China's web of investments- the ultimate prize: Africa's natural resources*. In: Aljazeera.net. Abr, 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://english.aljazeera.net/indepth/opinion/2011/04/2011422131911465794.html> Abril.2011

O Estado de São Paulo. 15, Outubro, 1997.

FAJARNES, P.; MAYER, J. *Tripling Africa's Primary Exports: What? How? Where?* No. 180. Outubro 2005. United Nations Conference on Trade and development. Disponibilidade e acesso em: http://www.unctad.org/en/Docs/osgdp20054_en.pdf Abr.2012

FEARON, J. *Primary commodities exports and civil war*. 2005. *Journal of Conflict Resolution* 49 (4): 483-507.

-----, DAVID, L. *Ethnicity, insurgency, and civil war*. 2003. *American Political Science Review* 97 (1): 75-91.

FERREIRA, E, 2003, *Angola: Conflict and Development, 1961-2002*, The Ecaar Review, vol. 1, n.º 1, pp. 57-70.

_____, *A Indústria em Tempo de Guerra: Angola (1975-1991)*, 1999, Cosmos e Instituto da Defesa Nacional, Lisboa.

FERREIRA, M. *Realeconomie e Realpolitik nos recursos Naturais em Angola*. Petróleo e Poder.

_____, *The Economics of Conflict Resolution in a Two-Sided Grievance and Quasi-Greed Model of Civil War: The Case of Angola*, 2001, Paper presented at the Fifth Annual Middlesex Conference on Economics and Security, Middlesex University Business School (UK).

FIORI, J. *Estratégia Imperial dos EUA segue em expansão*. Folha de SP, 01.12.2007

-----, *Guerra na África é a nova corrida imperialista*, Folha de São Paulo. 04.04.11

-----, “Provavelmente Deus não é Brasileiro”. 2008. *Le Diplomatique*. Disponibilidade e Acesso: <http://diplo.dreamhosters.com/+-Geopolitica-da-Africa-+.html>

Folha Online. 2005. Disponibilidade e Acesso em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90202.shtml> Mar. 2011

Foreign Trade, United States Census Bureau. Disponibilidade e acesso em: <http://www.census.gov/foreign-trade/balance/c0013.html> out, 2011.

Frente Revolucionária Unida. *Footpaths to Democracy*. University of Saint Andrews. Disponibilidade e acessos em: <http://www.fas.org/irp/world/para/docs/footpaths.htm> fev.2012

FURTADO, M.A.

[http://www.mme.gov.br/sgm/galerias/arquivos/noticias/Palestra MME Economia Mineral da China Perspectivas.pdf](http://www.mme.gov.br/sgm/galerias/arquivos/noticias/Palestra_MME_Economia_Mineral_da_China_Perspectivas.pdf)

Guerras na África consumiram R\$ 600 bi em 15 anos. Out, 2007. Globo.com. Disponibilidade e acesso em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL148334-5602,00.html> Nov. 2011.

GhanaWeb. *Ghana attains middle income status.* Nov.2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/NewsArchive/artikel.php?ID=196857> nov.2011

GLEIJESES, P. *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959–1976.* Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002.

Global Economic Prospects June 2011: Regional Annex. 2011. World Bank. Disponibilidade e acesos em: <http://siteresources.worldbank.org/INTGEP/Resources/335315-1307471336123/7983902-1307479336019/AFR-Annex.pdf> Abr. 2012

Gold Info Mine: Gold Mining Intelligence and Technology. Disponibilidade e Acesso em: <http://gold.infomine.com/countries/> jan.2011

GRAND JUNIOR, J.; SILVA, V. R. A. *Análise evolutiva do IDH na África Subsaariana sob uma perspectiva geográfica.* Disponibilidade e acesso: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo5/e5%20078.htm> 20.abr.2006.

História da África. Instituto de Relações Internacionais, PUC- Rio. Disponibilidade e acesso em: <http://africanas.wordpress.com/> Maio. 2012

HODGES, T. 2002, *Angola from Afro-Stalinism to Petro-Diamond Capitalism*, Oxford, James Currey and Indiana University Press.

HUMPHREYS, M. *Economics and Violent Conflict.* 2002. Harvard, Harvard University

HUMPHEYS, M. SACHS, J. STIGLITZ, J. *Escaping the resource Curse*. Columbia University Press. New York, 2007.

HVEEM, H. *The Extent and Type of Direct Foreign Investment in Africa*. Disponibilidade e acesso em:

<http://folk.uio.no/stvhh1/artikler/Hveem%20%281974%29%20The%20Extent%20and%20Type%20of%20Direct%20Foreign%20Investment%20in%20Africa.pdf>

IMF, 1991, *Angola: Staff Report for the 1991 Article IV Consultation*, Washington, D.C.

The International Bank for Reconstruction and Development. *Africa's adjustment and growth in the 1980s*. Relatório n.º. 11192, 1989.

Investimento em carteira. Definição. In: Coordinated Portfolio Investment Survey: Notes and definitions. International Monetary Fund. Disponibilidade e acesso em: <http://cpis.imf.org/notes.aspx> Abr.2012

Is it ODA? Organization for Economic Co-operation and Development. Factsheet- November 2008. Disponibilidade e acesso em: <http://www.oecd.org/dataoecd/21/21/34086975.pdf> jan.2012

ISN. *Colliding Geopolitics and African Resources*. International Relations and Security Network. 7.dez.2011. Disponibilidade e Acesso em: <http://www.isn.ethz.ch/isn/Current-Affairs/Security-Watch-Archive/Detail/?lng=en&id=134743> 10.fev.2012

JENSEN, N., WANTCHEKON, L., 2004, *Resource Wealth and Political Regimes in Africa*, Comparative Political Studies, vol. 37, n.º 7, pp. 816-841.

KARL, T. *The Paradox if Plenty: Oil Booms and Petro-State*. University of California Press. 1997.

Katanga Mining Limited. News release, 08.02.2008. Disponibilidade e acesso em: http://www.katangamining.com/kat/investor_relations/newsreleases/pressrelease/?id=461072
5 Maio. 2012

KAUFMAN, M. New York Times. 2002. Disponibilidade e acesso em: <http://www.nytimes.com/2002/02/23/world/jonas-savimbi-67-rebel-of-charisma-and-tenacity.html?pagewanted=all&src=pm> jan.2012

KIBREAB, G. *State Intervention and Environment in Sudan 1889-1989: The Demise of Communal Resource Management*. Studies in African Economic and Social Development, v.18

KRUEGER, A. *Aid in the Development Process*. In: Research Observer 1, No. 1, p. 57-78, January 1986.

LAIDI, Z. *The Superpowers in Africa: Constraints of a Rivalry, 1960-1990*. Chicago 1990. The University of Chicago Press. 258p.

LANCASTER, C. *Aid to Africa: So much to do, so little done*. Chicago and London: The Century Foundation, The University of Chicago Press, 303p, 1999.

LANGTON, D. *U.S. Trade and Investment Relationship with Sub-Saharan Africa: The African Growth and Opportunity Act and Beyond*. 2008. Congressional Research Service. Disponibilidade e acesso em: <http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL31772.pdf>

LEGASSICK, M. *Perspectives on African Underdevelopment*, Journal of African History XVIII (3), pp.435-40, 1976.

LLOYD.L. 1997. Trade and Environment Database. American University. Disponibilidade e acesso em: <http://www1.american.edu/ted/ice/angola.htm> Out. 2011

LUGO, O, MOBBS, P, NEWMAN, H, TAIB, M, WALLACE, G, WILBURN, D, YAGER, T. *The Mineral Industries of Africa*. In: 2008 Mineral Yearbook- Africa. 2010. United States Geological Survey. Disponibilidade e acesso em:

<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2008/myb3-sum-2008-africa.pdf> Jan.2012

MALAGUIAS, A. Instituto de Estudos estratégicos e Internacionais. In. O Mundo em Português. No 37. 2002. Lisboa. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ieei.pt/publicacoes/artigo.php?artigo=642> fev.2012

Maps, Le Monde Diplomatique. 2000. Disponibilidade e acesso em: <http://mondediplo.com/maps/> Ago.2011

MAREN, M. *A complete waste of money that succeeds primarily at keeping westerners employed*. Em entrevista. In: *Might Magazine*, march/april 1997.

MARTIN, M. *Born into Bloodshed*. 2002. Foreign Affairs. <http://www.foreignaffairs.com/articles/57818/anderson-martin/sudans-perfect-war> 2002 jan.2012

MARZOCHI, S. F. *Estado, ONGs, organizações multilaterais: 'Imperialismo sistêmico-institucional'?* In: Doutrina. p. 129-143. Disponibilidade e acesso: <http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/2004-2%20129-143%20samira.pdf> 4.mar.2006.

MASON, Barry. *China avança nos investimentos e no comércio com a África*. World Socialist Website. 17.11.2006. <http://www.wsws.org/pt/2006/nov2006/port-n17.shtml>

Mining-Mali. Disponibilidade e acesso em: <http://www.mining-mali.com/african-gold-production-expected-to-double-by-2015/> jan.2012

MIR, L. *Guerra Civil: estado e trauma*. 2004. Geração Editorial. 965 p.

MOBBS, P. *The Mineral Industry of Zambia*. In: 2010 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2012. Disponibilidade e acesso em:

<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2010/myb3-2010-za.pdf> Abr. 2012

MOBBS, P. *The Mineral Industry of Zimbabwe*. In: 2010 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2012. Disponibilidade e acesso em:

<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2010/myb3-2010-zi.pdf> Maio. 2012

MOISÉS, B. *Conflitos Recentes, Estruturas Persistentes: notícias do Sudão*. Revista de Antropologia, vol.44, no 2, São Paulo. Disponibilidade e acesso em: 2001.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000200004
dez.2011

MONGA, C. in AKYEAMPONG, E.K. *Themes in West Africa's History*. Ed. Oxford. 2006.

MOORE, D. "Neoliberal Globalization and the triple crisis of "modernization" in África: Zimbabwe, the Democratic Republic of Congo and South Africa." In *Third World Quarterly*, Vol. 22, No 6, pp909-929, 2001.

MOREIRA, S. "Qualidade e quantidade da ajuda internacional". In: *Cadernos de Economia*. p. 53-56, janeiro/março 2004.

MUHWEZI-BONGE, G. "More needs to be done beyond giving developing countries aid." In: *Global Policy Forum*. Disponibilidade e acesso: <http://www.globalpolicy.org/soecon/develop/oda/2006/0121morethanaid.htm> 24.mar.2006.

MOYO, D. *Dead Aid: Why Aid is not Working and How There is a Better Way for Africa*. New York. 2009. 188p.

National Mining Association. *The History of Gold*. Disponibilidade e acesso em: http://www.nma.org/pdf/gold/gold_history.pdf Dez.2011

NEGRÃO, J. *Como induzir o desenvolvimento em África? O caso de Moçambique*. Em: http://www.iid.org.mz/Como_induzir_o_desenvolvimento_em_Africa.pdf

NEGRÃO, J. *A indispensável terra africana para o aumento da riqueza dos pobres*. Centro de estudos Sociais, Laboratório de Coimbra. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/179.pdf>

NEGRÃO, J. *O Contributo dos Cientistas Sociais Africanos*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, set.2004. Disponibilidade e acesso em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/jnegrao.pdf>

NONNENBERG, M. *China: estabilidade e crescimento econômico*. In: revista de Economia Política. Vol.30 no 2. São Paulo/ Junho 2010. Disponibilidade e acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000200002&script=sci_arttext
Abr.2012.

Oil Consumption. *World oil consumption grew by 2.7 million b/d or 3.1% to reach a record level of 87.4 million b/d*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.bp.com/sectiongenericarticle800.do?categoryId=9037170&contentId=7068610>
Nov.2012

Organization for Economic Co-operation and Development. *Development Aid at a Glance: Statistics by Region. 2. Africa*. Edição 2012. Disponibilidade e acesso em: <http://www.oecd.org/dataoecd/40/27/42139250.pdf>

OSAKWE, P. *Foreign Aid, Resources and Export Diversification in Africa: A New Test of Existing Theories*. Março, 2007. African Trade Policy Centre. Economic Commission for Africa. ATPC, No. 61. Disponibilidade e acesso em: <http://www.uneca.org/atpc/Work%20in%20progress/61.pdf> Abr.2012

PACQUEMENT, F. *How Development Assistance from France and the United Kingdom Has Evolved: Fifty Years on from decolonization*. International Development Policy Series. 2010.Graduate Institute of International and development studies. Disponibilidade e acesso em: <http://poldev.revues.org/137#tocto3n3> Abr.2012

Pan African-e Network. Disponibilidade e acesos em: <http://www.panafricanenetwork.com/>
Abr.2012

PERRY, A. *Africa's Oil Dreams*. 2007. Time Magazine World. Disponibilidade e acesso em:
<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1626751-2,00.html> Dez.2011.

PEREIRA, J.M.N. *África, um novo olhar*. Rio de Janeiro, cadernos CEAP, 2006. 88p.

PISANI, B. *Asian Consumers Driving Demand For Gold*. Ago.2011. CNBC Business News.
Disponibilidade e acesso em:
http://www.cnbc.com/id/43974854/Asian_Consumers_Driving_Demand_For_Gold Jan.2012

Population Growth (annual%) in Sub Saharan Africa.2012. In Trading Economics.
Disponibilidade e acesso em: <http://www.tradingeconomics.com/sub-saharan-africa/population-growth-annual-percent-wb-data.html> Abril.2012

POWLICK, .M. *The Economics of Intrastate Conflict: Observations form the case of Sierra Leone*.
Disponibilidade e acesso em:
<http://www.epsusa.org/publications/newsletter/2007/june2007/powlick.pdf>

PREBISH, R.. *Five Stages in my Thinking on Development*. in: Meier&Seers (eds); *Pioneers in Development*; Oxford University Press, Washington, 1984.

PRITCHARD, E. *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*. 1940. Oxford: Clarendon Press. P.125.

PRUNIER, G. *The Rwanda crisis: history of a genocide*. New York: Columbia University Press, 1995, 378 p.

Publications on Sierra Leone. Security Council Report. Disponibilidade e acesso em:
<http://www.securitycouncilreport.org/site/c.gIKWLeMTIsG/b.2400723/> fev.2012

RATO, M. *O Colonialismo Português, fator de subdesenvolvimento nacional*. Em *Análise Social*, vol. (77-78-79), 1983. Disponibilidade e acesso:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223466018R5gWZ4gf5Cn87IF9.pdf>

Receita Federal Brasileira. *Investimento Direto Estrangeiro- IDE*. Disponibilidade e acesso em: <http://www.receita.fazenda.gov.br/aduana/IDE/IDEBrasilCuba/ide.htm> Abr.2012

REKACEWICZ, P. *Useful Africa*. Fev, 2011. Le Monde Diplomatique.
<http://mondediplo.com/maps/usefulafrica><http://mondediplo.com/maps/usefulafrica> Abr.2011.

RENO, W. *Warlord Politics and African States*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998.

RICE, X. *China's Economic Invasion of Africa*. 06.02.2011. The Guardian. Disponibilidade e acesso: <http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/06/chinas-economic-invasion-of-africa> nov.2011

RODNEY, *How Europe Underdeveloped Africa*, p.80. Bogle-L'Ouverture Publications, London and Tanzanian Publishing House 1973

RODRIGUES, S. M. *Inserção Internacional de Quase-Estados no século XX: A política das Nações Unidas*. Disponibilidade e acesso: <http://ftp.unb.br/pub/UNB/ipr/rel/cena/2001/3283.pdf> 20.fev.2006 7.abr.2006.

ROSS, M. *Natural resources and civil War: an Overview*. California. UCLA Department of Political Science. 2003. Disponibilidade e acesso em: <http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/ross/WBpaper.pdf>

_____ 2002, *Booty Futures: Africa's Civil Wars and the Futures Market for Natural Resources*, Los Angeles, UCLA Department of Political Science.

SACHS, J. D. *The Development Challenge*. Foreign Affairs, vol. 84, No. 2, p. 78-90, march/april 2005.

SENGHAAS KNOBLOCHT, E. *The Internationalization of Capital and the Process of Underdevelopment*. The Case of Black Africa. Journal of Peace Research. No 4, Vol.XII/1975. Frankfurt.

SHARAKY, A. Mineral Resources and Exploration in Africa. 2011. Department of Natural Resources, Cairo University. Disponibilidade e acesso em: http://african.cu.edu.eg/Dr_Abbas/Papers/Minerals_2011.pdf Abr.2012

SHEALY, M. *Chinese Oil Demand: Steep Incline Ahead*. Abr, 2008. U.S. Energy Information Administration. http://www.eia.gov/conf_pdfs/Monday/shealy.pdf p.1 dez.2011

SHIKWATI, J. *A ajuda atrapalha*. James Shikwati em entrevista concedida a Diogo Schelp. In: *Revista Veja*, Editora Abril, Edição 1917, Ano 38, No. 32, 10 de agosto de 2005.

SHIVJI, I. G. *The Changing Development Discourse in Africa*. *Global Policy Forum*. Disponibilidade e acesso: <http://www.globalpolicy.org/socecon/develop/africa/2006/0221/dcstats.pdf> 10.mar.2006.

SMITH, K., FORDELONE, T. Y. , ZIMMERMANN, F. OECD Development Co-operation Directorate. *Beyond The Dac: The Welcome Role Of Other Providers Of Development Co-Operation*. Maio, 2010. Disponibilidade e acesso em: <http://www.oecd.org/dataoecd/58/24/45361474.pdf> Abr. 2012.

SÖDERLING, L. “ *Escaping the Curse of Oil? The Case of Gabon*”. 1993. IMF Working Paper. P.3

STIGLITZ, *Globalização: como dar certo*. Trad. Pedro Maia Soares. Cia das Letras, 2007.

Sudan's Civil War. Global Securities. Disponibilidade e acesso em: <http://www.globalsecurity.org/military/world/war/sudan-civil-war1.htm> fev.2012.

The International Bank for Reconstruction and Development. *Financing Adjustment with Growth in the Sub-Saharan Africa, 1986-90*. Washington:, 1986.

The Financial Express. *Team 9 opens a New Innings In India- West Africa Relations*. 2004. Disponibilidade e acesso em: <http://www.financialexpress.com/news/team-9-opens-a-new-innings-in-indiawest-africa-relations/87180/0> Abr. 2012

THIELKE, T.; WIEDEMANN, E. *Choking on aid money in Africa*. Der Spiegel. Disponibilidade e acesso:

<http://service.spiegel.de/cache/international/spiegel/0,1518,363604,00.html> 4.jul.2005.

TISCH, S. J.; WALLACE, M. B. *Dilemmas of development assistance: the what, why and who of foreign aid*. Colorado, Oxford: Westview Press, Inc., 1994.

Trade and Environment Database. American University.1996. Disponibilidade e acesso em: <http://www1.american.edu/TED/ghangold.htm> out.2011

TORRES, E. *O papel do petróleo na geopolítica americana*, In: FIORI, J.L. (Org.) *O poder americano*. Petrópolis: Editora Vozes.

UNCTAD, Development in Africa.

<http://www.unctad.org/Templates/Startpage.asp?intItemID=2871>

U.S. Department of State. *Background Note: Zimbabwe*. Out, 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/5479.htm#econ> Jan.2012

U.S. Department of State. *Background Note: Sierra Leone*. Jan, 2012. Disponibilidade e acesso em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/5475.htm> Jan.2012

U.S. Department of State. *Background Note: Mali*. Jan, 2012. Disponibilidade e acesso em: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2828.htm#econ> Jan. 2012.

VAN DE WALLE, N. *Overcoming Stagnation in Aid-Dependent Countries*. Center for Global Development, Washington D.C.2005.

VICENTIN, C. Fim da Guerra de Angola fez com que economia crescesse 800% em 9 anos. Abr.2012. Correio Braziliense. Disponibilidade e acesso em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2012/04/06/interna_mundo,296692/

fim-da-guerra-civil-da-angola-fez-com-que-economia-crescesse-800-em-9-anos.shtml
abr.2012.

Vinte Anos após a Eco 92, especialistas avaliam mudanças e expectativas para a Rio +20.
Episódio 30/04/2012.Sem Fronteiras. In Globo News. <http://g1.globo.com/globo-news/sem-fronteiras/videos/t/todos-os-videos/v/vinte-anos-apos-a-eco-92-especialistas-avaliam-mudancas-e-expectativas-para-a-rio20/1922117/>

VIZENTINI, P. *A África nas Relações Internacionais*. Artigo eletrônico.

WALLERSTEIN, I. *The three stages of African Involvement in the world- economy*. In *Africa and the Modern World*. 1986. Africa World Press. New Jersey

------. *The Politics of Independence and Unity*. Lincoln, Neb.: University of Nebraska Press, 2005.

WANG, J. *What Drives China's Growing Role in Africa?* IMF Working Paper. 2007. Disponibilidade e acesso em:<http://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2007/wp07211.pdf> abr, 2012.

World Bank. *World Development Report: Agriculture for Development*. 2008. World Bank, Washington DC.

YAGER, T. *The Mineral Industry of South Africa*. In: 2010 Mineral Yearbook. US Geological Survey. 2011. Disponibilidade e acesso em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2009/myb3-2009-sf.pdf> Mar. 2012

ZHAO, S. *The Geopolitics of China-African Oil*. 2011. China Briefing. Disponibilidade e acesso em: <http://www.china-briefing.com/news/2011/04/13/the-geopolitics-of-china-african-oil.html> Mar. 2012